CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Sandra Lúcia Santos

ESCRITOS DE ANÍSIO TEIXEIRA DO PERÍODO DE 1929 A 1951: LEITURAS DA AMERICANIDADE A PARTIR DAS VIAGENS À EUROPA (1925) E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1927 E 1929)

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa (Orientador)

Belo Horizonte
2018

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Sandra Lúcia Santos

ESCRITOS DE ANÍSIO TEIXEIRA DO PERÍODO DE 1929 A 1951: LEITURAS DA AMERICANIDADE A PARTIR DAS VIAGENS À EUROPA (1925) E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1927 E 1929)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais(CEFET-MG), na Linha de Pesquisa Ciência, Tecnologia e Trabalho: abordagens filosóficas, históricas e sociológicas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.
Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa

Belo Horizonte
2018

Santos, Sandra Lúcia
S237e Escritos de Anísio Teixeira do período de 1929 a 1951: leituras da americanidade a partir das viagens à Europa (1925) e Estados Unidos da América (1927 a 1929). / Sandra Lúcia Santos. – – Belo Horizonte, 2018.
161 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, 2018.
Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa

Bibliografia

1. Educação. 2. Teixeira, Anísio, 1900-1971. 3.História da Educação. I. Pedrosa, José Geraldo. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título

CDD 371.904

Elaboração da ficha catalográfica pela Bibliotecária Elisângela Gonçalves Barbieri CRB-6: 2624 / CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n°. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Sandra Lucia Santos

"Escritos de Anísio Teixeira no período de 1929 a 1951: leituras da americanidade a partir das viagens à Europa (1925) e Estados Unidos da América (1927 a 1929)"

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 28 de junho de 2018, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa - Orientador
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Maria Adélia da Costa
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Flávio Raimundo Giarola
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

“(...) As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.”
(Carlos Drummond de Andrade, Memória.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder saúde e energia para desenvolver esse trabalho e concluí-lo como um sonho realizado.

Agradeço ao queridíssimo e estimado, professor e companheiro José Geraldo, que pacientemente seguiu ao meu lado neste caminho árduo e prazeroso. Obrigada por ter me aceitado como sua orientanda, quando me deparei com a possibilidade de pela terceira vez não conseguir entrar no Mestrado. Obrigada pela sua bondade e solidariedade nos momentos difíceis. Obrigada por permitir que eu tenha conhecido Anísio Spínola Teixeira, figura pela qual sinto admiração e orgulho.

Agradeço aos demais professores do mestrado, em especial pela querida Márcia Goretti, pela sensibilidade e cuidado, que generosamente me incentivou com palavras encorajadoras e carinhosamente me presenteou com a oportunidade de ser orientada pelo Professor e amigo José Geraldo Pedrosa, figura da minha mais alta estima e consideração. Obrigada a todos os demais professores e colaboradores do Programa, aos que estão na ativa e aos aposentados, em especial Dra. Maria Aparecida da Silva, pelas lições, carinho e generosidade que demonstraram durante esta caminhada que percorri nesta instituição.

Agradeço aos professores Maria Adélia da Costa e Flávio Raimundo Giarola, por aceitarem participar da banca de defesa pública dessa dissertação e contribuírem para a melhoria do meu trabalho.

Agradeço aos amigos do mestrado, em especial à minha queridíssima e generosa Daniela Teixeira Resende e sua linda família, que me acolheu e compartilhou comigo as minhas angústias, receios, risadas e muitos momentos felizes.

À minha família, em especial a minha vovó e mamãe Esperança Santos, que devo a minha vida, meus princípios e meus valores. Ao meu pai de coração tio Celinho, à minha irmã Renata, as minhas filhas do coração Lorraine, Luísa e a minha estimada prima Camila, que longe fisicamente sempre estiveram perto de coração, me fortalecendo, com orações, confiança e carinho. Obrigada por estarem sempre presentes na minha vida, com palavras de incentivo, força e principalmente por se orgulharem tanto do que eu sou.

Agradeço em especial pelo meu irmão Rodrigo que em meio às correrias da vida, sempre encontrou um tempo para estar comigo e me ouvir e ao meu namorado e companheiro de lutas Darley, por estar por perto, me ouvindo, participando, incentivando e puxando a orelha de vez em quando.

RESUMO

A pesquisa que deu origem a dissertação insere-se na linha de pesquisa *Ciência, Tecnologia e Trabalho: abordagens filosóficas, históricas e sociológicas*, do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – Mestrado em Educação Tecnológica - do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG). O foco da pesquisa refere-se às descrições e elaborações teóricas sobre a anglo-americanidade feitas por Anísio Teixeira, nos escritos de 1929 a 1951, a partir de duas viagens internacionais realizadas em 1925 (Europa) e em 1927 e 1929 (Estados Unidos da América). Trata-se, pois, de uma pesquisa de natureza teórica que focaliza um conjunto de textos de autoria de Anísio Teixeira, que é um dos importantes intelectuais da educação brasileira e defendia a integração, no âmbito escolar, das formações propedêuticas e técnicas, ou, nos termos do escolanovismo, de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. No período em questão, de modo particular nos anos 1930, Anísio Teixeira esteve diretamente envolvido com reformas do ensino secundário. O objetivo da pesquisa foi identificar quais foram às repercussões das viagens internacionais de Teixeira e como essas experiências se tornaram presentes nos seus escritos de 1929 a 1951. A pesquisa teve a finalidade de identificar as possíveis leituras da anglo-americanidade estão presentes nos discursos de Anísio Teixeira e como seus sentidos relacionam sociedade e educação. Como conclusão a dissertação apresenta o posicionamento de Teixeira sobre a civilização anglo-americana como um acontecimento consistente e acumulado progressivamente ao longo de séculos de história. A conclusão também sintetiza algumas apropriações que Teixeira fez das referências pedagógicas produzidas pela nova civilização e a relação entre a educação pública de boa qualidade e a democracia social. Tais apropriações e a defesa pela democracia e de uma escola para todos, custaram a Anísio Teixeira sua demissão da Secretaria da Educação do Distrito Federal em 1935 e sua surpreendente morte no fosso de um elevador em 1971.

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Anglo-americanidade. Educação.

ABSTRACT

The research that gave rise to this dissertation is part of the research line Science, Technology and Work: philosophical, historical and sociological approaches of the Post-Graduation Program in Technological Education - Master in Technological Education - of the Federal Center of Technological Education of Minas Gerais (CEFET /MG). The focus of this research is on Anísio Teixeira's theoretical descriptions and elaborations on Anglo-Americanism in his writings from 1929 to 1951, based on two international journeys made in 1925 (Europe) and in 1927 and 1929 (United States of America). It is, therefore, a research of a theoretical nature that focuses on a set of texts written by Anísio Teixeira, who is one of the important intellectuals of the Brazilian education who defended the integration, in the scholastic scope, of the propaedeutic and technical formations, or, in the in terms of The New School, of a single, public, laic, compulsory and free school. In the period in question, particularly in the 1930s, Anísio Teixeira was directly involved in Secondary Education reforms. The objective of the research was to identify the repercussions of Teixeira's international travels and how these experiences became present in his writings from 1929 to 1951. The research had the purpose of identifying the possible Anglo-American readings present in the discourses of Anísio Teixeira and how their senses relate society and education. As a conclusion the dissertation presents Teixeira's position on Anglo-American civilization as a consistent and progressively accumulated event over centuries of history. The conclusion also summarizes some appropriations that Teixeira made of the pedagogical references produced by the new civilization and the relation between good quality public education and social democracy. Such appropriations and defense for democracy and a school for all cost Anísio Teixeira his resignation from the Education Department of the Federal District in 1935 and his astonishing death in the elevator pit in 1971.

Keywords: Anísio Teixeira. Anglo-American Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição obra: em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos 26

Quadro 2– Composição do capítulo IV – Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos 45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET/MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC	Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
INEP	Instituto Nacional de Educação
NAAAB	Narrativas e Apropriações Anglo-americanas no Brasil
SMFE	Serviço de Matrícula e Frequência Escolares
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 INTERPRETAÇÕES ANISIANAS DA ANGLO-AMERICANIDADE CONTIDAS NO LIVRO "EM MARCHA PARA A DEMOCRACIA: À MARGEM DOS ESTADOS UNIDOS" 25

1.1 A alma da civilização anglo-americana 26

1.2 Os Estados Unidos constituem uma nova civilização 33

1.3 As relações entre democracia e industrialismo 38

1.4 Sobre os limites da democracia liberal anglo-americana 44

1.5 Particularidades da era científica 50

1.6 Sobre a democracia e sua direção 54

2 INTERPRETAÇÕES ANISIANAS DA ANGLO-AMERICANIDADE CONTIDAS NO LIVRO "PEQUENA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: A ESCOLA PROGRESSIVA OU A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA" 58

2.1 Sobre reacionários e renovadores 59

2.2 A transformação da escola ou a filosofia da escola nova ou escola progressiva 61

2.3 Aspectos organizacionais da escola centrada no aprendiz e na aprendizagem 69

2.4 Sobre a relação entre escola e sociedade 75

2.5 Questões da conduta humana: entre a tradição e a modernidade 79

2.6 Sobre a Filosofia e a educação 83

3 "EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA: INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL": A POLÍTICA PRÁTICA DE TEIXEIRA E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS ANGLO-AMERICANAS NO BRASIL 88

3.1 Análise de Teixeira sobre a educação no Brasil sob diferentes níveis e aspectos 88

3.1.1 Sobre "o problema brasileiro de educação" 89

3.1.2 Sobre a autonomia dos serviços de educação 93

3.1.3 A educação pré-escolar: 94

3.1.4 Sobre "a Educação elementar e seus objetivos" 97

3.1.5 Sobre a educação rural 100

3.1.6 Sobre a educação secundária 103

3.1.7 Sobre a universidade e a sua função 105

3.2 A análise de Teixeira sobre o sistema escolar do Distrito Federal 110

3.2.1 Sobre a administração do sistema escolar 110

3.2.2 Sobre a organização e administração da escola elementar 114
3.2.3 Sobre escola elementar: a constante atualização e a formação de professores 116
3.2.4 Sobre educação secundária, técnica e de extensão 121
3.2.5 Sobre o financiamento da escola pública 124
3.2.6 Sobre estrutura física e aparelhamento das escolas 126

4 ARTIGOS, ENTREVISTAS, TEXTOS PARA PALESTRAS, CARTAS E OUTROS TEXTOS ESCRITOS POR ANÍSIO TEIXEIRA NO PERÍODO DE 1929 A 1951 130
4.1 A palestra sobre escola nova em 1931 130
4.2 Entrevista ao jornal A Nação, do Distrito Federal 139
4.3 Entrevista a O Jornal: críticas à constituição de 1934 142
4.4 As cartas 143
4.4.1 A carta de demissão da Secretaria de Educação do Distrito Federal 144
4.4.2 As cartas entre Anísio Teixeira e Lourenço Filho: 146

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 153

6 REFERÊNCIAS 156

APÊNDICE A: FONTES DA PESQUISA 159

INTRODUÇÃO

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa *Ciência, Tecnologia e Trabalho: abordagens filosóficas, históricas e sociológicas,* do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – Mestrado em Educação Tecnológica - do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG). A ligação entre este projeto de dissertação e a referida linha é o programa de estudos e pesquisas *narrativas e apropriações anglo-americanas no Brasil*[1], coordenado pelo professor José Geraldo Pedrosa. O foco do projeto de dissertação envolve as descrições e elaborações teóricas sobre a anglo-americanidade feitas por Anísio Teixeira, nos escritos de 1929 a 1951, a partir de duas viagens internacionais realizadas em 1925 (Europa) e em 1927 e 1929 (Estados Unidos da América-EUA). Trata-se, pois, de uma pesquisa de natureza teórica que focaliza um conjunto de textos de autoria de Anísio Teixeira. O vínculo com a temática *Ciência, Tecnologia e Trabalho* está no fato de Anísio Teixeira ser um dos importantes intelectuais da educação brasileira que defendia a integração, no âmbito escolar, das formações propedêutica e técnica, ou, nos termos do escolanovismo, de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. No período em questão, de modo particular nos anos 1930, Anísio Teixeira esteve diretamente envolvido com reformas do ensino secundário.

Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) é natural do nordeste brasileiro, teve a juventude marcada pela formação católica jesuíta, graduou-se em Ciências Jurídicas e foi intelectual com intensa atuação na educação pública brasileira como articulador, gestor, escritor e tradutor. Nos anos 1920 - 30 Anísio Teixeira foi um destacado articulador do movimento pela escola nova[2]. As características de sua personalidade e motivação pessoal muito contribuíram para a efetivação de mudanças na educação brasileira. Nascido em Caetité no sertão da Bahia em 12 de Julho de 1900, era filho do coronel, médico e latifundiário Deocleciano Pires Teixeira e de Anna Spínola Teixeira (SILVA, 2016, p.135).

[1] NAAAB, Grupo de estudos e pesquisas certificado pelo CEFET-MG e cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq.

[2] O Movimento Escola Nova resultou no *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, em 1932, articulado por Fernando Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira e mais 23 signatários intelectuais educadores ilustres da época. O manifesto propunha que o Estado tomasse a responsabilidade e organizasse um plano geral de educação que defendesse uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Os pioneiros da Escola Nova estavam preocupados com a evolução da educação, que deveria ser essencialmente pública, contínua e humanística: "(...) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa, que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade." (AZEVEDO, 1932, p.1)

Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) é natural do nordeste brasileiro, teve a juventude marcada pela formação católica jesuíta, graduou-se em Ciências Jurídicas e foi intelectual com intensa atuação na educação pública brasileira como articulador, gestor, escritor e tradutor. Nos anos 1920-30 Anísio Teixeira foi um destacado articulador do movimento pela escola nova[3]. As características de sua personalidade e motivação pessoal muito contribuíram para a efetivação de mudanças na educação brasileira. Nascido em Caetité no sertão da Bahia em 12 de julho de 1900, era filho do coronel, médico e latifundiário Deocleciano Pires Teixeira e de Anna Spínola Teixeira. (SILVA, 2016, p.134)

Após a formação escolar inicial, em 1914, Anísio Teixeira partiu de Caetité para Salvador, onde ingressou no Colégio Antônio Vieira e, influenciado pelo padre Luiz Gonzaga Cabral, colocou em seu horizonte de expectativas o ingresso, como religioso, na tradicional Companhia de Jesus. Em 1922, conforme a vontade do pai em vê-lo político, Anísio Teixeira tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ. (SILVA, 2016, p.135)

Em 1924 o coronel Deocleciano, homem influente na política baiana, pleiteou para Anísio Teixeira uma vaga de promotor público junto ao recém-eleito governador Francisco Marques de Góes Calmon. Este, no entanto, fez a surpreendente proposta para que o jovem Anísio Teixeira ocupasse o cargo de inspetor geral do ensino na Bahia. O convite, inicialmente recusado, porque Anísio Teixeira se considerava despreparado para a função, foi reiterado e finalmente aceito. (SILVA, 2016, p.135)

Presente neste cenário político, por influência de seu pai, Anísio Teixeira iniciou-se na vida pública em 1924, na referida Inspetoria Geral do Ensino da Bahia, passando logo depois a Diretor da Instrução Pública da Bahia. A atuação de Anísio Teixeira nesse cargo permitiu-lhe conhecer melhor os problemas da educação baiana, dentre eles a precariedade do sistema escolar, assim como alto índice de analfabetismo.

[3] O Movimento Escola Nova resultou no *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, em 1932, articulado por Fernando Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira e mais 23 signatários intelectuais educadores ilustres da época. O manifesto propunha que o Estado tomasse a responsabilidade e organizasse um plano geral de educação que defendesse uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Os pioneiros da Escola Nova estavam preocupados com a evolução da educação, que deveria ser essencialmente pública, contínua e humanística: "(...) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa, que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade." (AZEVEDO, 1932, p.1)

Anísio Teixeira buscou conhecimentos pedagógicos em experientes educadores, como Antônio Carneiro Leão e Afrânio Peixoto, que já haviam ocupado o mesmo cargo de diretor da Instrução Pública na Bahia. Após a leitura do livro de Omer Buyse, *Méthodes américaines d' éducation Générale et Tecnique* (1908), presenteado por Carneiro Leão, Anísio Teixeira propôs uma reforma de ensino na Bahia, aprovada poucos meses depois e escreveu artigos que expõem suas ideias e críticas acerca da situação do ensino na Bahia. Anísio foi um sonhador, cultivador, pioneiro em projetos e experiências na educação brasileira. Seu posicionamento como gestor era pela defesa de uma educação igualitária, sem privilégios e de oportunidade para todos.

Na ocasião em que Anísio Teixeira assumiu o cargo de Inspetor Geral de Ensino na Bahia, encontrou um cenário político e social, diferente do que ele almejava, marcando sua trajetória por desafios e exigindo dele uma postura firme e focada, a favor de uma educação justa, sem privilégios, igualitária e de boa qualidade. Com sua aproximação dos problemas da educação, Anísio Teixeira sentiu a necessidade de buscar motivações pessoais e referências bem sucedidas em países desenvolvidos, que pudesse orientar sua conduta como gestor. Na busca por inspirações e soluções para a educação brasileira, o jovem Teixeira viajou pela primeira vez à Europa, em 1925, permanecendo por lá durante quatro meses. Em sua estadia na Europa, Anísio Teixeira buscou refletir sobre suas possibilidades de futuro, já que nas primeiras décadas de sua vida, principalmente entre os 20 e 30 anos, vivia inclinado à consagração da vida religiosa, por influências dos padres jesuítas e à frente do grande desafio de assumir o cargo de diretor da instrução pública na Bahia, sob pressão de seu pai. Anísio Teixeira se sentia desnorteado e desconfortável com a situação de estar à frente de um cargo político na área da educação, para o qual, não possuía a formação e os conhecimentos necessários, para vencer os obstáculos que a Bahia enfrentava na época.

Na viagem à Europa, Anísio Teixeira foi acompanhado por padres jesuítas, onde visitou igrejas, mosteiros, museus e escolas. Durante a viagem visitou Portugal, Espanha, França, Itália e Bélgica. Anísio Teixeira esperava visualizar soluções implantadas nas instituições educacionais, que pudessem auxiliá-lo na resolução dos problemas, enfrentados na educação brasileira da época. Porém, de todos os países visitados, somente na Bélgica, onde Anísio Teixeira permaneceu por cerca de vinte dias, foram vislumbradas ações educacionais expressivas. As visitas a mosteiros, museus e igrejas foram concentradas na Espanha, Itália, França e Roma, onde Teixeira foi ao Vaticano por ocasião do "ano santo", convocado pelo Papa Pio XI. (SILVA, 2016, p. 26)

Durante e após a viagem Anísio Teixeira fez uma série de anotações, todas de cunho pessoal contidas num texto bastante parecido com um diário, embora contendo também anotações de cunho reflexivo. Nesses escritos Anísio Teixeira mencionou o cotidiano da viagem e as principais cenas que lhe chamaram a atenção. Segundo Silva (2016, p.19) tais escritos acumulam 54 páginas manuscritas, estando o original sob guarda do Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro (FGV).[4]

Insatisfeito com as inspirações que a Europa lhe proporcionara nos assuntos educacionais, após retornar à Bahia e identificar melhor os desafios que tinha pela frente, em 1927, Anísio Teixeira vai aos Estados Unidos da América (EUA) pela primeira vez e lá permanece por oito meses. Durante a sua permanência nos EUA, ele conhece a pedagogia de John Dewey.

A viagem aos EUA permitiu a Anísio Teixeira produzir um diário - com o título *Anotações de viagem aos Estados Unidos* - e um relatório. De acordo com Silva (2016, p.19), a versão original do diário de bordo possui cinquenta páginas manuscritas e encontra-se também sob a guarda do CPDOC da FGV. “O relatório de viagem consiste numa descrição (...) sobre (...) visita às instituições educacionais americanas e um texto de cunho teórico, uma espécie de súmula sobre a educação pragmática de John Dewey.” (SILVA, 2016, p. 20). O relatório de cunho teórico, denominado *Aspectos americanos de* educação[5], foi publicado em 1928, em duas edições distribuídas pela Diretoria de Instrução Pública da Bahia aos professores das escolas normais e às bibliotecas. Ainda de acordo com Silva (2016), no ano de 2006 “[...] todos os textos produzidos a partir da viagem aos EUA (o diário, o relatório da excursão com o texto teórico) foram publicados em forma de livro na coleção *Anísio Teixeira” (*2016, p. 29).

Em 1928, Anísio Teixeira retornou aos EUA, onde permaneceu por 10 meses, fez um curso de pós-graduação e tornou-se *Master of arts* pela Universidade de Colúmbia, em New York, ocasião em que conheceu o educador John Dewey. A segunda “(...) viagem de Anísio Teixeira, realizada entre meados de 1928 e 1929, levou-o para o Teachers College, em New

[4] TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem à Europa**. Lisboa, 1925, 54p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

[5] TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação.** Salvador: Tip. de São Francisco, 1928. 166 p.

York, e foi decisiva para a transformação pessoal que o tornaria um dos intelectuais e líderes do campo educacional mais polêmico e destacado em nosso país." (NUNES, 2007, p.11).

Anísio Teixeira, durante essa segunda viagem aos EUA, percebeu a presença do industrialismo, não somente em relação ao desenvolvimento econômico do país, mas, principalmente, em relação ao desenvolvimento do indivíduo anglo-americano[6] e à sua forma de pensar e viver. Segundo dicionário político online de português, o termo anglo-americano significa "aquele que possui simultaneamente origem inglesa e americana, especificadamente norte-americana, que pertence de modo simultâneo aos Estados Unidos ou a Grã-Bretanha, especialmente à Inglaterra". "Refere-se à América inglesa, geralmente aos Estados Unidos, ou que é nativo ou habitante desse país: hábitos anglo-americanos". Nesta época, o Brasil ainda era um país predominantemente agrário, coronelista, atrasado economicamente e marcado pela herança escravista.

Por ocasião das duas viagens, Anísio Teixeira fez anotações que contêm tanto aspectos descritivos, quanto reflexões pessoais e teóricas. Estudos realizados por Silva (2016), sobre os escritos europeus e americanos de Teixeira nos anos 1920, revelaram diferenças significativas entre os conteúdos dos dois conjuntos de escritos. Nos escritos europeus, Anísio Teixeira dedicou-se muito mais às descrições e interpretações sobre paisagens, pessoas e culturas, sendo que as questões relativas à educação e às escolas ocupam um espaço bastante reduzido. Segundo Silva (2016), do total de 60 páginas manuscritas, apenas seis são dedicadas ao registro das impressões sobre as escolas belgas. Por outro lado, no extenso conjunto de escritos americanos (119 páginas impressas) ocorre o contrário e, neles, Anísio Teixeira focaliza quase que exclusivamente as questões da educação escolar, tanto no tocante a descrições de aspectos físicos, organizacionais e outros, quanto no tocante a fundamentos teóricos da pedagogia anglo-americana.

Entretanto, sondagens já realizadas pela autora deste projeto, em escritos produzidos nos anos 1929 a 1951, indicaram que, neles, Anísio Teixeira faz o que não fez nos escritos dos anos 1920, ou seja, elabora sua interpretação sobre o povo, a cultura e as instituições americanas. Nesse sentido, esta dissertação foi direcionada aos escritos do período de 1929 a 1951. Segundo Silva (2016), o sujeito que realiza as duas viagens internacionais em 1925 e

[6] As expressões anglo-americano ou anglo-americanidade sempre serão utilizadas aqui como referência aos Estados Unidos da América. O uso da expressão anglo-americana é uma tentativa de usar um termo menos genérico que americano (que envolve as três américas) e mais específico ainda que norte-americano (que abrange outros países da América do Norte.

1927-1929 ainda era um jovem, que não havia decidido a inclinar-se definitivamente pelas questões da educação pública. Essa juventude foi delineada por Silva (2016), em função da questão etária (Teixeira tinha menos de 30 anos), das indefinições nas preferências políticas (oscilações entre monarquia e república), das indefinições quanto ao projeto pessoal de futuro (vocação religiosa ou carreira jurídica e política) e, principalmente, da inexperiência em assuntos educacionais. Diferente é o que ocorre a partir de 1929, quando Anísio Teixeira regressa de sua segunda viagem aos EUA, após cursar mestrado na Universidade da Colúmbia. A segunda

> (...) estadia nos Estados Unidos da América permitiu a Anísio Teixeira demarcar uma nova base social que reforçou as mudanças que vinha sofrendo em sua personalidade e identidade. (...) Anísio mergulhou na discussão de concepções filosóficas e políticas e pode abrir mão de uma percepção metafísica do mundo, abandonando a restauração e se alinhando ao liberalismo deweyano. (NUNES, 2007, P.151)

Quando Anísio Teixeira retorna ao Brasil em 1929, já era sujeito inclinado aos assuntos da escola pública e mergulha fundo na articulação do movimento escolanovista, na gestão da educação na Bahia, no Distrito Federal e na implementação de projetos inovadores, como a Escola Parque. Essa mudança permite identificar Anísio Teixeira como outro sujeito: não mais como um jovem inseguro e indeciso, mas como um sujeito já inspirado, entusiasmado e decidido a abraçar a questão educacional.

É nesse sentido que este projeto focaliza os escritos anisianos do período de 1929 a 1951, produzidos no Brasil, nos tempos de aceleração da industrialização brasileira, na chamada era Vargas e nos tempos de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública, no calor do escolanovismo e em circunstâncias nas quais, Anísio Teixeira mergulha fundo na gestão da educação pública em duas unidades da federação, além de outras experiências. O ano de 1929 é uma referência temporal para a delimitação da pesquisa, porque é o ano que marca o fim de um ciclo, na trajetória de Anísio Teixeira. Ciclo marcado pelo ingresso prematuro na gestão educacional, pelas viagens internacionais, pelo mestrado em Colúmbia e pela inclinação definitiva pela educação pública. De 1929 em diante, Anísio Teixeira faz circular no Brasil as ideias de John Dewey, atua como protagonista nas articulações escolanovista, participa da gestão da educação pública no Distrito Federal (DF), onde realiza uma série de inovações, inclusive a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935. Foi também em 1935 que Anísio Teixeira, incomodado pelo governo Vargas, pediu demissão do cargo público no DF e retornou à Bahia, onde cuidou de negócios particulares, leu e escreveu. O retorno de Anísio

Teixeira à cena pública ocorre em 1946, quando ocupa o cargo de conselheiro de ensino superior da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Em 1947 volta o comando da educação na Bahia, a convite do recém-eleito governador Otávio Mangabeira, para ocupar a Secretaria de Educação e Saúde dessa unidade da federação, posto no qual, permaneceu até o final do governo (1947-1951). O ano de 1951 é referência temporal demarcatória da pesquisa, porque é o ano que marca o início de outro ciclo na trajetória de Anísio Teixeira, quando ele assume a função de Secretário Geral da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e, em seguida, a direção do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos).

Dois questionamentos já mencionados conduzem a um refinamento da pesquisa. O primeiro vem dos achados de Silva (2016), que segundo a autora nos escritos europeus Anísio Teixeira prioriza a descrição da Europa - suas paisagens, sua gente e sua cultura - e deixa em segundo plano as descrições sobre as escolas e a pedagogia Europeia. Diferente são os escritos anglo-americanos, nos quais Anísio Teixeira prioriza a detalhada descrição da educação escolar e deixam em segundo plano, suas interpretações acerca da sociedade, suas instituições e o *modus vivendi* de seu povo. O segundo foi proveniente de leituras exploratórias que a autora dessa dissertação realizou dos escritos anisianos do período de 1929 a 1951. As explorações inspiravam a hipótese de que, nesses escritos, Anísio Teixeira iria fazer o que não fez nos escritos da década de 1920, ou seja, elaborar uma interpretação da civilização anglo-americana, que apresenta dois sentidos: o primeiro sentido é descritivo, o outro é teórico. Equivale afirmar que em diferentes escritos do período de 1929 a 1951, Anísio Teixeira não apenas descreve traços característicos da civilização anglo-americana, mas, elabora teorizações acerca das particularidades desse povo. Por outro lado, as referências à Europa aparecem com pouca evidência, mais como objeto de crítica de algo a ser apropriado por Anísio Teixeira.

Assim, a questão da pesquisa é menos referente às repercussões das duas viagens da década de 1920 e mais às descrições e elaborações teóricas que Anísio Teixeira fez nos EUA, sua gente e suas escolas. Trata-se saber: quais as possíveis leituras do anglo-americanismo nos discursos (1929-51) de Anísio Teixeira e como foi a relação desses sentidos com a sociedade e a educação? Em outros termos, quais elaborações revelam apropriações da anglo-americanidade no pensamento de Anísio Teixeira no Brasil?

É oportuno esclarecer o significado de apropriação, que não equivale à transposição ou imitação. Nos termos postos por Silva (2015), apropriação é o mesmo que

> (...) reconhecimento de determinadas práticas e ideias pertencentes a outro contexto que possam ser adaptadas e reformuladas com a finalidade de resolver questões da própria realidade do preponente. É também o processo da (re) simbologização, *i.e.*, da redefinição e da atribuição de novos significados e de novos sentidos (nesse caso, sentido significa dizer que determinada coisa tende a algo). (SILVA[7], 2015, p.56)

Do objetivo geral, foram deduzidos três objetivos específicos: identificar referências aos EUA nas obras selecionadas de Anísio Teixeira; identificar eventuais comparações entre Europa e EUA (sociedade e educação); analisar as interpretações de Anísio Teixeira sobre sociedade e educação e relacioná-las à anglo-americanidade.

Para justificar a relevância acadêmica da pesquisa realizada e também para delimitar o foco, foram consideradas duas revisões de literatura realizadas por Carvalho (2014) e Silva (2016). No que diz respeito às teses e dissertações sobre Anísio Teixeira, Carvalho (2014) realizou levantamento no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O relatório elaborado pela autora está presente no capítulo três da dissertação intitulada *Educação escolar e americanismo em escritos de 1927 e 1934 de Anísio Teixeira*. Os resultados analisados compreendem o período de 1987 a 2011, tendo como referência a palavra-chave *Anísio Teixeira*. Carvalho (2014) encontrou 52 teses, 164 dissertações de mestrado acadêmico e doze produtos de mestrado profissional, totalizando 228 produtos. Entre os 228 produtos encontrados, havia 133 pesquisas em que aparecia o nome de Anísio Teixeira, mas que não se referiam ao educador brasileiro e sua obra, mas, sim, ao Instituto Nacional de Educação Anísio Teixeira (INEP). Esses produtos sobre o INEP foram excluídos por Carvalho (2014), por não adotar em obra de Anísio Teixeira como objeto de estudo ou como referencial teórico. Após este primeiro filtro, permaneceram 32 teses e 63 dissertações de mestrado acadêmico, totalizando 95 produtos. Dos 95 produtos encontrados, a autora classificou-os em dois grandes grupos, sendo um o que Anísio Teixeira aparece como objeto de estudo (49 produtos) e outro como referencial teórico (46 produtos).

Silva (2016, p.14), por sua vez, ampliou a revisão de estudos existentes sobre Anísio Teixeira, priorizando as biografias publicadas em forma de livros. Em sua dissertação Silva destaca as seguintes publicações:

- livro intitulado *Anísio Teixeira: pensamento e ação*, organizado por Azevedo (1960), que consiste numa coletânea escrita por Gilberto Freyre, Afrânio Coutinho,

[7] Maxwell Ferreira da Silva

Fernando de Azevedo, Darcy Ribeiro, Hermes Lima, Jaime de Abreu, Carneiro Leão, Juracy Silveira, Lourenço Filho, Gustavo Lessa, Luiz Henrique Dias Tavares, Delgado de Carvalho e Péricles Madureira de Pinho;

- livro intitulado *Anísio Teixeira: um educador singular*, de autoria de Hermano Gouveia Neto (1973). "O livro foi fruto de exaustivo estudo sobre a vida e a obra de Teixeira, além de conter registros da homenagem que lhe fizeram na Bahia, por ocasião de seu septuagésimo aniversário." (SILVA, 2016, p. 17);
- livro publicado por Geribello (1977), intitulado *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*, no qual a autora entrelaça dados biográficos de Teixeira, fazendo interface com seus escritos, projetos realizados e outras contribuições à educação;
- livro publicado por Lima (1978), intitulado *Anísio Teixeira: estadista da educação* (LIMA, 1978). No livro Lima (1978) descreve a trajetória de Teixeira desde seu nascimento em Caetité (BA) até seus últimos projetos;
- livro de Schaeffer (1988), intitulado *Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações,* que enfatizou o progresso do pensamento educacional de Anísio Teixeira nos primeiros onze anos de sua vida pública – 1924 a 1935;
- livro publicado por Viana Filho (2008), intitulado *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. No livro Viana Filho (2008) perpassa a vida de Anísio Teixeira desde o início de sua atuação pública na década de 1920, realçando detalhes de documentos, cartas e relatos de suas primeiras experiências educacionais;
- livro de (NUNES, 2000), intitulado *Anísio Teixeira: poesia da ação*. A autora investigou a trajetória de Anísio Teixeira, baseando-se na ótica de atuação do historiador, recuperando fontes primárias de arquivos pessoais e estabelecendo diálogo com autores de outras biografias;
- Clarice Nunes também publicou em 2010, na Coleção Educadores, editada pelo Ministério da Educação, o livro *Anísio Teixeira*, que descreve resumidamente sua trajetória pela educação.

Com amparo nas revisões de literatura realizadas por Carvalho (2014) e Silva (2016), o que foi verificado é que se a vida e obra de Anísio Teixeira já foram objetos de muitos estudos, por outro lado, a magnitude de suas intervenções na educação brasileira e a amplitude de seus escritos continua a estimular novos estudos. Em outras palavras, ainda existem questões que permanecem abertas e que justificam novas investigações. Uma dessas questões é sobre as

apropriações que Anísio Teixeira fez de suas viagens internacionais, particularmente de seus contatos com a civilização anglo-americana.

Cabe enfatizar que, no processo de construção do objeto de estudo deste projeto e na delimitação do recorte temporal, a principal interlocução realizada foi com a dissertação de Silva (2016), que estudou os escritos europeus e americanos de Anísio Teixeira e fez comparações entre as duas representações elaboradas. Essa pesquisa identificou quais elaborações e apropriações que Anísio Teixeira realizou a partir das leituras da anglo-americanidade, no período de 1929 a 1951.

Acerca das questões de objeto e método, dois aspectos merecem ser esclarecidos: a lista de escritos analisados e a referência utilizada no exame dos textos.

O objeto da pesquisa foi um conjunto de oito escritos de Anísio Teixeira escritos entre 1929 e 1951, dentre eles estão três obras, um artigo de periódico, duas entrevistas para jornais e duas cartas. O artigo e as obras analisadas na pesquisa foram:

- TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". *Boletim da Associação Bahiana de Educação*. Salvador, n.1, 1930. p.2-30. ("Examina os motivos sociais e pedagógicos da renovação escolar. Adverte para a inadequação da velha escola em relação à concepção moderna de aprendizagem, enumerando as razões que justificariam a sua substituição. Examina as novas exigências da civilização moderna, as tendências gerais que marcariam a sua evolução - como a generalização do método crítico, o impacto da indústria e da democracia - e o papel destacado que cumpririam o interesse do aluno, as situações reais de experiência e a independência do mestre e do aluno no processo educativo, de acordo com a moderna pedagogia."[8])
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934. 210p. ("Apresenta os fundamentos teóricos da Educação Progressiva, suas diretrizes e os elementos necessários à sua aplicação. Enfatiza o inter-relacionamento entre educação e sociedade, analisando a ação dos processos educacionais sobre o indivíduo e seus desdobramentos na organização social como um todo. Enfatiza também a necessidade de fundamentação filosófica na prática educacional.")

[8] Todas as descrições sobre o conteúdo dos textos foram extraídas diretamente e sem adaptações da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira (http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/)

- TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia: introdução á administração educacional*. Escrito em 1935. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 263p. Apresenta em sua parte doutrinária e nos relatos e comentários, uma exposição do que Anísio Teixeira defendeu e realizou na Secretaria de Educação e Cultura, anteriormente Diretoria Geral e Departamento. ("As circunstâncias tornaram o livro de registro e documentação de reforma da educação em marcha no Distrito Federal, um livro de defesa".)
- TEIXEIRA, Anísio. *Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d. [1934]. 195p. ("Avalia o significado da civilização norte-americana, concentrando suas atenções sobre o espírito que a animaria. Enfatizam aspectos característicos e promissores da sociedade norte-americana, como sua inacreditável prosperidade material e sua maior docilidade ao fenômeno de mudança, quando comparada às sociedades do ocidente europeu. Sustenta que, em nenhuma outra parte do mundo, a filosofia que governa as atitudes do homem diante da vida fornece condições para uma total renovação moral e cultural da sociedade, que a nova ordem científica estaria a exigir, tal como a inédita filosofia essencialmente pragmática dos americanos. Apresenta resumidamente as sugestões de John Dewey e Walter Lippmann para a necessária reorganização da teoria democrática. Sugere finalmente que a tarefa de direção da sociedade democrática seria eminentemente uma tarefa de esclarecimento, de educação do público.")

O exame do material da pesquisa foi orientado pela análise do discurso, que considera a linguagem como meio de comunicação, não deixando de lado a realidade em que o emissor vive, bem como os seus significados e sentidos.

Conforme Orlandi (2015, p.15), a palavra discurso, que etimologicamente se conceitua pela ideia de curso e percurso, automaticamente nos remete a imaginar algo em movimento, que durante a sua construção produz maneiras diferentes de significar-se. A relação do sujeito com a sua realidade natural e social, tanto quanto as situações em que o discurso é produzido, são influenciadas pela exterioridade. Dessa forma, a análise do discurso trata como é realizada a materialização da linguagem na ideologia e como a ideologia se faz presente na língua.

> (...) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. (PÊCHEUX, 1975, apud ORLANDI, 2015, p.15)

Vale ressaltar que existem diferenças entre a análise de conteúdo e a análise do discurso.

> A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo a questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do discurso considera que a linguagem não é transparente, desse modo, ela não procura atravessar o texto, para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (...) a questão a ser respondida não é o "o que", mas o "como". (ORLANDI, 2015, p.18)

Segundo Orlandi (2015, p 25), para que seja compreendida a análise do discurso, é necessário que a leitura seja posta de lado, e que seja dado ênfase a questão do sentido. "(...) na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido". A questão é como trabalhar o sentido do discurso:

> Para trabalhar o sentido – definido não como algo em si, mas, como "relação a", segundo Canguilhem (1980) – a análise do discurso reúne três regiões de conhecimento em suas articulações contraditórias: a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. teoria da ideologia; c. a teoria do discurso, que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica. (ORLANDI, 2015, p.25)

A análise do discurso compreende, além dos sujeitos, a situação e a memória. A relação dos sentidos é um dos fatores que determina as condições nas quais, um discurso é produzido, evidenciando a relação de um discurso com o outro. Nesta perspectiva, Orlandi (2015, p.37) relata: "(...) não há, desse modo, começo absoluto e nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com os outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis."

Na perspectiva da análise do discurso, Orlandi (2015, p.41) reitera que "(...) as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem." As "(...) formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas." (Orlandi, 2015, p. 41). A constituição do sujeito e dos sentidos é condicionada pela ideologia e um dos pontos fortes da análise do discurso é a ressignificação do papel da ideologia. Para definir de forma discursiva a ideologia deve-se levar em conta a interpretação, porque é através dela que é atestada a presença da ideologia. Conforme Orlandi (2015, p.44), este "(...) é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência." Para não reduzir o homem ao ser natural, em uma concepção intemporal e a-histórica, o sujeito é considerado pela historicidade. Para produzir sentidos, o sujeito é afetado pela língua e pela história.

Para analisar o discurso é necessário criar dispositivos de análise, para uma eficiência maior quanto aos resultados de uma análise do discurso. Levando em consideração o que já foi explicitado em relação ao assunto, Orlandi (2015, p.57) salienta que: “(...) análise do discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas, o real sentido em sua materialidade linguística e histórica.” Uma análise do discurso não deve assumir posição neutra, mas deve trazer resultados de acordo com a interpretação e o analista deve trabalhar nos limites dela.

Para tratar a textualidade e a discursividade em uma análise do discurso, é importante saber que pouco importa o tamanho do texto analisado, o mais importante é ele que o texto apresente em sua discursividade um significado. Para a análise do discurso, o que importa é encontrar no texto qual é a relação da língua com a história e como o sujeito se posiciona nesse contexto. Segundo Orlandi (2015, p.67), “(...) o trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde, a saber, como o discurso se textualiza.” Nesse caso o texto não é considerado um ponto de partida ou de chegada, porque o que o analista levará em consideração não é o texto em si, mas, sim o processo discursivo, pois é através dele que o analista obterá indicativos para a produção dos sentidos.

Na perspectiva de Orlandi (2015), para identificar o processo discursivo, é necessário estabelecer relações entre o autor (que produz o texto) e o sujeito (que está inserido no discurso), sendo o discurso identificado pelo sentido e o texto representado empiricamente fechado nele mesmo. Ao estabelecer essa relação temos o imaginário e o real, segundo Vignaux (apud. Orlandi, 2015, p.71), o “(...) discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade”. “(...) O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor.”

Segundo Silva (2015, p.56, apud ORLANDI, 2015), o discurso é “palavra em movimento”, “prática da linguagem”. Ele é o espaço em que se articulam língua e ideologia e em que se compreende a produção de sentido para e por sujeitos.

Pelas características do material analisado a pesquisa foi tanto documental quanto bibliográfica. Essas duas modalidades de pesquisa são semelhantes, pois ambas apresentam o documento como objeto de pesquisa. Porém, o conceito de documento não abrange apenas como textos escritos/e ou impressos. Oliveira (2007) diferencia as duas modalidades de pesquisa, a documental e a bibliográfica. Para a autora, pesquisa bibliográfica é feita em fontes

que “(...) já são reconhecidamente do domínio científico” (Oliveira, 2007, p.69), tais como livros, periódicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias e artigos científicos. Por outro lado, análise documental “(...) caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revista, cartas, filmes, gravações fotografias, entre outras matérias de divulgação” (Oliveira, 2007, p.69). Assim, as duas modalidades se diferenciam pela natureza de suas fontes. Oliveira (2007) destaca também que, “(...) na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico”. (p.70). Segundo a autora, é importante que o pesquisador (a) compreenda o significado de fontes primárias e fontes secundárias. A primeira é constituída por documentos originais e a segunda compreende dados secundários, que já foram trabalhados por outros pesquisadores, como o estado da arte do conhecimento. Desse modo, a pesquisa será respectivamente bibliográfica e documental, por ter como materiais tanto documentos originais não publicados, quanto publicações em forma de livro.

Por fim, alguns esclarecimentos sobre a estrutura da dissertação. Além dessa introdução e das considerações finais, a parte textual contém quatro capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à apresentação e análise do livro intitulado “Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos”, o primeiro livro, escrito por Anísio Teixeira após seu retorno ao Brasil, é a rigor, o único texto no qual o autor se dedica a uma elaboração da civilização anglo-americana. O segundo capítulo é dedicado à obra intitulada “Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola”, publicada pela primeira vez em 1934 pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo. Trata-se, portanto, do segundo livro publicado por Teixeira após o seu retorno das viagens realizadas aos EUA no final da década de 1920. O terceiro capítulo apresenta e analisa o livro “Educação para a democracia: introdução à administração educacional”, escrito e publicado em 1935, ano em que Anísio Teixeira se desligou da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal. O livro é organizado em duas grandes partes, sendo que uma delas focalizada na atuação de Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, de 1931 a 1935. O quarto e último capítulo são dedicados à análise de textos avulsos produzidos por Anísio Teixeira, entre os quais cartas, artigos e entrevistas para jornais e artigos utilizados como referência para palestras.

1 INTERPRETAÇÕES ANISIANAS DA ANGLO-AMERICANIDADE CONTIDAS NO LIVRO "EM MARCHA PARA A DEMOCRACIA: À MARGEM DOS ESTADOS UNIDOS"

Preâmbulo

"Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos" foi o primeiro livro escrito por Anísio Teixeira após seu retorno ao Brasil, proveniente das viagens aos EUA. Trata-se de um livro no qual, dedica-se à reflexão e sistematização de suas interpretações sobre a civilização anglo-americana. Nos escritos da década de 1920 relacionados às viagens aos EUA, Teixeira refletiu quase que exclusivamente sobre a educação e o sistema escolar do país visitado. Como salienta Silva (2014), essa ênfase na educação escolar, nos escritos anglo-americanos da década de 1920, é uma situação inversa aos escritos resultantes da viagem realizada à Europa em 1925, quando Teixeira dedicou seu esforço à descrição e análise dos povos e das culturas que conheceu e muito pouco mencionou sobre educação. Nesse sentido, é como se Teixeira tivesse necessitado de quatro ou cinco anos, após o retorno, para refinar e elaborar suas interpretações sobre o povo, a cultura e as instituições anglo-americanas. Certamente este é o único livro no qual Teixeira dedica prioritariamente à análise dos EUA como civilização.

O livro veio o público pela primeira vez em 1934. Entretanto, o texto analisado na pesquisa que deu origem a esta dissertação é a publicação realizada pela Editora UFRJ, em 2007, como parte da "Coleção Anísio Teixeira", que contém todos os livros publicados pelo autor. Além do texto "Apresentação – a paixão pela América", escrito por Ana Maria Bandeira de Melo Magaldi e José Gonçalves Gondra, o livro tem cinco capítulos e uma conclusão, todos escritos por Anísio Teixeira. A publicação tem um total de 111 páginas, incluindo a referida apresentação, sendo que os escritos de Teixeira ocupam 90 páginas.

Quadro 1 – Composição obra: em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos

IDENTIFICAÇÃO	PÁGINAS	TÍTULO
Capítulo I	10	O espírito da civilização americana
Capítulo II	11	Uma civilização nova
Capítulo III	23	Democracia e industrialismo
Capítulo IV	18	Limitações da democracia
Capítulo V	13	Era científica
Conclusão	11	A sociedade democrática e sua direção

Fonte: A autora

A sequência do capítulo é a mesma adotada no texto de Teixeira, partindo do capítulo um até o texto conclusivo. A despeito de adotar a mesma sequência, os títulos do capítulo da dissertação são diferentes dos títulos utilizados por Teixeira em seu livro. Vale registrar que os vocábulos americanos ou civilização americana são utilizados por Teixeira, enquanto que a expressão anglo-americana, conceituada anteriormente, é a opção adotada pela autora dessa dissertação.

1.1 A alma da civilização anglo-americana

Dois vocábulos significativos aparecem no título do primeiro capítulo do livro em análise: “espírito” e “civilização”. E não se trata de um uso aleatório de tais vocábulos e sim de palavras significativas que Teixeira emprega para qualificar os Estados Unidos da América. A propósito, o título do capítulo expressa a tese fundamental nele presente. Para Teixeira os EUA não são apenas um povo, uma nação, ou um país, e sim, uma civilização. Ademais, trata-se de uma civilização animada por um estado de espírito que lhe dá singularidade.

Teixeira não define o significado do vocábulo “civilização”, mas ao longo do primeiro capítulo com suas 10 páginas incompletas o utiliza por 10 vezes, usado de modo recorrente ao longo do livro

O segundo vocábulo é “espírito” que, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 818), é a parte imaterial do ser humano; é também a “parte incorpórea, inteligente, (...) o pensamento, a mente”. Sinônimo de espírito é alma, palavra originária do latim, que significa *anima* o que anima o que move o que dá vida ao corpo. Alma é o princípio gerador.

Portanto, ao afirmar que os EUA constituem uma civilização que tem um espírito particular, Teixeira afirma que se trata de uma civilização movida ou animada por princípios geradores próprios que lhes dão singularidade, comparada a outras civilizações.

Trata-se, pois, de identificar os atributos desse espírito anglo-americano. É nesse sentido que Teixeira elabora o significado de sua representação sobre os EUA: trata-se de uma civilização que possui como traço distintivo um "estado de espírito" bem definido que a anima e que a coloca em constante movimento. Esse "estado de espírito" é delineado sequencialmente nos títulos dos três tópicos que compõem o capítulo inaugural do livro: "prosperidade e idealismo", "tradição democrática" e "renovação permanente".

Em "prosperidade e idealismo", Teixeira começa por refutar o que ele qualifica como impressões equivocadas, geralmente construídas por olhares de visitantes estrangeiros, que se impressionam apressadamente com as aparências. Segundo ele:

> Geralmente "se faz fora dos Estados Unidos uma ideia talvez grandiosa de sua civilização, mas em grande parte deformada." Essa "ideia deformada" ou essa "compreensão superficial da América do Norte" é estimulada pela "espetaculosidade de sua grandeza material", pela "vibração de sua vida nacional" e pela "coragem leve e fácil de romper com as convenções, e até com algumas das mais fortes tradições humanas (...)". (grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p. 21).
>
> Essa representação "(...) deformada e superficial" é fruto de uma atitude que, segundo Teixeira: "(...) depressa julga os Estados Unidos como o país do dólar, da máquina, da supressão dos valores morais e espirituais que sempre engrandecem as conquistas mais finas das velhas civilizações." (TEIXEIRA, 2007, p. 21)
>
> Como contraponto a esse olhar apressado que conduz a "compreensões superficiais e deformadas", Teixeira sugere um olhar etnográfico. "Será preciso ir à América, conviver com seu povo, frequentar suas Universidades, para se descer um pouco mais ao fundo dessa civilização e lobrigar o espírito que a anima". (TEIXEIRA, 2007, p. 21)

Feita a refutação dos olhares apressados, Teixeira começa a desenhar sua representação:

> (...) a primeira surpresa que agrada o visitante despreconcebido e sincero será a de perceber o lugar secundário que ocupa na mentalidade americana a imprevista prosperidade econômica que o país chegou a desfrutar. (TEIXEIRA, 2007, p. 21)

Teixeira é, inicialmente, compreensivo com as razões de ser desse olhar superficial e deformador: "Talvez, no início do desenvolvimento industrial moderno, houvesse um momento de justificado assombro diante dos portentos do homem, e o americano se excedesse no julgamento desses valores externos de sua civilização." (TEIXEIRA, 2007, p. 22). Mas:

> Depressa, porém, tal febre passou, e quem quiser renovar o seu espírito ao contato de uma honesta e salutar filosofia de valores morais e humanos, compreendidos na sua mais alta plenitude, tem que ir aos Estados Unidos e aprender com seus líderes um novo idealismo. (grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p. 22)

Com isso, Teixeira quer salientar que o traço distintivo da civilização anglo-americana não é a aparente e espetacular grandeza material ou a surpreendente prosperidade econômica. "A tradição americana, o que há de ficar com a lição permanente desse povo, não é puramente o industrialismo moderno, mas o espírito de sua democracia." (Grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p.22).

Destaca-se o uso do vocábulo tradição, que se refere ao legado de sucessivas gerações, forjado na longa duração e que equivale a algo consistente e estável. Teixeira não hesita: a América representa uma nova tradição. É nova em função de sua juventude: não tem o fardo milenar do "passado de chumbo", típico das velhas civilizações, que tantos obstáculos impõem ao progresso. A América descrita por Teixeira representa uma nova tradição. A propósito, o uso do vocábulo "tradição" é plenamente compatível com o vocábulo "civilização". A rigor, mais que compatibilidade, há entre os dois vocábulos uma relação de complementaridade. O elemento inédito na tradição anglo-americana é exatamente a juventude, algo que a isenta do "passado de chumbo" ou da herança de castelos, reis, títulos nobiliárquicos, privilégios e hierarquias sociais.

Além desse vocábulo, destaca-se também a expressão "espírito de sua democracia", na perspectiva de Teixeira, o olhar apressado e superficial sobre a América do estrangeiro visitante, face à "espetaculosidade da grandeza material", é facilmente induzido à identificação do fator econômico como traço distintivo dessa nova civilização. Entretanto, salienta Teixeira, o fator econômico existe, mas ele é consequência do espírito da democracia. Essa ênfase de Teixeira na democracia como traço distintivo da civilização anglo-americana, não é algo inédito, pois o francês Alexis de Tocqueville (2005), que viajou aos EUA 100 anos antes de Teixeira, já havia identificado esse fato e produziu a clássica obra intitulada "A democracia na América".

Para contextualizar, a época da viagem de Tocqueville aos Estados Unidos, no final dos anos 1820, em busca de modelos arquitetônicos e administrativos para sistemas prisionais, a França recém republicana, convivia com a violência pós-revolucionária e tinha dificuldades de

efetivar práticas e instituições democráticas que permitissem a incorporação do povo à vida econômica, política e social.

As condições da época levaram Tocqueville a identificar a democracia como traço distintivo das instituições e dos costumes do povo americano. No final dos anos 1920, Anísio Teixeira viajou aos EUA em busca de inspiração para lidar com a educação escolar e achou muitas referências teóricas e práticas. Analisando as duas viagens aos Estados Unidos, tanto de Tocqueville, quanto de Anísio Teixeira, o que mais chamou a atenção na América foi a vida democrática.

Não há termos de comparação entre a experiência francesa de 1789 e a experiência brasileira de 1889. A perspectiva francesa de construção da república era proveniente de uma revolução com ampla participação e a experiência brasileira era proveniente de um golpe resultante de conflito entre as elites políticas e econômicas. Entretanto, algo em comum havia nos dois contextos e que, certamente, estimularam os olhares de Tocqueville e de Teixeira para a questão política. Trata-se dos obstáculos experimentados em ambos os países para a instituição da democracia: algo contrastante com a predisposição que ambos identificam na América para a mobilidade social e para a igualdade civil e política. Tanto Tocqueville quanto Teixeira se encantaram com o espírito da democracia existente nos EUA e que tanto contrastava com as realidades vividas em seus países.

É assim que Teixeira volta a salientar as representações provenientes de distintos olhares: o apressado e preconcebido do visitante estrangeiro e olhar etnográfico que resulta do desejo de descoberta de singularidades: “tentamos, entretanto, apontar, aqui e ali, os sinais e vestígios mais esclarecedores do que está se processando, nessa parte do atlântico, um novo estado de vida entre os homens”. (Grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007)

> Ademais, o que Teixeira salienta é uma inversão na relação entre meios e fins presente nos dois olhares. O olhar etnográfico também salienta a “espetaculosidade material”. Afinal: “A grande cena aparente na América é, com efeito, a da civilização material que o povo americano construiu, mais grandiosa e magnificente do que todas as que já existiram no passado”. (TEIXEIRA, 2007, p. 22). Entretanto: Nada disso, porém, é um fim em si mesmo. Antes, se o americano se deleita, como todo o mundo, com o vulto dos seus progressos, é que ele percebe, obscuramente, no seu vigoroso idealismo, que é o homem que está melhorando, que são as suas condições de vida que estão se modificando. (Grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p. 22)

Progresso nas condições de vida é algo diretamente relacionado aos princípios da mobilidade individual e social, típicos do ideal de sociedade democrática: “É essa tradição de

liberdade e democracia que informa poderosamente a mentalidade prática desse povo." (Grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p. 24). Mas de onde vem essa mentalidade prática e esse senso de liberdade e de democracia, típicos do espírito que tanto anima civilização anglo-americana? Para Teixeira (2007, p.24), "(...) liberdade e felicidade não são (...) dons da natureza, mas conquistas humanas."

Por seu turno, se esse espírito não é um dom da natureza, como se efetiva a sua conquista e/ou sua formação? Mais uma vez, Teixeira traz à tona seu espírito etnográfico: "De minha parte, eu fui restaurar as fontes americanas. Ali é que estive lobrigando como eles não são os engodos que a nossa eloquente demagogia latina estivera a pique de me fazer crer". (TEIXEIRA, 2007, p. 24). A descoberta de Teixeira remete como não poderia deixar de ser, à educação, contudo, não se trata apenas da educação escolar, mas de um sistema educacional escolar finamente sintonizado com a vida social e com o conjunto das instituições sociais:

> O que os Estados Unidos estão realizando através de sua educação e de suas inúmeras instituições sociais é o alargamento e expansão da vida em todos os sentidos. É uma *cultura*, uma cultura material, intelectual, moral e artística, de que todos venham a participar que se está elaborando nessa parte do planeta. (TEIXEIRA, 2007, p. 24)

Esse é, pois, o espírito da civilização anglo-americana identificado pelo olhar etnográfico de Teixeira: prosperidade, idealismo, tradição democrática e renovação permanente. Mas, afinal, em que consiste essa nova tradição democrática que Teixeira tanto salienta? Nesse ponto é preciso salientar a referência adotada, pelo estrangeiro que recusa o olhar preconcebido, julgador e apressado. Em 1934, ocasião em que publica "Em macha para a democracia: à margem dos Estados Unidos", Teixeira tinha 34 anos e não era mais um jovem inexperiente. Se, por um lado, seu olhar é relativista, por outro lado é também o olhar de quem já tinha referências para comparações, pois haviam transcorrido cinco anos que voltara de sua segunda estadia na América. Suas descrições e reflexões não eram, portanto, condicionadas pelo impacto inicial da experiência. Pelo contrário, reflexões amadurecidas e resultantes de uma decantação das experiências iniciais. Além desse tempo transcorrido, Teixeira já havia viajado à Europa, nove anos antes, onde permanecera por cerca de quatro meses, e, principalmente, era profundo conhecedor dos limites da experiência da vida republicana no Brasil. É um olhar, portanto, que além de "restaurar as fontes americanas", tinha referências comparativas para a análise das particularidades e do ineditismo da democracia liberal anglo-americana.

E que representação visa elaborar esse olhar simultaneamente relativizado e comparativo de Teixeira? A elaboração é sintética: a democracia liberal anglo-americana situa-se muito além das relações entre Estado e sociedade e abrange as relações entre indivíduo e sociedade. Ademais, Teixeira não identifica na civilização anglo-americana obstáculos à democracia: "A grande tradição nacional de democracia vem com o correr dos tempos se aprofundando e se alargando." (TEIXEIRA, 2007 p. 25). Essa tendência é resultante do espírito de liberdade, igualdade civil e se expressa nas possibilidades de mobilidade como fruto do trabalho. Esse é um fator inédito na civilização anglo-americana quando comparado à velha civilização Europeia.

> De simples democracia política, ou de ter um voto no governo do país, passou a ser o direito de cada indivíduo às oportunidades necessárias para, na medida de suas forças, se desenvolverem plenamente no campo econômico ou no campo social. Não só o indivíduo terá os meios ao seu alcance para a libertação de seus talentos, para a expressão total de seus valores, como a sociedade lhe fornecerá os elementos para compreender os interesses em conflito do seu país e se ajustar, na estrutura social, como unidade eficiente e benéfica. Quer dizer: a tradição democrática não só provê ao preparo do indivíduo como tal, dando-lhe oportunidades econômicas e educativas, como ainda o prepara para a vida social. (grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007 p.25).

Como se pode perceber, a representação que Teixeira tem da civilização anglo-americana não é de uma cena isenta de conflitos de interesses, porém, para ele, a existência de conflitos de interesses individuais não é um obstáculo à democracia. "Efetivamente existe certo conflito entre o desenvolvimento completo das capacidades individuais e os diversos e contraditórios interesses da sociedade." (TEIXEIRA, 2007 p.25). O obstáculo à democracia passa a existir quando a sociedade e suas instituições se colocam em contradição à realização das legítimas aspirações individuais. "Quando uma sociedade coloca as instituições acima do homem, pregando a lealdade a elas como suprema virtude cívica deixa, *ipso facto,* de ser democracia." (TEIXEIRA, 2007, p.25). O traço distintivo da civilização anglo-americana identificado por Teixeira é exatamente aquele relativo à sintonia entre o indivíduo e as instituições sociais. O progresso individual e social depende da relação de reciprocidade entre o indivíduo e a sociedade: "Democracia, assim, é o nome por que se designa a própria aspiração humana de progresso." (TEIXEIRA, 2007, p. 26). Nesse sentido: "Não existe democracia, poder-se-ia dizer, mas atitudes democráticas." (TEIXEIRA, 2007 p.26). E o que define a atitude democrática, na elaboração de Teixeira, é o respeito pelo indivíduo humano.

> A democracia americana visa facilitar a necessária conciliação social, alargando os pontos de interesse comum, expandindo as possibilidades de contrato e integrando, tanto quanto possível, toda a estrutura social. O cidadão encontra assim,

> oportunidades para entender plenamente a multidão de interesses em conflito do país e se ajustar ao seu plano complexo e vasto. (TEIXEIRA, 2007, p.25).

Desse modo, a democracia "(...) representa a expansão geral da vida em busca de formas mais ricas, mais amplas e mais satisfatórias." (TEIXEIRA, 2007 p.25).

Por fim, o significado do terceiro elemento constitutivo do espírito da nova tradição anglo-americana, qual seja, o espírito de permanente renovação, é esse dinamismo próprio da civilização anglo-americana que deriva do idealismo, se efetiva pela democracia social e se expressa na prosperidade individual e social.

> Felizmente, porém, não há somente uma nova e precária prosperidade, mas um novo idealismo. Um idealismo robusto e sadio que pode confortar as inteligências mais inquietas de vida nobre e fina para a humanidade. (Grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007 p.25).

E esse "novo idealismo", "robusto e permanente" não é, na elaboração de Teixeira sobre a civilização anglo-americana, uma prerrogativa ou um monopólio das elites sociais e econômicas, ou seja, dos homens e mulheres de vanguarda. Esse novo idealismo faz parte do senso comum anglo-americano. É um estado de espírito enraizado e democraticamente partilhado:

> Seja o grande industrial, vitorioso na obra parcial e de realização objetiva, seja o cientista, armado (...) com instrumentos e meios de pesquisas, seja o americano comum, de salário mais elevado que todos os seus companheiros de labor nos ouros países, seja a mulher americana, com sua independência quase conseguida, seja o menino ou a menina americana, com oportunidades educativas de toda ordem, oferecidas para a livre expressão dos seus nascentes talentos – todos estarão animados do mesmo espírito sadio de uma vida de trabalho árduo e corajoso, onde as compensações só contarão quando forem degraus de uma possibilidade maior de ação e poder. (grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007 p.26).

Disso resulta uma singularidade significativa da civilização anglo-americana quando comparada à Europa:

> A concepção democrática desse povo não é, assim, a simples, teoria de um velho idealismo (...). Não há, nos Estados Unidos, uma teoria de democracia contra uma prática de democracia. A primeira pode ir um pouco à frente da segunda, mas uma e outra constituem um só corpo, o presente e ativa filosofa americana de vida. (TEIXEIRA, 2007, p.29-30).

Teixeira, nessa passagem, faz uma clara referência à velha civilização Europeia, que elaborou os ideais de democracia, mas enfrentava dificuldades de tornar tais ideais em referências partilhadas para a vida prática.

1.2 Os Estados Unidos constituem uma nova civilização

No título do segundo capítulo do livro analisado destacam-se dois vocábulos: “civilização” e “nova”. Teixeira mantém o uso do vocábulo “civilização”, amplamente usado no primeiro capítulo, foi empregado por 10 vezes e, no segundo capítulo em 29 passagens. No segundo capítulo, Teixeira acrescenta o adjetivo “nova”, ao substantivo “civilização”. Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), “novo” equivale à “novidade” ou a algo “recente”. A novidade à qual Teixeira se refere não tem relação unicamente com o surgimento da nação anglo-americana, mas sim, na civilização que a América se tornou após o seu desenvolvimento material e humano. Quando Teixeira qualifica a civilização como “nova”, expressa de forma singular e significativa a atitude do anglo-americano impulsionado por um idealismo “singelo” e “formidável”. Essa “civilização nova” é delineada sequencialmente nos títulos dos três tópicos que compõem o segundo capítulo: “Estados Unidos e Europa”, “A massa e o indivíduo” e “forças sociais em conflito”.

É interessante também destacar as referências que Teixeira adota para definir as novidades da civilização anglo-americana. Afinal, o contraponto de algo novo é algo velho, de época remota, antigo, com muito tempo de existência e, de modo mais enfático, algo que se tornou antiquado e obsoleto. Teixeira constantemente busca referências da Europa para representar a diferença em relação à novidade anglo-americana, citadas neste capítulo por onze vezes.

Teixeira salienta que a influência dos EUA sobre o mundo não acontece somente pela riqueza material e vigor de seus empreendimentos. O que chama atenção e interesse são os vestígios de um “novo espírito” e uma “nova civilização”. Outro fator importante destacado por Teixeira são as condições nas quais essa nova civilização se desenvolve: um “clima generoso e livre”. “(...) estão focalizando a atenção do universo para aquele trecho do planeta”. (TEIXEIRA, 2007, p.31). Nesse trecho Teixeira reafirma que o destaque da América não se dá

apenas pela riqueza material, qualificada por ele com adjetivos imponentes como: “grandeza”, “fabulosa”, “estupenda”.

Segundo Teixeira, as vantagens da América em relação à Europa são inúmeras, bem como as condições que resultaram em um crescimento espantoso e rápido, ao contrário da Europa que paralisou no tempo. Teixeira destaca, como primeira vantagem da América em relação à Europa, o clima que propicia “(...) realizar a grande obra de libertação do homem”. Outra vantagem, segundo Teixeira, é que “(...) nos Estados Unidos, uma política de amplo ‘laissez-faire’ consentia que toda transformação se realizasse em condições ineditamente inadequadas”. (TEIXEIRA, 2007, p.34). A civilização anglo-americana tinha liberdade e autonomia: “(...) forças novas operam sozinhas, sem intromissão, nem sequer do Estado, lançado as formas novas em que a nova sociedade ia se plasmando” (TEIXEIRA, 2007, p.34).

Teixeira utiliza o termo “velho continente” quando se refere à Europa e “nova civilização” quando se refere aos EUA, realiza diferentes comparações entre a Europa e os EUA, no que diz respeito ao desenvolvimento: “(...) no <u>velho continente</u> era obstáculo, dificuldade, impossibilidade para a revisão de <u>velhos critérios mortos de civilização</u> (grifos nossos)”. (TEIXEIRA, 2007, p.34). Ao usar os termos “velho continente” e “velhos critérios mortos de civilização”, demonstra que não via nada de significativo na Europa que pudesse ser fonte de renovação, era como se tudo na Europa fosse velho, morto, acabado. Teixeira chama a atenção para as diferenças de postura, de atitude do povo e das condições para o desenvolvimento entre as duas civilizações:

> Enquanto a Europa parecia mais empenhada (...) nas razões de agir do que nos resultados da ação, a América lança ao mundo uma filosofia inédita, essencialmente pragmática. Ela não se ia perder nos bizantinismos sem fim dos estéreis teoristas. As ideias sobre um único teste fundamental. Vencem as que *resultam*. (TEIXEIRA, 2007, p.34).

A aceleração da marcha civilizatória e o desenvolvimento científico foram bem mais significativos nos EUA do que na Europa. “(...) o velho continente, depois de um longo conflito de classes, explodiu em uma catástrofe em que julgou se lhe esgotariam as últimas forças”. (TEIXEIRA, 2007, p.35)

A guerra alterou algumas organizações demasiado rígidas no jogo geral das forças mundiais e os EUA percorreram uma distância grande em relação à Europa, especialmente no período em que sucedeu à grande guerra, deixando evidente a sua preponderância e

superioridade. A civilização anglo-americana é considerada “distinta de qualquer outra civilização até então existente” e, devido a esse fator há uma mudança de atitude da Europa em relação aos EUA: “(...) a antiga atitude de benevolente e protetora ironia, foi cedendo lugar a uma espécie de complexo de inferioridade, a uma impressão de rivalidade que se revela, ou por uma secreta irritação contra a grandeza norte-americana, ou por uma indisfarçável prevenção.” (TEIXEIRA, 2007, p. 35)

No segundo tópico do capítulo 2, intitulado “a massa e o indivíduo”, dois vocábulos tidos como antinômicos são utilizados no subtítulo: massa e indivíduo. Após conceituar os vocábulos presentes no segundo tópico do capítulo II, observações importantes são feitas por Teixeira para se referir ao espírito da civilização, à riqueza e grandeza material dos EUA.

Teixeira inicia o tópico demonstrando que os observadores da América do Norte, dominados por certo “espírito de malevolência”, destacam os EUA exclusivamente pela riqueza e grandeza material. De fato, a riqueza material dos EUA impressiona e Teixeira a coloca como à maior fábrica do mundo, “(...) uma nação organizada para os fins da produção na maior escala possível” (TEIXEIRA, 2007, p.36), ressaltando aspectos de organização, eficiência e produção padronizada. Porém, tantos esforços concentrados em um objetivo coletivo, chamam a atenção dos profetas que concluem que nos EUA “o indivíduo está desaparecendo” e adjetivam o coletivismo como “paradoxal e monstruoso”, radicalizando as formas de civilização da América dizendo que ela “se aproxima das formas orientais de civilização”, com tendência a “suprimir o indivíduo”.

Nisso Teixeira aponta diferenças significativas entre os EUA e a Europa. Enquanto a antiga civilização ocidental se baseava em produção limitada, consumo selecionado e triunfo de alguns indivíduos, os EUA fundam-se “(...) estritamente no triunfo da massa e rasgando as suas linhas evolucionais dentro das limitações e das exigências desse grande triunfo coletivo” (TEIXEIRA, 2007, p.37). Uma pequena e expressiva frase de Teixeira demonstra o coletivismo dos EUA na construção da civilização nova: “Está-se suprimindo o indivíduo porque a civilização não se destina ao indivíduo excepcional, mas a todos os indivíduos” (TEIXEIRA, 2007, p, 37).

A Europa possui “critérios de cultura, de refinamento e de arte”, são fundados em um “princípio seletivo de indivíduos”, já os EUA de não possui tais critérios. O fato é que o “espírito de civilização” que a América interioriza não permite a presença de individualismo.

“Nos Estados Unidos, todas essas fórmulas caíram e a sua civilização está procurando desenvolver-se organicamente, deliberadamente, dentro dos critérios de uma *democracia”*. (TEIXEIRA, 2007, p.37).

Ao abordar a democracia, Teixeira faz uma digressão, definindo-a. O termo democracia se origina do grego e significa: governo do povo. Democracia é um sistema no qual os cidadãos podem participar da vida política. Teixeira aponta que o exercício da democracia na Europa “(...) foi sempre considerado qualquer coisa de revolucionário e atentatório ao critério de valores e hierarquias em que a própria sociedade se assentava” (TEIXEIRA, 2007, p.38).

Na tradição Europeia as reivindicações eram sempre seguidas de um conflito de classes constante presente na sua composição social. Ao contrário dessa situação, ao se referir ao exercício da democracia nos EUA, Teixeira utiliza o adjetivo “livre” e aponta a democracia como um recurso para a “libertação do indivíduo”. “(...) a definitiva libertação do indivíduo, a ausência de barreiras artificiais, a expansão de valores individuais dentro de suas possibilidades, é a promessa inerente, e em parte realizada, da democracia norte-americana” (TEIXEIRA, 2007, p.38).

A civilização anglo-americana adota uma filosofia de fé no homem comum e transfere para ele toda a responsabilidade do seu desenvolvimento: “(...) se apóia, livre de especulações de qualquer ordem, na convicção de que a evolução neste planeta não está marcada de nenhum trágico estigma que, para sempre, o condene à infelicidade” (TEIXEIRA, 2007, p.38).

Para ilustrar e delinear ainda mais as particularidades da “democracia americana” Teixeira cita três fatores fundamentais:

> a) que todos os homens têm completo direito a uma perfeita participação nas formas mais altas de vida social, o que envolve direito à igual oportunidade econômica e igual oportunidade educativa;
>
> b) que a vida nesse planeta está sujeita a leis ordinárias de evolução, sendo a progressiva libertação do homem, dentro das suas condições naturais de vida, uma questão de esforço, de experiência e de ascensional ajustamento;
>
> c) que o homem, pela largueza de seu coeficiente de educabilidade e pelo seu poder de controle sobre as causas naturais que lhe dá o conhecimento, vai se tornando, cada vez mais senhor e juiz de seu destino na terra. (TEIXEIRA, 2007, p.39).

Ao analisar a “democracia americana”, Teixeira destaca que o termo “envolve um conceito de organização social em perpétuo fieri”. Para compreender melhor a análise de

Teixeira, busquei no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999) o significado da palavra “fieri”: expressão em latim que significa a se construir, a se formar. Novamente Teixeira expressa a democracia anglo-americana com o sentido de continuidade, construção, em formação, em evolução, algo que não está acabado ou definitivo. Segundo Teixeira “(...) tudo o que identifica a atual ordem das coisas com rigidez, fixidez, imodificabilidade, nega o conceito de democracia” (TEIXEIRA, 2007, p.39).

Contextualizando a democracia e a organização social na América, delineada pelo sentido de constante evolução, Teixeira emprega termos fortes que expressam esse desenvolvimento, como “cooperação”, “progressiva modificação de instituições e costumes” e destaca um novo conceito de democracia na América: “a organização social que se destina a promover a máxima cooperação entre homens, na base de um mútuo reconhecimento de interesses comuns” (TEIXEIRA, 2007, p.40).

No último tópico do capítulo II Teixeira faz uma breve descrição das forças sociais em conflito: de um lado o industrialismo e do outro a democracia. Define a sociedade, segundo a sociologia, que afirma não existir uma sociedade, mas, sociedades, com interesses e conflitos diversos. Quanto à realização de uma análise social nesse cenário, Teixeira chama a atenção para as diferenças: “(...) o que torna particularmente difícil a análise social nos dias de hoje é a excessiva complexidade desses diferentes grupos e, do mesmo passo, assegurar a mais livre participação dos indivíduos e dos grupos entre si.” (TEIXEIRA, 2007, p. 40)

O fato é que o industrialismo tendo por consequência a subordinação e a defesa de interesses específicos e super organizados, pode se tornar um problema para a democracia, ou seja, que o industrialismo suprima a democracia, e faça com que o homem venha a abandonar “a concepção democrática” que é representada como um “ideal de libertação” e uma “igualdade de oportunidades”. Diante dessa realidade Teixeira acredita que “(...) o industrialismo está apenas em sua fase inicial e, como veremos adiante, e se ajustará ao conceito fundamental de que tudo o que existe é do homem e para o homem e se destina a permitir o seu desenvolvimento e expressão”. (TEIXEIRA, 2007, p.41).

Por outro aspecto, é como se o industrialismo já permitisse a “integração de todos os indivíduos” em um grande plano de “interdependência material”, passo necessário para a próxima integração social.

O termo “democracia”, usado por Teixeira em várias situações nessa obra, especificamente neste tópico se une ao vocábulo “espírito” já contextualizado por Teixeira no capítulo I. Teixeira descreve a civilização anglo-americana como uma “civilização perfeitamente nova”, participativa e atuante, que se desenvolve em um ambiente onde não há espaço para a distinção entre os homens e destaca os EUA como precursor dessa ordem futura. O plano de organização social dessa “civilização nova” é descrito por Teixeira em termos que expressam expansividade, como “largueza”, “complexidade”, “interdependência”, “gigantesco”, em contrapartida ainda existe algo excessivamente mecânico nesse processo.

Apesar do receio de Teixeira em relação a essa mecanização e materialismo da civilização anglo-americana, ele acredita que o caminho da humanização desse estado social se dá pela democracia. Teixeira é enfático em suas colocações ao expressar o espírito democrático anglo-americano. “(...) e não há forças de sentimento de fé mais profundas e poderosas, no grande quadro das que estão talhando, para o mundo, uma nova ordem das coisas, do que o espírito democrático americano”. (TEIXEIRA, 2007, p. 41)

Teixeira indica os EUA como uma terra fértil para a experimentação do industrialismo, por representar “o mais vigoroso e mais expressivo cenário para o estudante de sociologia que deseja surpreender essas forças em operação e adivinhar-lhes os grandes resultantes”. (TEIXEIRA, 2007, p. 41).

1.3 As relações entre democracia e industrialismo

Estão presentes no capítulo III do livro “Em marcha para a democracia” dois vocábulos já referidos no capítulo II do mesmo livro: “democracia” e “industrialismo”. Neste terceiro capítulo Teixeira mantém o foco na “democracia” e relaciona-a ao industrialismo. No terceiro capítulo o vocábulo democracia foi empregado por Teixeira em 18 passagens e o mesmo vocábulo no plural, no caso “democracias” por 06 vezes. Já o vocábulo “industrialismo” é pouco citado no terceiro capítulo, usado apenas por 03 vezes.

O terceiro capítulo da obra de Teixeira se divide em três tópicos assim intitulados: “‘individualismo’ e integração social”, “democracia política e democracia social”, “método científico e organização social”. Na primeira divisão Teixeira cita o vocábulo “indivíduo” por

dezessete vezes. Teixeira faz referências significativas ao individualismo, conceituando-o: “teoria como suposto fundamento da civilização moderna”. Ao relacionar democracia e industrialismo, Teixeira associa a anglo-americanidade com a modernidade Europeia e identifica uma descontinuidade ou uma significativa inversão que os EUA fazem do individualismo filosófico europeu, particularmente dos chamados teóricos do contratualismo: Hobbes, Locke e Rousseau. E Teixeira é contundente na crítica: “a história do pensamento humano está tão semeada de erros e desvios, que não vem acrescer em nada o nosso cabedal de desilusões (...)”. A observação dos EUA “revela um contraste entre os fatos e a teoria”. (TEIXEIRA, 2007, p. 43). A teoria Europeia anunciara que a nascente sociedade industrial faria surgir um individualismo, mas o que Teixeira salienta é que nos EUA se firmou uma sociedade como uma “(...) organização tão complexa e tão impessoal e tão vigorosa, que o indivíduo, no sentido em que prognosticaram os pensadores, desapareceu para dar lugar a uma imprevista integração social de massas econômicas.” (Grifos nossos). (TEIXEIRA, 2007, p. 43).

Para Teixeira o industrialismo, considerado como grande força moldadora da “nova sociedade” trouxe um reflexo sobre o pensamento e as teorias do “individualismo” e da democracia. Teixeira apresenta os traços de uma “liberdade individual” quase que inexistente no período feudal e semifeudal, tendo em vista que os interesses da sociedade naquela época se encontravam entrosados, “(...) Governos, igrejas, classes, corporações, determinavam tiranicamente a vida do indivíduo”. Além do mais tal situação gerou uma atmosfera de insegurança e reflexão por parte dos “curiosos de agitação social”, “(...) o sentido particular e profundo da Revolução Francesa: não era uma simples mudança de governo, era uma transformação de sociedades que se anunciava.” (TEIXEIRA, 2007, p. 44). Teixeira aborda de forma simples a solução para esse problema, se o governo era tirânico, bastava trocar o governo, mas, logo reitera:

> (...) que as instituições estavam tão ligadas na cumplicidade do mesmo interesse de dominação, que não enxergava os inevitáveis laços e limitações da vida conjunta dos homens e a consequente consolidação dessa vida social em “grupos”, em forças mais ou menos organizadas. No seu delírio de libertação só uma coisa lhe pareceu justa: fragmentar, pulverizar toda essa enleante trama de organizações, de associações, de classes, até a sua última e irredutível unidade – o indivíduo. (TEIXEIRA, 2007, p. 44).

O reformador pretendia reorganizar a sociedade, nela o indivíduo possui a sua própria vontade, os direitos dos indivíduos neste caso antecedem à sociedade, Esse indivíduo é um sujeito que “fazia” o Estado, é dotado de “vontade livre”, com foco em um “estado social de

perfeita liberdade". "(...) O sufrágio universal constituía a cena épica dessa nova democracia: o indivíduo, na majestade de seus direitos naturais, escolhia livremente os homens que iam compor o Estado". (TEIXEIRA, 2007, p.45)

Segundo Teixeira, a democracia política gerava defesa e ataques, inimigos da teoria defendiam a "desintegração" da sociedade pelo "individualismo", um regime prático de anarquia. Nos EUA a escolha dos governantes era realizada por uma máquina perfeitamente exterior ao indivíduo e dominados por interesses organizados. Outro fator salientado por Teixeira é o desinteresse do eleitor anglo-americano pelo alistamento e por exercer seus direitos em relação ao voto. "(...) nos EUA apenas 50% dos possíveis eleitores se dão ao trabalho de se alistar. E desses 50% dos alistados, metade talvez aproveite o feriado eleitoral para ir ao cinema". (TEIXEIRA, 2007, p. 46).

No subtítulo democracia política e democracia social, Teixeira usa muitas vezes o vocábulo democracia. Nesse subtítulo Teixeira conceitua democracia política como sendo "(...) a forma em que o Estado ou o governo assumiu em face da organização social democrática que as novas emoções vierem a determinar." (TEIXEIRA, 2007, p.48). Teixeira diferencia democracia política de democracia social e apresenta várias opiniões de favoráveis e antagonistas, entre eles John Dewey que relata: "Inventai o trem de ferro, o telégrafo, a manufatura em massa e a concentração da população em centros urbanos, e alguma forma de governo democrático é, humanamente falando, inevitável". (TEIXEIRA, 2007, p. 49).

Teixeira apresenta que há uma forte ligação entre a democracia com o crescimento, desenvolvimento e as invenções. O industrialismo, segundo Teixeira pode representar uma subordinação do indivíduo, considerando que é cercado de interesses específicos e superorganizados, porém não acredita que esse acontecimento suprima a democracia.

> (...) Nada entretanto, justifica a suposição de que o homem não o resolva e venha, por isso, abandonar a concepção democrática, que representa o seu ideal de libertação, pela igualdade de oportunidades. O industrialismo está apenas em sua fase inicial e, como veremos adiante, se ajustará ao conceito fundamental de que tudo o que existe "é do homem e para o homem e se destina a permitir o seu desenvolvimento e sua expressão. (TEIXEIRA, 2007, p.40)

Teixeira destaca que estão se formando relações sociais inteiramente novas nos EUA e a democracia liberal é uma dessas novidades. Os EUA era um continente novo, praticamente desabitado e oferecia condições para a "libertação e exaltação das potencialidades do

indivíduo". No cenário propício ao progresso, os EUA valorizavam o desenvolvimento da população com o trabalho e pontuava positivamente características como a habilidade, a engenhosidade, iniciativa pessoal e claro, o "bom espírito de vizinhança e sociabilidade".

Teixeira afirma que John Dewey analisou tais fatos e descreve o desenvolvimento educativo nos EUA de forma primorosa e detalhada: as pessoas que tinham iniciativa para criar as escolas eram "simples", "de vigorosas tradições religiosas", possuíam "gosto por coisas do espírito", eram dotadas de "espírito associativo e prático", e viam as coisas de "modo empírico e natural", e "trazia solução para o problema".

Teixeira afirma que John Dewey descreve que o "distrito escola" era criado com a "permissão" do governo da colônia, mas antes eram realizadas reuniões entre os elementos da localidade, que normalmente aconteciam aos domingos. Nessas reuniões discutiam os problemas e os próprios moradores criavam comissões e se organizavam para receber as contribuições e construir as escolas. Teixeira reitera, John Dewey relata que o professor, chamado de "mestre", era nomeado pela comissão e trazia para a sala de aula o seu "talento pessoal" e a sua "tradição", não havendo lei ou regulamento a ser seguido.

Teixeira relata as influências que as invenções industriais propiciaram: "As estradas de ferro, (...) os telégrafos, o automóvel, o rádio, consumam essa integração" (TEIXEIRA, 2007, p.51). Com tantas mudanças, evoluções e progresso, Teixeira descreve sobre o controle das escolas e a formação docente, ele salienta sobre a unidade da educação não estar sendo processada apenas por órgãos estatais:

> O que foi feito da pequena escola e do pequeno distrito? (...) continua a existir e continua a ser nominalmente dirigida pela "comissão distrital". O estado de Nova York tem 10 mil dessas unidades locais de administração escolar. O estado exerce certo controle por meio de determinações gerais legislativas e pela formação de professores e expedição de certificados ou licenças para o exercício do magistério. (TEIXEIRA, 2007, p.52)

Teixeira relata sobre o crescimento do sistema de ensino e da educação, de pequeno distrito passou-se para a nação anglo-americana, tornando-se um sistema escolar monstruoso, não organizado a serviço de interesses locais. Esse fato trouxe uma desorientação para a nova sociedade. "A grande sociedade não pode ter consciência de si mesma. (...) o novo público, o público da nova sociedade, precisa ser "achado" expressão feliz de Dewey, para se reconstruir com ele o Estado". (TEIXEIRA, 2007, p.54)

No tópico do capítulo III intitulado “Método científico e organização social”, Teixeira faz uma relação do governo democrático possível de ser instaurado em um cenário onde haja “uma pequena comunidade, singela, isolada, onde todos se conheçam” (TEIXEIRA, 2007, p.54). Para ilustrar, relata que os primeiros teoristas não fugiram desse conceito e reafirma sua teoria em personalidades como Aristóteles, Rousseau, Jefferson, apresentando algumas citações.

> (...) como observava Walter Lippmann, a democracia era fundada no conceito de cidadão onicompetente. O cidadão democrático devia conhecer e resolver todas as questões públicas. (...) um cidadão dotado de conhecimentos enciclopédicos, de uma candidez virginal de consciência e interesse espantoso nas coisas públicas (TEIXEIRA, 2007, p.54)

John Dewey apresenta que o Estado se concretizava quando, “(...) ações conjuntas de indivíduos se tornam tão indiretas, extensas, duradouras e sérias, que dão nascimento ao público que tem interesse em controlar e determinar aquelas consequências”. (TEIXEIRA, 2007, p.56)

John Dewey problematiza o estudo e análise de todas as relações, que organizará o governo adequado às novas exigências. É preciso definir os atuais interesses para o nascimento de um “novo público” e de um “novo governo”. Para Teixeira, John Dewey chama a atenção para a ação contínua da opinião pública e suas resoluções:

> (...) temos uma opinião pública dotada de privilégios sagrados de sabedoria política, que exerce espaçadamente, em períodos de crise (legal – sucessão – etc – ou extralegal), e que resolve, não de acordo com o mérito intrínseco da questão, que desconhece, mas por certos critérios gerais que não será possível fazê-la perceber. (TEIXEIRA, 2007, p. 58)

Teixeira salienta que Walter Lippmann, escritor, nascido em Nova Iorque, jornalista e diretor do Jornal New Republic (1914), traz a proposta da organização de um serviço de inteligência nas máquinas políticas do governo, outro fator curioso que ele relata é a impossibilidade de corpos legislativos dos atuais governos democráticos agirem com “senso”, com “oportunidade e eficiência”. Nos regimes presidenciais isto é verdadeiro, legisladores estão na posição de cidadãos, não entendem nada dos negócios públicos. Como só o Poder Executivo tem acesso aos segredos e particularidades da máquina administrativa, restam dois caminhos: ou obedecer em tudo o Executivo ou agir e legislar arbitrariamente.

Teixeira aponta que Walter Lippmann vem dar solução para todos esses aspectos do problema, segundo ele, "(...) todos os departamentos do governo deve-se instalar corpos técnicos de investigadores e analistas políticos e sociais, que se destinarão a medir, pesar, prever e elucidar os fatos, cuja luz os poderes públicos agirão". (TEIXEIRA, 2007, p.60)

Segundo Teixeira, a sugestão de Walter Lippman seria que os corpos técnicos de investigadores e analistas políticos, tivessem autonomia para agir de forma independente do poder executivo e garantia de vitaliciedade. Desta forma eles serviriam de ponto de ligação entre o Poder Executivo e Legislativo.

> Não há senão duas alternativas para a ação pública contemporânea acrescentam, "uma é o governo pelo terror e pela obediência; a outra é o governo baseado em um tão alto e avançado sistema de informação, análise e consciência de si mesmo que o conhecimento das circunstâncias nacionais e das "razões do estado" seja evidente para todos os homens". (TEIXEIRA, 2007, p.61)

Teixeira relata a impossibilidade de o cidadão inspirar e guiar todos os atos, mas, em contrapartida, nos diz que ele é capaz de "aumentar o seu governo sobre eles, insistindo para que sejam analisados inteligivelmente e medidos objetivamente nos seus resultados". (TEIXEIRA, 2007, p.62)

Na finalização do capítulo III Teixeira deixa claro que não são os "dogmas" da Democracia e nem os "dogmas" de Marx que estão contribuindo para a construção da sociedade do futuro. Teixeira salienta que a Rússia e a América do Norte estão buscando resolução dos problemas pelo método científico e descreve a América do Norte não como uma doutrina, mas um método.

Aos observadores que analisam os EUA percebem outra realidade, a América não apresenta nada de estático e fixo, sua reconstrução é dada pelo experimento, onde o resultado do teste são as consequências.

> O único teste das idéias são as conseqüências. Por mais fortes e enraizadas que estejam os dogmas que se opõem ao novo princípio, eles não resistem, naquele país, às provas, laboratórios ou às dos resultados. O homem conquistou a sua maioridade intelectual, e a Providência, que lhe revela a verdade, é o pequenino instrumento do método científico. (TEIXEIRA, 2007, p.63).

Teixeira aponta a Rússia como o país que mais tinha resolvido problemas pelo método científico, onde todos os órgãos ou instituições do governo eram verdadeiras estações experimentais. O governo soviético também foi lembrado por Teixeira, apesar dos dogmas marxistas, "(...) pode vir a demonstrar como teorias e propósitos opostos, quando servidos pelo método científico, chegam a resultados idênticos" (TEIXEIRA, 2007, p.64). Teixeira finaliza relatando que o objetivo da civilização material anglo-americana é o mesmo por que aspira ao governo soviético. "(...) O regime competitivo americano dia a dia se torna mais cooperativo; e o regime comunista russo dia a dia vai buscando, num regime de trabalho e de cooperação voluntária, o recurso para o sucesso". (TEIXEIRA, 2007, p.64)

Para Teixeira não era o "determinismo econômico" de Karl Marx ou a teoria do "individualismo" que fixaria a nova sociedade, seria sim o método científico. Provavelmente para Teixeira o grande sucesso do método científico era o fato de que ele não dita fórmulas e sim espera pelos resultados. O grande objetivo com os experimentos era que Rússia e América fiquem equiparadas: "(...) apresentarão a mesma face de civilização democrática, em um regime livre, cooperativo, fraternal, tanto quanto seja possível ao animal imperfeito, mas, inteligente, que é o homem a vir a realizar" (TEIXEIRA, 2007, p. 64).

1.4 Sobre os limites da democracia liberal anglo-americana

No quarto capítulo, Teixeira apresenta suas interpretações sobre a democracia e também sobre o progresso industrial e científico nos EUA. Teixeira descreve características do comportamento e da atitude da civilização anglo-americana no que se refere à organização social, discute sobre o aproveitamento de oportunidades e as responsabilidades iguais para todos os indivíduos, bem como a busca da expansão de seus valores. A tese do capítulo é referente às limitações "(...) que o progresso industrial e científico impõe às concepções dos ideólogos dos governos democráticos." (TEIXEIRA, 2007, p. 67). Nesse capítulo, Teixeira identifica as "restrições inevitáveis" da democracia anglo-americana, mas igualmente reconhece que os EUA estavam determinando "(...) as linhas gerais dentro das quais a sociedade de amanhã poderá vir a estabelecer-se." (TEIXEIRA, 2007, p. 67). Ou seja, Teixeira definia a civilização anglo-americana como referência de futuro para outros povos.

O quarto capítulo foi organizado conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Composição do capítulo IV – Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos

TÓPICOS	TÍTULOS
1	Eliminação das classes sociais
2	Fatos e teorias
3	Um corte na sociedade atual
4	Diversidade de inteligência entre os homens
5	Distribuição dos homens pelas “ocupações”
6	A caminho de novas “classes”

Fonte: A autora

No decorrer da leitura é visível o uso de vocábulos representativos como “força”, “democracia”, “sociedade”, “sociedades”, “social”. O vocábulo “democracia” que compõe o título é usado por Teixeira oito vezes durante o capítulo e o substantivo “sociedade” por quinze vezes.

O ponto de partida de Teixeira é uma retomada do sentido anglo-americano da democracia. Teixeira já havia feito a crítica latente aos que pretendem se apoiar nos clássicos da política Europeia (os contratualistas) para compreender a democracia nos EUA. Uma diferença entre a democracia Europeia e a democracia anglo-americana é que toda a elaboração da democracia Europeia está nas relações entre Estado e sociedade. Já a democracia anglo-americana das décadas iniciais do século XX tinha relação com o Estado (o Estado liberal), mas sua ênfase era na sociedade ou nas relações entre os indivíduos. “Democracia não é (...) somente uma forma de governo, mas, uma nova organização social, em que busque oferecer a todos os indivíduos iguais oportunidades e iguais responsabilidades para a livre expansão dos seus valores”. (TEIXEIRA, 2007, p.67).

No primeiro tópico Teixeira é muito enfático ao revelar seu entusiasmo com a democracia. Talvez fosse mesmo a democracia a grande ideia à qual Teixeira queria se apropriar nos EUA. Ele identifica a transformação como sendo a “supressão das antigas classes hereditárias”. Teixeira se refere à supressão dos privilégios hereditários típicos da aristocracia. Nos EUA, “(...) para a grande irritação dos aristocratas, a sociedade ganhou, durante os cem anos passados, um tal grau de aceitação e facilitação das migrações entre os diferentes grupos, que, aparentemente, se considera essa nação a nação de uma só classe (...)” (TEIXEIRA, 2007,

p. 68). Esse fato, para Teixeira, era o acontecimento “mais sensacional” na história humana. Ele adjetiva a transformação da sociedade como “sensacional”, quando discute sobre a supressão das classes hereditárias. O que justifica Teixeira utilizar um adjetivo tão positivo e impactante é o fato de a democracia ter trazido consigo um “novo espírito”, onde todo indivíduo participaria da “livre competição social”. Exemplos dados por Teixeira são onde as condições Europeias da nobreza, o plebeu não se atrevia almejar uma mudança de classe, porque era dominado por um sentimento de inferioridade. Já a nobreza, considerava que a transição para uma classe mais baixa, correspondia a uma “suprema desonra e vergonha”. Teixeira enfatiza que se encontra presente na sociedade democrática um “indisfarçável estímulo e animação” favorecendo a “revalorização humana”.

O aspecto social na América é representado por uma “nação de uma só classe”, contemplado pelo fato de o anglo-americano possuir alto grau de aceitação das migrações, apesar da irritação dos últimos aristocratas.

No tópico seguinte, cujo título é composto pelos vocábulos “teoria” e “fatos”, Teixeira os apresenta como referência para possível controle de resultados: “(...) o homem, conhecendo as consequências do conjunto de forças em operação, poderá organizá-las e dirigí-las de modo que se obtenham resultados diversos” (TEIXEIRA, 2007, p. 70).

A crítica de Teixeira em relação às teorias consiste em “se fundarem nos desejos humanitários e idealistas de seus autores”. Para ele as teorias “(...) devem se basear em rigorosas análises científicas, em *diagnóstico social levantado dentro da mais restrita* imparcialidade” (TEIXEIRA, 2007, p.70).

No tópico “um corte na sociedade atual”, Teixeira discute a divisão do trabalho na sociedade industrial e a organização das ocupações por meio de uma tabela com 120 grupos. Já o assunto seguinte “diversidade de inteligência entre os homens”, Teixeira apresenta a variação dos níveis de inteligência entre os homens e os critérios utilizados para construção de sua análise. Para abordar o questionamento de que é constituída a inteligência, Teixeira parte do princípio de que existe uma “inteligência geral” que habilita o homem para diversos trabalhos, sendo que, quando o nível da inteligência geral é baixo, acaba por inabilitar o homem, deixando-o descrente quanto ao intelecto exigido para determinada ocupação. Como conclusão Teixeira aponta:

> Cada homem nasce dotado de uma capacidade intelectual que, sob as melhores oportunidades, não se desenvolve senão até um certo limite. Essa capacidade constitui o seu "nível mental". Esse "nível mental" que é variadíssimo como vimos, determinará o ponto de escala das ocupações que lhe será permitido atingir, com as melhores oportunidades. (TEIXEIRA, 2007, p. 73).

No tópico "Distribuição dos homens pelas 'ocupações'", Teixeira também traz uma discussão interessante sobre as ocupações na sociedade moderna e sobre o grau de inteligência exigido em cada uma delas. Ao fazer tal abordagem, Teixeira pensa e relaciona a meritocracia à nova democracia, ou seja, à democracia que se livra dos privilégios aristocráticos para fundar-se na igualdade de oportunidades e na mobilidade individual e social. Nessa abordagem Teixeira relaciona democracia, meritocracia e divisão social e técnica das ocupações profissionais, "desfeito o antigo espírito de organização rígida da sociedade em classes hereditárias, desaparecido o sentido de superioridade das classes altas e de inferioridade das classes baixas, percorreu a sociedade humana um vigoroso imperativo de libertação". (TEIXEIRA, 2007, p. 76)

É nesse sentido que Teixeira aponta outra diferença entre a democracia Europeia e a democracia anglo-americana: a nova democracia não se refere apenas às relações entre Estado e sociedade, mas à igualdade de oportunidades aos indivíduos e sua inteligência (que varia): "A democracia se propunha a oferecer a todos os homens iguais oportunidades, a fim de permitir a cada um a conquista do seu lugar e o sucesso, na medida cheia de suas possibilidades". (TEIXEIRA, 2007, p. 77). Mas essa igualdade de oportunidades é uma meta da democracia que ainda não havia sido plenamente atingida no contexto da experiência de Teixeira com a civilização anglo-americana:

> A criança de uma casa rica tem oportunidades que nenhuma criança pobre encontra. A superioridade do meio e das pessoas com quem convive, as maneiras que aprende, os confortos a que se habitua, as possibilidades que lhe oferece são muito superiores à da criança filha do operário (...). (TEIXEIRA, 2007, p. 77)

Entretanto, Teixeira destaca que "(...) todas as forças sociais trabalham, nos Estados Unidos (...), para torná-la progressivamente efetiva." (TEIXEIRA, 2007, p. 77). Tal situação limita, mas não suprime, "uma igualdade fundamental de oportunidades". Para atenuar tais limites à igualdade de oportunidades Teixeira aponta a educação, tanto a educação escolar quanto aquela que se processa no lar, na família, enfim, na própria convivência social.

Fundamental, no entanto, é "(...) um sistema de educação compulsória universal por oito graus ou anos", cuja tendência era elevá-lo para 12 anos:

> (...) o movimento de direção vocacional, uma busca em início, e que vai se tornando sistemática, de talentos são as forças com que está aparelhada a sociedade americana, para colocar cada um de seus filhos no nível de ocupação a que suas qualidades pessoais o destinam. (TEIXEIRA, 2007, p. 77)

Na sociedade anglo-americana, Teixeira aponta o "novo espírito democrático" e as "facilidades educativas" como principais estimuladores da emigração de elementos das classes mais baixas às mais altas ocupações. Para equalização das oportunidades educativas, Teixeira descreve os investimentos financeiros dos EUA em prol dessa causa e destaca que são investimentos não conhecidos em nenhuma outra parte do mundo. Teixeira coloca a sociedade anglo-americana como "meio mais propício para a expansão do processo democrático de revalorização humana.

A intenção dos EUA, segundo Teixeira, era habilitar as crianças para as oportunidades, independente da classe social. Para ele, "com o desenvolvimento a que chegaram as facilidades educativas nos EUA, é perfeitamente certo afirmar que nenhuma criança hábil se verá incapacitada de vencer na vida, porque lhe faltaram oportunidades de se educar". (TEIXEIRA, 2007, p. 78).

Nesse capítulo, Teixeira faz referência à Doutora Wooley que realizou estudos sobre o processo de seleção natural do processo de ocupação. Teixeira realizou análise desses estudos e descreve setecentos empregados estudados pela referida pesquisadora durante quatro anos, com resultados significativos. Primeiramente para tratar os dados, Teixeira realiza uma observação: que todos estavam empregados em fábricas e que todos partilhavam trabalhos diversos, exigindo progressiva habilidade. Na totalidade dos empregados estudados, 10% eram mais bem-dotados física e intelectualmente, resultando na permanência do trabalho na fábrica em no máximo um ano. No grupo inferior, que não possui a característica de "bem dotados", todos foram colocados em trabalhos de rotina, permanecendo aí por dois, três e quatro anos.

Para Teixeira, de acordo com os estudos da doutora Wooley, era possível identificar um processo de seleção caracterizado como "extenso", "regular" e "organizado", valorizando não somente os valores excepcionais, mas o "talento", o "zelo", o "esforço", fatores que estão acima das classes sociais.

Teixeira apresenta a organização educativa como um recurso que oferece requisitos para o sucesso e o mais interessante é que sujeitos nascidos em camadas elevadas da sociedade podem descer nas escalas de ocupações se as suas qualidades não forem suficientes ao sucesso, nas ocupações para onde se acharem escalados por nascimento. “De modo geral, os que não forem dotados da inteligência necessária não poderão ocupar altos lugares na escala de ocupações, sejam lá quais for as vantagens ou os privilégios que as circunstâncias lhe queiram assegurar”. (TEIXEIRA, 2007, p. 81)

As afirmações baseadas nos estudos da doutora Wooley e as análises realizadas por Teixeira evidenciam a presença do processo democrático na equalização das oportunidades da sociedade anglo-americana. A democracia apresenta um sentido de justiça, no que diz respeito à divisão da sociedade em classes de ocupações, tendo como fator determinante o distinto nível intelectual, desde o nível de inteligência mais baixo, até privilegiados com celebrações excepcionais.

Para finalizar o capítulo quatro Teixeira apresenta o tópico “a caminho de novas classes”? A abordagem de Teixeira é no sentido de salientar a homogeneidade das classes por grupos de ocupação. Segundo Teixeira, a tendência é caminhar por essa direção: à medida que forem progredindo os processos de seleção por ocupações, vão se formando homogeneidade de “qualidades mentais”.

Teixeira apresenta o fato de a mulher ser responsável pelo retardamento do processo de homogeneidade, tendo em vista que, segundo ele, a mulher “(...) nem sempre é condicionada pelas suas qualidades pessoais” e ainda há uma relação da mulher ao casamento. Para explicar melhor essa colocação, Teixeira reitera:

> (...) em virtude do casamento, resiste muito mais fortemente à remoção para a classe inferior, como a que ascende às classes mais altas, a maior parte das vezes o deve ao sucesso do marido e não aos seus talentos. (...) a mulher dificulta o processo que irá tornar homogêneo intelectualmente os diferentes grupos sociais. A classe mais baixa, isto é, de ocupação mais elementar, cada vez possuirá menos inteligência, cada vez será mais uniforme e, portanto, cada vez mais tenderá a produzir, predominantemente, tipos desse nível mental (TEIXEIRA, 2007, p. 82)

Teixeira finaliza o capítulo e ressalta que estudos registrados na área de biologia comprovam que os traços mentais são herdados da mesma sorte que os traços físicos, ou seja, existem os mesmos graus de correlação entre a semelhança física e semelhança de traços mentais entre filhos e pais.

1.5 Particularidades da era científica

O quinto capítulo do livro “Em macha para a democracia: à margem dos Estados Unidos”, é organizado em quatro tópicos, com os seguintes títulos: “Era científica”; “Nova atitude mental”, “Fundamentalismo e modernismo”, “Instrumentalismo filosófico”. Ao longo do capítulo Teixeira faz uso dos vocábulos “civilização” no singular e no plural e significativamente usa o vocábulo “forças”. O uso dos referidos vocábulos ao longo do texto é considerável, sendo civilização no singular usado por seis vezes e no plural por cinco vezes. O vocábulo “forças” é usado por quatorze vezes.

No primeiro tópico, cujo foco é a “Era científica”, Teixeira cita civilizações, que por razões diversas desapareceram e se tornaram apenas recordação para a memória humana. Entre os fatores citados como determinantes da decadência de antigas civilizações Teixeira destaca a dependência que estas tinham em relação à habilidade de um grupo de homens para explorar o trabalho e o serviço dos outros homens.

Teixeira revela todo o seu otimismo com a era moderna, ao destacar que “(...) primeira vez, porém, o homem pode fundar a sua civilização não no governo e domínio sobre outros homens, mas no domínio e governo da natureza”. (TEIXEIRA, 2007, p. 87).

Destacando particularidades da era moderna. É descrito pelo autor a força e segurança das bases da civilização moderna. Os exemplos citados são a Alemanha e a França, que recuperaram suas forças e as aumentaram, dentro de quinze anos depois da mais destrutiva das guerras. (TEIXEIRA, 2007, p. 88).

Essa rápida recuperação, ao contrário do que acontecera com as civilizações antigas, é uma ilustração da segurança das bases da civilização moderna. Esse era um típico otimismo motivado pelas conquistas e expectativas em relação aos resultados do progresso da ciência. A era moderna, para Teixeira, constitui “(...) uma civilização fundada em forças ilimitadas (...), forças que o homem, dia a dia, governa mais poderosamente, e que abrem para a humanidade, a primeira segura possibilidade de progresso”. (TEIXEIRA, 2007, p. 88).

Esse otimismo de Teixeira era típico da segunda metade do século XIX: era um otimismo herdeiro do positivismo e de suas esperanças depositadas na ciência e nas

possibilidades de progresso. Teixeira não afirma a existência efetiva do progresso, também não acredita que seja um resultado inevitável da presente era científica.

Teixeira salientava que é perfeitamente irrefutável a afirmação de que essa nova era apresenta, pela primeira vez, as condições para o progresso humano. Interessante notar os sentidos atribuídos por Teixeira à ideia de progresso, ele não se referia ao progresso da ciência em si, mas às possibilidades do desenvolvimento humano. A ideia de progresso estava atrelada à ideia de humanidade. É como se a humanidade ou o desenvolvimento humano fossem o fim do progresso e não apenas meio para o progresso. Além disso, nessa concepção, Teixeira revela-se um crítico latente das revoluções ou das mudanças que se processam por rupturas quando fala que o desenvolvimento humano se processa lentamente, sendo o presente uma presença do passado. Passado e presente se encadeiam com iniludível continuidade.

Teixeira identifica particularidades culturais dos EUA em relação à Europa, como a docilidade ao fenômeno de mudança da sociedade americana, em relação à particularidade da diversidade cultural, ele afirma "originalmente britânica, recebeu no século XIX um tal afluxo de elementos escandinavos, germânicos, eslavos, latinos, semitas e chineses, que hoje constitui o mais enigmático mosaico de raças que nos é dado a imaginar". (TEIXEIRA, 2007, p. 89).

Para o autor, a diversidade racial, religiosa, cultural e constitutiva da civilização anglo-americana, demarcava uma virtude em diferentes sentidos. O otimismo de Teixeira era em relação aos resultados do progresso da ciência e em relação a indústria:

> (...) nenhuma outra parte do mundo apresenta condições menos fixas para que se torne possível uma total renovação moral e as origens dos Estados Unidos (...) datam da 'revolução industrial' que os progressos da ciência e as inumeráveis riquezas do seu solo tornaram possível. (TEIXEIRA, 2007, p. 90)

No tópico "Nova atitude mental", a tese de Teixeira é que um dos traços distintivos da civilização anglo-americana é uma atitude mental marcada pela confiança no pensamento, subordinado às leis do pensamento científico" (TEIXEIRA, 2007, p. 91)

Teixeira defende o desenvolvimento e a evolução do homem:

> (...) na confiança de que o homem é um animal que está se aperfeiçoando. Nessa confiança no homem que se funda toda a brava experiência moderna, de que a América do Norte, por isso que mais liberta de tradições, é sem dúvidas, o mais extenso laboratório." (TEIXEIRA, 2007, p. 93).

Essa nova atitude representa literalmente o pensamento do anglo-americano “novo”. Se no tópico anterior Teixeira já caracterizara o povo anglo-americano com adjetivos que demonstram vigor, força e juventude, neste tópico, Teixeira revela entusiasmo com a atitude desse indivíduo, a formação de opinião, a construção do pensamento e principalmente a sua capacidade em mudar o rumo das coisas: “atitude nova no mundo americano”.

Teixeira retrata o ritmo das mudanças na América do Norte e caracteriza-as como “movimento atordoante”. Para representar esse movimento, Teixeira pontua o progresso industrial, o avanço científico, a participação da mulher na civilização, a divisão do trabalho e a produção em massa, como fatores que estão transformando todos os aspectos da vida.

O centro das mudanças e transformações da sociedade é apontado por Teixeira como consequências do pensamento humano, considerando-o como “instrumento eficiente de controle das forças físicas e das forças sociais”. (TEIXEIRA, 2007, p.91) Teixeira apresenta como primeira atitude nova do homem, a de “confiança no pensamento quando subordinado às leis do método científico”. (TEIXEIRA, 2007, p.91). O fato é que, segundo Teixeira, na América o homem se sente “regulador das coisas”, “iluminado de muitos reflexos de esperança”, “um animal em pleno aperfeiçoamento”, confiante de que o método científico assim como dá resultado na sua conduta com o mundo físico, dará resultados com o mundo social ou moral. Para Teixeira a nova atitude mental do povo anglo-americano lhe transpassa a concepção de que “tudo pode ser mudado”, é uma mentalidade de reorganização do mundo, não somente no aspecto material, mas nos aspectos morais e sociais, o indivíduo passou a questionar o que lhe era imposto. Teixeira denomina esse novo anglo-americano como “geração nova privilegiada de pioneiros que está refazendo o mundo”.

A América do Norte para Teixeira representa um “mundo intelectual”, “mundo jovem”. Para compreender a extensão do movimento que impulsiona as mudanças na América do Norte, Teixeira enfatiza:

> Aparentemente o observador pessimista poderá ver apenas licença no mundo moral, desorganização da família, onda crescente de crimes, instabilidade social e proximidade de catástrofes. Mas se penetrar mais fundo no mundo americano, se viver entre as mocidades das universidades, se virem como os novos problemas são estudados com uma seriedade e uma liberdade nova, se perceber como o movimento não é o de abandono de toda a autoridade, mas o de substituição de uma autoridade imposta e externa por uma autoridade aceita e interna, esse observador poderá adivinhar a extensão e a sinceridade do movimento. (TEIXEIRA, 2007, p. 92)

O terceiro tópico “Era científica”, tem como foco, o que Teixeira chama de “fundamentalismo e modernismo”. Para Teixeira, fundamentalismo é basicamente, a concepção religiosa do mundo ou os “princípios revelados por Deus ao homem”. Por outro lado, como já mencionado, modernismo é o pensamento guiado pela liberdade e pela razão. Segundo Teixeira esse é um conflito típico da era moderna, embora já tenha se manifestado na antiguidade grega. É um conflito do qual “Galileu já fora vítima, como Sócrates muito antes já o fora. (TEIXEIRA, 2007, p. 93). Para Teixeira, é correto que o homem pense de acordo com suas premissas e que o espírito científico e o espírito chamado por ele de “sobrenatural” não se reconciliam, sendo a tentativa mais próxima de conciliação o fato de “(...) os campos de conhecimento para a razão e para a fé serem diversos, podendo assim uma ou outra coexistir pacificamente”. (TEIXEIRA, 2007, p.94).

Para os fundamentalistas “não pode haver liberdade de pensar contra a verdade” e, em contrapartida, “a liberdade de pensamento que o modernista defende constitui o próprio e único método de encontrar a verdade”, sendo “a razão é o único instrumento para a conquista da verdade”. (TEIXEIRA, 2007, p 95).

Para o modernista o corpo de conhecimento concedido ao homem por Deus é incerto e alterável, não constitui em algo acabado, mas em constante mutação e progresso. Embora nesse tópico Teixeira não faça referências explícitas aos EUA, é fácil inferir que ele se refere à civilização anglo-americana como uma circunstância onde fundamentalismo religioso e espírito científico apresentam amplas possibilidades de uma relação harmoniosa, diferentemente do que ocorrerá nos primórdios da modernidade Europeia.

O último tópico do capítulo tem por título “‘instrumentalismo’ filosófico”. Nele, Teixeira realiza uma abordagem sobre a vida que levamos e o mundo que vivemos, cheio de uniformidades e precariedades, a primeira gerando previsões e a segunda gerando incertezas. Teixeira nos fala da necessidade do homem em interpretar um sistema completo, acabado, seguro, levando os filósofos a realizar suas abstrações. Os métodos de observação e experiência que representam a filosofia moderna, vão permitir, segundo Dewey, “(...) que recobre seu prestígio, deixando de ser instrumento para resolver problemas dos filósofos e tornando-se um método, cultivado pelos filósofos, para resolver problemas humanos”. (TEIXEIRA, 2007, p.96).

Teixeira descreve a concepção do homem em relação à vida e nos fala que na maioria das vezes os questionamentos aparecem por razões das concepções fundamentais religiosas, que usa a existência do homem como preparação para uma vida futura de felicidade e plenitude. Ao interiorizar esses questionamentos, o homem se sente incompreensível diante da vida, incapaz de governá-la e controlá-la: “nem materialismo nem espiritualismo explicam o homem, sem deixar, no fundo, um germe de conflito e de dualismo”.

Para Teixeira, considerando que os nossos conhecimentos são limitados para analisar os fenômenos da vida, o traço que caracteriza os fenômenos empiricamente para essa tarefa seria o da “organização”. Trata-se de aceitar a realidade, a instauração de uma filosofia nova, livre de conflitos, inquietações e dualismos, uma filosofia de humildade que liberta, tranquiliza e torna possível o progresso. Para Teixeira, “O homem pode sentir-se pequeno, mas, não terá razões para se sentir perturbado. À medida que crescer em conhecimentos crescerá em liberdade, no sentido de mais um largo controle de ambiente e, por conseguinte, de mais um largo poder de ação”. (TEIXEIRA, 2007, p.97)

Na certeza de que estamos longe de um mundo seguro e perfeito, Teixeira reitera:

> Graças ao método científico, que veio pacientemente elaborando, chegou ao conhecimento de algumas uniformidades, comumente chamadas leis, não constituirão nunca toda a essência da natureza, razão porque não será possível jamais o governo perfeito e seguro do mundo. (TEIXEIRA, 2007, p.98)

Para Teixeira o homem deve viver liberto de concepções transcendentais, deve viver com esperança, elaborar projetos, afinal, temos o elemento da certeza e da aventura, representados respectivamente pela ciência e pela natureza, que “farão da existência humana uma teia de riscos, de sucessos, de fracassos, de alegrias e de tristezas, como tem sido sempre até hoje.” (TEIXEIRA, 2007, p. 98)

1.6 Sobre a democracia e sua direção

No sexto e último capítulo do livro, Teixeira elabora em três tópicos as suas conclusões em relação à sociedade democrática e sua direção. Primeiramente, ele nos relata sobre as

origens da sociedade. Em seguida, sobre a grande evolução industrial e, finalmente, sobre a direção da sociedade.

O primeiro tópico é bem curto e trata do processo de desenvolvimento humano. Nesse tópico Teixeira chama a atenção para o quão difícil se torna para o homem a busca do equilíbrio e do seu o direcionamento a partir dele. Em seguida, Teixeira aborda as origens do homem, desde o *homo sapiens* até a era moderna, com destaque para o uso de instrumentos como recursos para a sobrevivência. Logo após esse período, com a capacidade que o homem tinha de se educar e se transformar, Teixeira salienta que ainda falta a consciência e a intenção da sua capacidade: "(...) a vida teria, nessa época, a certeza e a regularidade inconsciente dos animais". (TEIXEIRA, 2007, p. 102)

Teixeira descreve que foi por meio do uso constante das mãos e o manejo dos instrumentos, que houve mudanças no sistema ósseo e nervoso do homem, desenvolvendo nele capacidade de apreensão e vocalização: "(...) aí vamos deparar com um homem cujos instintos e impulsos se encontram subjugados por uma organização social de costumes e hábitos, regulares, imutáveis e fatais". (TEIXEIRA, 2007, p. 103)

Teixeira relata que, a partir dessa "organização social", a vida do homem transformou-se em uma "progressiva e eficaz opressão de desejos e impulsos", determinada pelas "proibições e permissões de hábitos e de costumes". Teixeira reitera ainda que não é possível caracterizar o homem como animal de "pensamento e razão", mas, como animal de "hábitos e costumes".

Abordando o desenvolvimento do homem, Teixeira descreve que foi a partir do pensamento que o homem começou a progredir e buscar a evolução, porém, não havia uma construção consciente do raciocínio: "(...) até aí, o pensamento da humanidade tinha a inconsistência do pensamento infantil". (TEIXEIRA, 2007, p.104). Segundo Teixeira, até

> (...) o momento, o homem não tinha nenhum recurso para a direção consciente de sua vida. As causas eram assim porque eram. Ainda não se chegara a disciplinar o pensamento para que dele se fizesse o instrumento de fazer e responder perguntas, em que depois se transformou. (TEIXEIRA, 2007, p.104)

No tópico "A grande revolução industrial", Teixeira afirma que, a partir dessa era, o homem passou a educar-se: o homem não era mais um animal guiado por hábitos e costumes, mas, "animal que dirigia a si mesmo, pelo raciocínio e pela ciência". O fato é que a organização

das sociedades primitivas fora substituída por uma “organização de singular *liberdade de laços*”, onde homens se tornariam indivíduos. Para ilustrar a individualidade e a capacidade de se dirigir sozinho, Teixeira usa adjetivos impactantes para caracterizá-los: “autônomos”, “interdependentes”, “harmônicos”.

Teixeira situa que a preocupação do homem com a direção da vida veio com o conhecimento das leis e suas forças estranhas e contraditórias. No mesmo período houve o desenvolvimento da inteligência que permeou por vários séculos, até o fim da Idade Média. Com o desenvolvimento da inteligência, o homem foi capaz de realizar interpretações das leis que governam o mundo.

Finalmente, no tópico seguinte, Teixeira apresenta o problema da direção da sociedade, diante desse novo estado das coisas: esse problema se tornou o maior e mais grave da sociedade moderna. Em contrapartida, Teixeira aposta na educação para auxiliar nesse direcionamento. Para ele, é o único caminho a seguir, “esclarecer é educar. A direção da sociedade só pode ser dada, hoje, pela educação, porque as forças da ciência tornaram a vida tão ampla e tão complexa, e os homens tão libertados, que, ou eles dirigem a si mesmos, ou ninguém mais o dirigirá”. (TEIXEIRA, 2007, p.109).

É instigante a relevância que Teixeira atribui ao esclarecimento e à educação. Ele relata que esses fatores garantem não somente a direção do indivíduo, como a sua salvação. Na visão de Teixeira, é necessário que o indivíduo tenha felicidade, mas, para isso, vivendo “dentro de uma babel de forças e riquezas materiais e espirituais, contraditórias e antagônicas”, é indispensável “uma dose muito grande de cultura, de conhecimento e de educação”.

É interessante a abordagem que Teixeira faz sobre a “liberdade” e a “independência”, deixando claro que há confusão no conceito das pessoas em relação a esses dois vocábulos. Para Teixeira, independência significa o “isolamento, uma qualidade quase sempre negativa que empobrece e diminuem os homens”. Ele insiste que, com a vida mais complexa e mais difícil, seremos mais dependentes e essa dependência nos trará integração e desenvolvimento. Consequentemente, na elaboração de Teixeira, “(...) com tal dependência progredirá a nossa liberdade”. Teixeira vai além, relata que o dia a dia mais “dependente” de pessoas, coisas e ideias, será “mais feliz e mais livre”, desde que haja compreensão do “jogo em função desses elementos em sua vida”.

Com todas essas elaborações e análises do indivíduo e do pensamento humano, Teixeira define o direcionamento da sociedade:

> Tal sociedade será tanto mais conscientemente dirigida, quanto mais educados forem os indivíduos que a compuserem. Nesse sentido é que compreendemos a direção da sociedade pela educação, considerada como a própria mola interior de cada indivíduo, cuja semelhança de funcionamento fizesse com que toda a sociedade se movesse harmoniosamente para frente, sem os atritos, desigualdades e conflitos que estão a pôr a vida humana em perigo. (TEIXEIRA, 2007, p.111)

Teixeira finaliza a obra “Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos” com uma mensagem valiosa acerca da civilização anglo-americana. Para ele a educação tem que estar à altura dos problemas e das catástrofes do mundo. Ele enfatiza que existirão sempre “dificuldades laboriosas”, porém, é necessário que o homem perceba a necessidade de esclarecimento e educação, tendo em vista que a sociedade está cada vez mais dinâmica e exigente.

2 INTERPRETAÇÕES ANISIANAS DA ANGLO-AMERICANIDADE CONTIDAS NO LIVRO "PEQUENA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: A ESCOLA PROGRESSIVA OU A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA"

Preâmbulo

A obra "Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola" foi escrita por Anísio Teixeira na década de 1930 e publicada pela primeira vez em 1934, pela Companhia Editora Nacional em São Paulo. Trata-se, portanto, do segundo livro publicado por Teixeira após o seu retorno das viagens realizadas aos EUA no final da década de 1920. Além dos dois livros publicados em 1934, Teixeira publicou em 1936, o livro "Educação para a democracia: introdução à administração educacional". A diferença é que as duas primeiras publicações são destinadas à interpretação de questões da civilização e da educação anglo-americanas. Na primeira publicação aqui mencionada, Teixeira dedica-se à análise de aspectos da civilização e, na segunda, às concepções da versão anglo-americana da Escola Nova. O terceiro livro, publicado em 1936, é destinado às questões da educação brasileira.

Este capítulo da dissertação é dedicado à análise da "Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola". O exemplar analisado é o de volume cinco, sexta edição da Coleção "Cultura, Sociedade, Educação". O livro contém cento e cinquenta páginas, incluindo os elementos pré-textuais, um pequeno texto intitulado nota do autor e seis capítulos com os seguintes títulos: I – Reacionários e renovadores; II – A transformação da escola; III – Diretrizes da educação e elementos de sua técnica; IV – A educação e a sociedade; V – A conduta humana e a educação; e, VI – Filosofia e educação.

Na nota preliminar, Teixeira salienta que as ideias contidas na obra não foram elaboradas com a preocupação de originalidade e que elas filiam-se ao pensamento de educadores que identificam John Dewey como principal figura do movimento de reconstrução educacional nos EUA. Além de Dewey, Teixeira cita também Kilpatrick como influenciador de suas ideias. Os anos 1930 são de intensa circulação no Brasil das ideias escolanovistas. Esse livro foi publicado por Teixeira dois anos após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova.

O Manifesto foi um movimento de reconstrução educacional, com que, reagindo contra o empirismo dominante, pretendeu um grupo de educadores, no qual Teixeira fazia parte,

propôs nestes últimos doze anos, a transferência do terreno administrativo para os planos político-sociais, a solução dos problemas escolares. O foco era atualizar o âmbito escolar, no aspecto social, romper barreiras e exercer influências por meio de ações educativas. A partir do manifesto as instituições escolares iniciaram uma organização de comissões e grupos de discussão de ideias para evolução e adaptação do sistema escolar com a realidade da sociedade.

A nota do autor, contida na abertura do livro e na qual salienta a ausência de preocupação com a originalidade das ideias, significa que se trata de um texto no qual o autor quer fazer circular no Brasil os ideais escolanovistas assimilados por ele nas viagens realizadas no final dos anos 1920. Na mesma nota, Teixeira também faz uma explicação do título da obra, reiterando que se trata do registro das novas concepções escolares que emergem como resultado das constantes mudanças típicas da vida moderna. A escola nova é, portanto, o ajustamento das práticas escolares ao dinamismo da vida moderna.

Tal qual foi feito no capítulo primeiro dessa dissertação, a apresentação e análise do conteúdo do livro "Pequena introdução à filosofia da educação (...)" seguirá a sequência dos capítulos do livro. O objetivo é também o mesmo, isto é, trata-se de buscar na obra a interpretação anisiana da civilização anglo-americana e suas particularidades. O assim chamado escolanovismo não é uma propriedade dos EUA e sim um movimento mais abrangente que surge no final do século XIX em diferentes lugares do mundo ocidental, particularmente em países europeus e nos EUA. O que Teixeira parece salientar ao longo do livro é que o escolanovismo anglo-americano tem suas particularidades e que não se caracteriza por uma reprodução de ideias originárias da Europa.

2.1 Sobre reacionários e renovadores

O primeiro capítulo do livro tem por título "reacionários e renovadores". Antes de abordar o conteúdo, é interessante salientar os significados dos dois vocábulos que compõem o título. Segundo as definições básicas contidas em dicionário da língua portuguesa Aurélio (FERREIRA, 1999), reacionário significa o que é relativo, pertencente ou favorável à reação, ou caracterizado pela mesma. Reação, portanto, tem a ver com ação: é como se reação fosse uma ação derivada ou espelhada numa ação. Obviamente que a reação dos reacionários é relativa à ação de renovação dos renovadores. Assim, reacionário é aquele que está preso ao

passado. Ao contrário, renovador é um substantivo que designa a ação de quem quer renovar. Enquanto a referência dos reacionários é o passado, a referência dos renovadores é o futuro. Os vocábulos utilizados por Teixeira para nomear o primeiro capítulo de seu livro são significativos por diferentes razões. A primeira é que a abordagem prepara terreno para situar a Escola Nova como movimento de renovação tipicamente moderno e que tem o futuro como referência. E como todo movimento de renovação a escola nova tem seus inimigos, ou seja, aqueles que se pegam ao passado como forma de resistir ao dinamismo e às mudanças típicas da vida moderna. A segunda razão dos vocábulos usados por Teixeira remete diretamente ao Brasil dos anos 1930: período de intenso embate entre os reacionários ligados ao latifúndio e à educação de cunho católico e os renovadores ligados ao industrialismo e à educação escolanovista. Teixeira, obviamente, se coloca como um renovador, um inimigo, portanto, dos reacionários. Isso é muito significativo para o entendimento da importância da experiência anglo-americana na vida de Teixeira. Declarar-se um renovador e distanciar-se dos reacionários é um fato importante na vida de um sujeito oriundo de famílias ligadas ao coronelismo latifundiário e que passara a juventude em escolas jesuítas na Bahia.

Neste primeiro capítulo o autor trata as perdas de valores nas idas e vindas da transformação social em decorrência das crises que o país atravessa. Geralmente para o homem, a culpa dessas perdas acaba incutindo nas escolas, criando uma mentalidade associada à necessidade de reformá-las. É como se a escola tivesse falhado em sua missão espiritual. A questão é que a transformação da escola trouxe consigo uma transformação da juventude atual, influenciando nos seus métodos de vida, costumes, aspirações e coragens de ação. Em meio a tantas mudanças a autoridade dos mestres e dos livros passa a ser colocada à prova, trata-se de uma era de questionamentos e críticas. O mais assustador de tudo isso é a aprovação por parte de educadores, defendendo teorias de autodisciplina e autogoverno. Teixeira não oprime as mudanças e as transformações presentes na educação repassada nas escolas, mas sim, os desvarios, as loucuras e as rebeldias da juventude moderna. Para Teixeira não é a escola a responsável pelas transformações do espírito da sociedade. Os educadores defendem a teoria de reajustamento das escolas às necessidades dessas transformações buscando retificá-las e harmonizá-las mutuamente.

Segundo Teixeira, os educadores da Escola Nova se baseiam na auto-educação, porque, só a própria pessoa se educa. Educação é, antes de tudo, o resultado de se assumir direta e integralmente a responsabilidade dos próprios atos e experiências. Os educadores

escolanovistas realmente acreditavam que somente por meio de “liberdade” os alunos se disciplinariam e assumiriam plena responsabilidade dos seus atos.

Teixeira relata neste capítulo a teoria da educação moderna, que se funda na autonomia e liberdade e que acredita que o desenvolvimento do homem se constituirá pela sua própria natureza, contrária à teoria da escola tradicional, em que os alunos cumpriam regras para não sofrer penalidades. A teoria da educação moderna consiste na formação de homens prazerosos em conquistar o caminho de sua emancipação. “A escola progressiva é a escola onde as atividades se processam com o máximo de oportunidades para essa ascensão”. (TEIXEIRA, 1934, p.23)

Com relação ao produto da Escola Nova, o autor reitera que “o homem que sabe ir e vir com segurança, pensar com clareza, querer com firmeza e executar com tenacidade, o homem que perdeu tudo o que era desordenado, informe, impreciso, secundário em sua personalidade, para tê-la nítida, disciplinada e lúcida”. (TEIXEIRA, 1934, p. 24)

2.2 A transformação da escola ou a filosofia da escola nova ou escola progressiva

O segundo capítulo é dedicado às transformações ocorridas na instituição escolar até a chegada da escola nova ou da escola progressista. O capítulo é dividido em três tópicos com os seguintes títulos: a) Escola nova ou Escola progressiva? b) Fundamentos sociais da transformação escolar; c) Fundamentos psicológicos da transformação escolar.

A abordagem de Teixeira no é referente à evolução da escola e o ponto de culminância desse processo é a “Escola Nova”, que, nos EUA é chamada de “escola progressiva”. Teixeira utiliza a definição de Kilpatrick para justificar o termo usado nos Estados Unidos, Escola Progressiva porque se destina a ser uma escola da civilização em mudança permanente.

“Com efeito, o que chamamos de a “escola nova” não é mais do que a escola transformada, como se transformam todas as instituições humanas, à medida que lhes podemos aplicar conhecimentos mais preciosos dos fins e meios a que se destinam”. (TEIXEIRA, 1934, p.26)

Para Teixeira, assim como outras áreas do conhecimento como a engenharia e a medicina se renovaram e evoluíram, a educação renova-se nos seus meios e por intermédio deles, nos próprios fins. Baseando-se na filosofia de Dewey “os meios são frações de fins”. Teixeira alerta que a reconstrução da educação não ocorre com a mesma aceleração e eficiência de outras áreas do conhecimento como a engenharia e a medicina, por exemplo. Essa dificuldade é decorrente de divergências inevitáveis, de expectativas exageradas, de entusiasmos e de desânimos que permeiam o campo da educação.

Segundo Teixeira, o desenvolvimento da ciência possui total relação com outros aspectos de desenvolvimento da sociedade:

> (...) o desenvolvimento da ciência que nos vem emancipando da rotina, do improvisado e do acidental é tão recente e tão incompleto que pôde, ainda, conciliar todas as inteligências. Transforma-se a sociedade nos seus aspectos econômicos e sociais, graças ao desenvolvimento da ciência, e com ela se transforma a escola, instituição fundamental que lhe serve, ao mesmo tempo, de base para sua estabilidade, como de ponto de apoio para a sua projeção (TEIXEIRA, 1934, p.27).

No tópico “fundamentos sociais da transformação escolar”, Teixeira traz como exemplo a análise de uma miniatura da cidade de São Paulo de 1840, “cidadezinha sertaneja, de casinhas brancas, rodeadas de alguns conventos e igrejas”. Para Teixeira é o progresso o responsável pela transformação material do mundo. Para ele a razão principal pela qual o progresso ocorre, é a aplicação da ciência às coisas da civilização humana: “materialmente o progresso é filho das invenções e da máquina” (TEIXEIRA, 1934, p.28).

Além da questão material, Teixeira atenta para o fato de a ciência ter trazido a mudança de mentalidade das pessoas, passando o estado das coisas de permanente para dinâmico. Ele conceitua a experimentação científica como um método de progresso literalmente ilimitado, quando descreve o homem: “Ele ganhou o hábito de mudar, de transformar-se, de ‘progredir’, como se diz. E essa mudança e esse ‘progresso’ o homem moderno os sente: é ele que os faz”. (TEIXEIRA, 1934, p.29). Segundo Teixeira a figura do homem é primordial nesse processo de transformação e progresso: “Ele constrói e reconstrói o seu ambiente. E cada vez é mais poderosa, nesse armar e desarmar de toda uma civilização. Mas o homem é mais lógico que seus filósofos” (p.29). Teixeira era um intelectual imensamente otimista quanto aos resultados da ciência e da indústria para o progresso humano e todo esse otimismo era oriundo de sua experiência com a civilização anglo-americana. Como salientado por Silva (2014), antes das

viagens aos EUA, Teixeira viajara à Europa em 1925 e as representações que ele descreve, principalmente de Paris, são significativamente pessimistas.

Teixeira também salienta a transformação social e moral da humanidade, evidenciando que o progresso não é somente material: mudam-se a família, os costumes, os hábitos, a comunidade, mudam-se as responsabilidades assumidas. Em meio a essa nova ordem de mudanças que a escola tradicional enfrenta, duas delas afetam a velha escola tradicional: preparar o homem para indagar e resolver por si os seus problemas, preparar o homem para um futuro imprevisível.

Baseado no pensamento de Teixeira, apesar da moderna civilização ser permeada pela experimentação científica, impulsionada pelo movimento e pela reconstrução, ainda existem tendências que marcam as linhas que estão traçando o caminho da evolução. Teixeira aponta três delas. A primeira é que o antigo perfil do homem, antes medroso, submisso e desconfiado, apresenta, após as transformações da escola, uma postura diferente, onde predomina a determinação, o otimismo, a coragem, a responsabilidade e a confiança. Dessa forma, Teixeira aponta como primeira diretriz o fato de o homem moderno ser dotado de uma "nova atitude espiritual" e que "o método experimental reivindicou a eficácia do pensamento humano". Segundo ele:

> (...) graças a esse método científico, se está construindo a civilização progressiva dos tempos de hoje, toda feita pelo homem e para o homem. (...) o homem está refazendo a vida, para a sua maior tranquilidade, seu maior bem-estar, sua maior dignidade e sua maior felicidade. (...) esse novo homem independente e responsável que a escola progressiva deve preparar (TEIXEIRA, 1934, p.33).

A segunda grande diretriz da vida moderna apontada por Teixeira é o industrialismo. Teixeira apresenta a facilidade do trabalho que substitui a força física pela máquina e atribui à indústria a responsabilidade pela exploração dos recursos materiais do planeta e da completa integração e articulação da terra inteira. Segundo Teixeira, o progresso também deixa sua marca no pensamento e na ideia do homem moderno:

> A indústria está integrando o mundo inteiro em um todo interdependente. Não só a matéria-prima, mas a ideia e o pensamento, hoje são propriedades comuns de todo homem. O vapor, o trem, o automóvel e o aeroplano, como o telégrafo, o telefone, o rádio, e a televisão põem todo o mundo em comunicação material e espiritual (TEIXEIRA, 1934, p. 33).

O homem moderno não tem nenhuma relação com o homem de outros tempos, é um "membro responsável e inteligente desse novo organismo" (TEIXEIRA 1934, p.34). Outro efeito social da indústria é o de retirar das famílias suas antigas funções econômicas, havendo uma grande alteração nas funções caseiras.

Não diferente dos dias atuais, o lar deixou de ser um local de trabalho e de diversão, passou a ser um "lugar onde alguns indivíduos voltam, à noite, para dormir".

> Dessa desintegração das pequenas unidades anteriores – o trabalho individual, o lar, a cidade e a própria nação até a vinda da grande integração da grande sociedade, muitos problemas tem que ser resolvidos e mais uma vez se há de exigir do homem mais liberdade, mais inteligências, mais compreensão, se é que não queremos ficar em uma simples interdependência mecânica e degradante. (TEIXEIRA, 1934, p.34).

Outro aspecto é a super especialização do trabalho, o homem se sente uma "peça de máquina", havendo uma desintegração do trabalho em relação à sua vida. Esse problema é outro desafio que a educação tende a enfrentar e resolver.

Como terceira diretriz da vida moderna, Teixeira traz a tendência democrática, colocando em destaque o respeito pela personalidade humana, onde "cada indivíduo conta como uma pessoa", tendo expressão máxima de seus valores. Apesar da democracia não ter filiação à ciência, para o autor a "(...) democracia é, acima de tudo, um modo de vida, uma expressão ética da vida, e tudo leva a crer que o homem nunca se encontrará satisfeito com alguma forma de vida social que negue essencialmente a democracia". (TEIXEIRA, 1934, p.35)

Na abordagem dessa tendência moderna, Teixeira destaca que existem dois deveres que se desprendem dela e refletem profundamente na educação, o de o homem ser uma individualidade e de sentir-se responsável pelo bem social: "Personalidade e cooperação são os dois pólos dessa nova formação humana que a democracia exige" (TEIXEIRA, 1934, p. 35).

Quando Teixeira descreve o comportamento que as novas situações da vida moderna irão exigir do homem, logo vem a conclusão de incapacidade da escola tradicional em formar tais atitudes. Teixeira focaliza a formação do homem moderno pela escola progressiva, onde o homem se orienta por uma "autoridade interna": o homem moderno é um "novo homem", "com hábitos novos de adaptabilidade e ajustamento", o homem moderno possui individualidade, tem capacidade de analisar e resolver situações "de acordo com as luzes da razão de cada um".

Diante da análise, Teixeira descreve as finalidades da escola. “Podemos perceber a nova finalidade da escola, quando refletimos que ela deve preparar cada homem para ser um indivíduo que pense e que se dirija por si, em uma ordem social, intelectual e industrial eminentemente complexa e mutável”. (TEIXEIRA, 1934, p. 36)

Para Teixeira a mudança da escola tradicional para a escola progressiva, bem como o tipo de formação ofertada, se fez necessária por razão da modificação social, pois o homem moderno deve possuir característica de liderança, nem que seja para liderar a própria vida, com inteligência e agilidade. A escola tradicional ofertava uma formação totalmente livresca, ensinava o aluno a obedecer, sendo que o destaque era o aluno mais dócil em disciplina.

> A escola é o retrato da sociedade a que serve. A escola tradicional representava a sociedade que está em vias a desaparecer. (...) a escola progressiva não pretende, por sua vez, apoiar-se senão nesses fatos e nessa nova mentalidade. Como a escola tradicional, ela é a réplica da sociedade renovada em que vivemos. (TEIXEIRA, 1934, p.37).

Teixeira demonstra uma postura firme quando fala dos responsáveis pela educação escolar, “(...) porque cabe a eles reorganizar a escola para o fim de servir às novas funções que lhe dita o atual momento da civilização” (TEIXEIRA, 1934, p.39). Segundo Teixeira, a reorganização da escola importa em “trazer a vida para a escola”. A escola deve refletir a vida da criança, o que seria impossível colocar em prática pela escola tradicional. A criança deve vivenciar situações nas quais possa praticar a tolerância, a simpatia, o entusiasmo e somente uma situação real de vida, tornaria isso possível: “(...) a escola deve vir a ser o lugar onde a criança venha a viver plena e integralmente” (TEIXEIRA, 1934, p.39).

Para Teixeira a criança formada pela escola progressiva apresenta particularidades em sua formação e características pessoais diferenciadas, portanto, cabe a escola progressiva: “(...) aparelhar a criança para ter uma atitude crítica de inteligência, para saber julgar e pesar as coisas, com hospitalidade, mas sem credulidade excessiva” (TEIXEIRA, 1934, p. 40).

Teixeira defende que a escola deve prover a oportunidade para a prática da democracia: “(...) democracia na escola importa em democracia para o mestre e democracia para o aluno” (TEIXEIRA, 1934, p.40), que mostre um direcionamento para a própria vida. A democracia, o modo moral de vida do homem moderno, direciona para a escola a responsabilidade de disseminar o sentido de independência e direção, tolerância e personalidade. Teixeira relata que a escola não oferece soluções prontas, a essência está na formação da criança. Portanto:

> É esse o fim da escola, a esse respeito: ajudar os nossos jovens, em um meio social e liberal, a resolver os seus problemas morais e humanos. (...) para essa finalidade, só um novo programa, um novo método, um novo professor e uma nova escola – podem bastar (TEIXEIRA, 1934, p. 41).

Por fim, Teixeira aponta alguns termos que identificam claramente o papel da escola progressiva: “educar homens”, “preparar para um futuro incerto e desconhecido”, “ensinar a viver com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente, com maior felicidade” (TEIXEIRA, 1934, p.41).

No tópico “fundamentos psicológicos da transformação escolar”, Teixeira trata da presença da psicologia no aprendizado e mostra que o aprender não vem do ato de decorar um livro, fixar ou exprimir verbalmente um conhecimento. Para ele, o aprender vem seguido de um modo sábio de agir, conforme o que foi aprendido. Logo, “aprender é um processo ativo de reagir a certas coisas, selecionar reações apropriadas e fixá-las depois no organismo” (TEIXEIRA, 1934 p. 43).

De acordo com Teixeira, não se aprende por absorção já que o aprendizado é uma reação ou uma série de reações especiais. Teixeira nos apresenta duas interpretações gerais do ato de aprender, que podem se chamar de “leis”. As mais importantes são a de prática e efeito e a de inclinação (“*readiness*”). A primeira se encontra nas necessidades físicas, intelectuais ou morais, do organismo. Nessa abordagem, Teixeira afirma que o ato de aprender tem relação com uma situação real de experiência: “Aprendemos, quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, sabemos agir de acordo com o aprendido. A palavra agir tem vulgarmente um sentido estreito de ação material” (TEIXEIRA, 1934, p.43).

A criação de um ambiente favorável ao aprendizado de determinados conhecimentos é perfeitamente possível, porém, valores pessoais não são aprendidos com o mesmo método. Teixeira fala que, para a escola possa ensinar a criança a ser boa ou tolerante, deve criar situações favoráveis e criar um ambiente que estimule a criança a praticar a bondade e a tolerância. “A escola não pode ser uma simples classe de exercícios intelectuais especializados. Assim é a nova psicologia de aprendizagem que obriga a transformar a escola em um centro onde se vive e não em um centro onde se prepara para viver”. (TEIXEIRA, 1934, p. 45)

No tópico “propósito ou intento do aluno” Teixeira chama atenção para o interesse do aluno em aprender. Ele afirma que é necessário querer aprender, ou seja, o aprendizado deve

nos trazer satisfação e prazer. Outro fator citado é que “não se aprende nunca uma só coisa”. Com isso Teixeira relaciona outros fatores que estão empenhados no aprendizado como objetivo principal e até, às vezes, mais importante do que ele próprio. Teixeira ilustra seu pensamento por meio deste relato:

> Imaginemos uma criança que aprende a escrever. Toda a sua atividade física está empenhada nisso. Os músculos do braço e da mão, a cabeça, o pescoço, o tronco, tudo está em movimento. Várias sensações de pressão, esforço de respiração, ela está experimentando. Toda atividade mental também ela trabalha (TEIXEIRA, 1934, p.45).

Após a análise das necessidades dos alunos em ter acesso a uma escola que atenda suas necessidades sociais e psicológicas, Teixeira questiona: afinal, de que escolas precisamos? (TEIXEIRA, 1934, p. 47) define que a escola que pode satisfazer as exigências sociais e pedagógicas, deve ser:

> Uma escola de vida e de experiência (...). Uma escola onde os alunos são ativos e onde os projetos formem a unidade típica do processo de aprendizagem (...). Uma escola onde os professores simpatizem com as crianças, sabendo que só através da atividade progressiva dos alunos podem eles se educar, isto é, *crescer*, e que saibam ainda que *crescer* é ganhar cada vez melhores e mais adequados meios de realizar a própria personalidade dentro do meio social onde se vive. (TEIXEIRA, 1934, p. 47).

Com a elaboração da escola progressiva, que funciona de acordo com a necessidade dos alunos, é possível perceber a disparidade com a escola tradicional. Na escola tradicional os alunos recebiam ordens e as cumpriam com sofrimento; na escola progressiva, “as *matérias* são a própria vida” dos alunos, distribuídas em “centros de interesse ou projetos”. O estudo significa “esforço para resolver um problema” e ensinar é “guiar o aluno na sua atividade”.

Em continuidade ao conceito de aprendizagem, Teixeira usa o pensamento de John Dewey para retratar que o “fenômeno educativo é a reconstrução da experiência, à luz da experiência atual”, ou seja, é necessário que exista uma situação real de vida para que ele opere. Teixeira reafirma a necessidade de a escola oferecer um ambiente que favoreça a aprendizagem: “(...) a situação escolar e a vida do aluno, devem ajustar-se e harmonizar-se como um todo contínuo” (TEIXEIRA, 2007, p.47).

Até esse ponto, Teixeira aborda a organização da Escola Nova, as necessidades dos alunos, bem como seu aprendizado. Mas, o que dizer da função da escola progressiva? Para Teixeira, além de ser uma “escola de experiência e de vida”, é necessário que seja “uma escola

de atividade e de trabalho". Para a integração do aluno e da escola e para despertar o interesse em realizar as atividades, Teixeira cita Claparède. Edouard Claparède nasceu e passou a maior parte de sua vida em Genebra, estudou medicina e psicologia na Alemanha, Suíça e França, concentrou-se na área da investigação, colaborando com Théodore Flournoy, a quem veio suceder como professor na Universidade de Genebra, no estudo da psicologia infantil, pedagogia e formação da memória. Claparède seguiu uma ampla gama de interesses na investigação neuro-psicológica, com destaque para a sua abordagem ao tema do sono. O trabalho fundamental de Claparède foi de enorme importância para a pedagogia, porque pretendeu construir uma teoria científica da infância, baseado na ideia de que se deveria levar em conta o estado de desenvolvimento da criança e dos processos mentais, dando devida importância ao ensino baseado no conhecimento das crianças. Embora já vários estudiosos o tivessem apontado, Claparède foi o primeiro a tornar o assunto objeto de estudo científico. A sua obra favoreceu o desenvolvimento de duas das mais importantes linhas do pensamento educacional do século XX, a *Escola Nova* e o cognitivismo. A sua visão sobre a origem do interesse, fez com que se acreditasse que os professores deveriam mudar sua postura centralizadora e tentar atrair o interesse do educando para os temas que abordados, trazendo para o ambiente escolar os jogos e outra técnicas lúdicas através das quais as crianças se sentiriam motivadas, induzindo por essa via uma necessidade de conhecer para resolver problemas. Daí o incentivo à atitude participante do educando em detrimento das aulas expositivas e com fraca interação entre docente e aluno. Claparède defendia que nas escolas, o ideal é "(...) que as crianças não façam tudo o que quiserem, mas, queiram tudo o que fazem" (TEIXEIRA, 2007, p.49).

> (...) só em uma vida onde todos trabalham com o sentimento de que participa como indivíduos, da atividade coletiva, que é também a sua podem-se realizar as condições de responsabilidade e de prazer que são indispensáveis para o crescimento educativo dos alunos e para a sua progressiva participação na sociedade adulta (TEIXEIRA, 1934, p.50).

Teixeira salienta o quanto é importante a democracia na escola, a reorganização na escola baseada na independência. Segundo ele, esse é um avanço, tendo em vista que "toda educação até hoje foi autocrática". Para Teixeira a educação não deve ser um processo mecanizado, subordinado a métodos impositivos: "Mestres e alunos devem trabalhar em liberdade" (TEIXEIRA, 1934, p.50). A liberdade para Teixeira tem uma relação forte com o pensamento e o julgamento. Para ele, o mestre não deve ter soberania sobre o seu discípulo:

“Dê-lhe oportunidade para pensar e julgar por si” (TEIXEIRA, 1934, p.50). É importante enfatizar que a liberdade, para Teixeira, não tem nenhuma relação com desordem e descontrole:

> Lembremos que estamos passando de uma civilização baseada em uma autoridade externa para uma civilização baseada em uma autoridade interna de cada um de nós. (...) o que desejamos é uma vida melhor e mais ampla. (...) mais liberdade e mais felicidade (TEIXEIRA,1934, p.51).

A concepção de Teixeira envolve um indivíduo com mais liberdade de autocrítica, análise, atitude e compreensão. Para ele, todas essas características do indivíduo o tornarão mais feliz. É dessa forma que “a finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida” (TEIXEIRA, 1934, p.51). Isso significa que a educação não deve ser um processo sofrido e sim um processo de “assegurar a continuidade do lado bom da vida”. A educação é um recurso para tornar a vida mais rica, mais larga e mais ampla. A escola progressiva significa harmonia e riqueza, “dentro do ambiente que a era industrial inaugurou” (TEIXEIRA, 1934, p.51).

2.3 Aspectos organizacionais da escola centrada no aprendiz e na aprendizagem

O terceiro capítulo do livro analisado “Diretrizes da educação e elementos de sua técnica”. O capítulo também é constituído por três tópicos com o objetivo de apresentar as diretrizes da educação e os elementos de sua técnica.

No primeiro tópico, intitulado “a criança – o centro da escola”, Teixeira apresenta conceitos a respeito da liberdade, que dentre as aspirações e tendências da escola, é a característica que mais se destaca. Essa diretriz representa o ponto central da reconstrução escolar, que traz “(...) a criança não mais como um meio, mas como um fim em si mesma”. (TEIXEIRA, 1934, p.53). Para ilustrar esse pensamento, Teixeira utiliza uma frase de Dewey: “(...) trata-se de uma transformação, diz ele, que se compara com a de Copérnico em nosso sistema planetário” (DEWEY apud TEIXEIRA, 1934, p.53). Nesse trecho, Teixeira apresenta a criança como eixo da escola, com suas tendências, impulsos, atividades e projetos. Existe neste contexto um respeito muito grande pela personalidade da criança, com ênfase numa “formação livre e espontânea para a formação do indivíduo”, baseada em uma formação natural, “para um ajustamento social perfeito”.

Teixeira relata que com a reorganização escolar, surgiram as escolas experimentais e os centros de civilização, visitados por John Dewey. Segundo Teixeira, nas visitas às escolas experimentais, John Dewey chama a atenção para a alegria das crianças e para a liberdade presente no ambiente da escola, na expressão verbal e no movimento das crianças. John Dewey também reitera que essas escolas em nada têm relação com as escolas tradicionais. Dewey sente uma melancolia ao lembrar-se da sua infância e com ela a certeza de que haverá dias melhores, infância feliz e homens fortes e tranquilos.

Analisando os parâmetros e as propostas da escola onde a criança é o centro das atenções, Teixeira coloca questões relacionadas à possibilidade do surgimento dessas escolas pelo mundo: será que não ofuscam os valores indispensáveis para a vida? Como seria a sua organização e como seria a generalização das técnicas que vão assim desenvolvendo? A questão é que as escolas experimentais existem para suprir a necessidade imediata do presente, não têm preocupações de preparação para o futuro: “A filosofia que a fundamenta, a de uma confiança ilimitada no espírito infantil é a de um respeito religioso pela personalidade da criança” (TEIXEIRA, 1934, p.55).

Teixeira cita o fato de os povos primitivos, no relato de Harold Rugg, “(...) enfaixar as cabeças das crianças para lhes dar formas cônicas” e nos conta que “(...) essa deformação física é bem mais inocente que a deformação mental a que ainda hoje nós, civilizados, submetemos os pequeninos cérebros infantis” (TEIXEIRA, 1934, p.55).

Diante dos resultados das escolas experimentais em relação às escolas tradicionais, Teixeira evidencia que é possível perceber que a ordem é exatamente oposta, uma vez que a escola tradicional obedece à ordem dos livros, do professor e está baseada em uma obediência por parte dos alunos, sendo que, quando ela não ocorre, a consequência é o castigo. Na escola renovada, a criança é mais bem tratada e existe a presença da família na escola, transferem-se mais direitos à criança, consideram-se seus impulsos, suas capacidades e suas diferenças. Para filósofos e psicólogos, sobre a natureza do fenômeno educativo: “tudo está, com efeito, em se saber o que é educar”. Mas, segundo Teixeira:

> (...) educar é uma função complexa de adaptação e crescimento do organismo total da criança, pode-se de logo ver que a escola tradicional está errada. (...) A escola deve transformar-se para prover ambiente complexo, como o ambiente da vida, onde a criança se desenvolva e se eduque. Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é assim, vida no sentido mais autêntico da palavra (TEIXEIRA, 1934, p. 57).

Para Teixeira a reconstrução educacional só pode vir por meio da autonomia e da liberdade de uma criança.

Em “reconstrução dos programas escolares**”.** Teixeira inicia fazendo uma ligação dos programas escolares com o conceito de educação e com a teoria geral de educação. Segundo ele, o fato é que desde o século XIX, os conteúdos dos programas escolares estão incutidos de informações e hábitos, capazes de formar cidadão leal ao regime a que a escola o servia.

A questão é que outras condições exigiam a transformação da finalidade da escola. Apesar da experiência escolar e dos estudos do século XIX, os objetivos da escola tradicional não eram alcançados. Teixeira reitera que o processo educativo não se faz somente na escola e por meio dela, já que o homem se transforma e é influenciado ao longo do tempo de acordo com as experiências vividas. Para Teixeira a escola não deve ser um local de orientação de preparação especializada e artificial para a vida, a informação não deve ser somente intelectualista. A escola deve ser

> (...) uma parte integrada da própria vida, ligando as suas experiências as experiências de fora da escola. Em vez de lhe caber simplesmente a tarefa de transmitir os conhecimentos armazenados nos livros, deve caber-lhe a tarefa, muito mais delicada, de acompanhar o crescimento infantil, de desenvolver a personalidade da criança. (TEIXEIRA, 1934, p. 60)

Quando Teixeira aborda o ato de aprender ele reitera o aprendizado para a vida, onde junto à informação são ensinados hábitos, disposições e atitudes. Ele é enfático quando se refere à importância do desejo do aluno em aprender: “(...) só se aprende para a vida quando não somente se pode fazer a coisa de outro modo, mas, também se quer fazer a coisa desse outro modo” (TEIXEIRA, 1934, p.60). Dessa forma Teixeira defende a aproximação da vida com a escola e conceitua o ato de aprender:

> Aprender não significa somente fixar na memória, nem dar expressão verbal e própria ao que se fixou na memória. Desde que a escola e a vida não mais se distinguem, aprender importará sempre em uma modificação da conduta humana, na aquisição de alguma coisa que reaja sobre a vida e, de algum modo, lhe enriqueça e aperfeiçoe o sentido. (TEIXEIRA, 1934, p.60)

Teixeira utiliza da teoria de Kilpatrick, para classificar “as atividades “intrínsecas” à vida da criança e “extrínsecas” a essa mesma vida, conforme participa delas ou não, a vontade intencional da criança.” (TEIXEIRA, 1934, p.60). No segundo caso, o valor educativo é

duvidoso e no primeiro, os resultados são seguros. Dessa forma, Teixeira conceitua a educação: "(...) educação não é um 'instrumento estranho à vida e que aplicamos sobre a vida para melhorá-la'; mas é o próprio processo de viver, o próprio processo de refazer, reconstruir e melhorar a vida. (TEIXEIRA, 1934, p.62)

Analisando a reorganização da escola que tem a criança como centro de si e os programas escolares considerando a contextualização da vida do aluno, para o autor "o papel do professor está em despertar problemas, torná-los sentidos e conscientes, dar-lhes uma sequência organizada e prover meios necessários para que os alunos os resolvam, de acordo com o melhor método e os melhores conhecimentos". (TEIXEIRA, 1934, p.65)

Teixeira ressalta que não há garantias que a criança aprenda tudo o que é necessário e aplicável à resolução de problemas em sua vida, mas o importante é que a criança aprenda algo que possa enriquecer o processo progressivo de sua vida. Assim, cabe à escola fornecer meios para que esse enriquecimento ocorra. Conforme Teixeira, após essas reflexões, o problema torna-se mais complexo e não há uma forma fixa a prescrever.

Apesar das dificuldades, Teixeira salienta que é necessário otimismo e que devemos crer que as coisas podem mudar:

> (...) empreendamos a reorganização dos programas, partindo do ponto onde nos achamos para o ideal longínquo que nos traçaremos. O critério central há de ser o de transformar a escola em um lugar onde a criança cresce em inteligência, em visão e em comando sobre a vida. (TEIXEIRA, 1934, p. 67)

No tópico "organização psicológica das "matérias" escolares", Teixeira apresenta como deveria ser a organização das matérias escolares para as crianças e inicia criticando a forma como a escola tradicional as organiza. Teixeira faz uso da exposição de Dewey sobre a criança e o programa escolar, bem como as contribuições de Kilpatrick. Teixeira afirma que "(...) a finalidade suprema da educação escolar é a de levar à criança à participação no sentido, nos valores e na conduta da sociedade a que pertence" (TEIXEIRA, 1934, p.68). Para o autor, as "matérias" ensinadas nas escolas não atingem o objetivo dessa participação, pois, não estão "impregnadas do sentido social necessário à sua perfeita compreensão" (TEIXEIRA, 1934, p.68). É necessária uma sequência no aprendizado da criança, não sendo possível aprender por divisões de matérias. Para isso, explica Teixeira:

> (...) a marcha da criança, em sua educação, atravessa três fases distintas: Primeiro a criança aprende a fazer coisas. (...) Aprende por intermédio da informação. (...) E por último, esses conhecimentos poderão ser enriquecidos e aprofundados, até receberem uma organização lógica, racionalizada e sistemática. (TEIXEIRA, 1934, p.70)

Teixeira salienta que as escolas iniciam o aprendizado da criança a partir do terceiro passo e que seria importante e necessário fugir da organização "lógica", e iniciar a partir da experiência da criança, para que o desenvolvimento seja realizado de forma cronológica para a criança adquirir conhecimento. Essa forma educativa é chamada de organização psicológica.

Ao longo do capítulo Teixeira apresenta experiências do ensino de matérias por parte dos professores, por meio de organizações lógicas e nos apresenta os resultados. O fato é que a partir das demonstrações de Kilpatrick foi apresentada a experiência e o resultado da experiência. A partir daí, Teixeira destaca que é possível averiguar que muitas abstrações nos métodos de ensino são realizadas de forma generalizada e que por muitas vezes, o aluno não possui a base necessária para acompanhar o raciocínio, portanto, não é possível aprender partes de um todo desconhecido, quando existe essa defasagem do conhecimento por parte do aluno. Reiterando seu pensamento e as conclusões, Teixeira destaca que:

> O ensino do mais simples para o mais complexo, na escola tradicional, falha, portanto, às leis da psicologia e do bom senso. A simplicidade dos grandes princípios e regras, com que se iniciava o ensino da gramática ou da física, está muito acima da capacidade da criança naquele momento. Por que não é uma simplicidade inicial; mas uma resultante de muitas, de sucessivas generalizações e sínteses. (TEIXEIRA, 1934, p.75)

Mais uma vez, Teixeira recorre a Kilpatrick e salienta: "Há muitos que aprendem, apesar da organização puramente lógica da matéria. Esses 'muitos' são, porém, bem poucos, se compararmos aos que se perdem pelo caminho, à grande massa dos que nada aprendem". (KILPATRICK apud TEIXEIRA, 1934, p.77).

A proposta de Kilpatrick, salientada por Teixeira, é de elaborar o ensino por meio de projetos e, para isso, estabelece cinco bases pelas quais a matéria escolar deve ser organizada: descrição clara da teoria, projetos diversos descritos em detalhes; lista de projetos em número superior aos que possam ser praticamente usados; indicação dos resultados; material para os alunos exercitarem. A ideia é que a criança desenvolva projetos de acordo com a sua capacidade, considerando as condições do meio em que ela vive. Para Teixeira: "A criança, à proporção que se desenvolve e cresce se empenhará em atividades mais complexas, que

exigirão maior soma de conhecimentos, cuja necessidade ela mesma irá sentindo" (TEIXEIRA, 1934, p.79).

A questão é saber como se opera a organização dos conhecimentos dos alunos: seriam deixados de lado como foi feito com a organização lógica? A proposta de Teixeira é que o conhecimento se desenvolva naturalmente durante a atividade, numa organização "perfeitamente vital e utilizável". A grande diferença é que serão conhecimentos utilizáveis na vida da criança:

> Os conhecimentos adquiridos desse modo se ajustam e se articulam em torno de conceitos que irá, pouco a pouco, formando e que são a toda hora, utilizáveis em sua vida, por que ela conquistou por um esforço orgânico, percebendo-lhes as relações e a função prática. (...) Afinal, a criança que se educa e o cientista que descobre mais uma verdade, agem do mesmo modo. (TEIXEIRA, 1934, p.80).

Por fim Teixeira apresenta em forma de resumo quais seriam suas conclusões sobre a organização da nova escola:

> A escola deve ter por centro a criança e não os interesses e a ciência dos adultos; o programa escolar deve ser organizado em atividades, "unidades de trabalho" ou projetos, e não em matérias escolares; o ensino deve ser feito em torno da intenção de aprender da criança e não na intenção de ensinar do professor; a criança na escola é um ser que age com toda a sua personalidade e não uma inteligência pura, interessada em estudar matemática ou gramática; os interesses e propósitos governam a escolha das atividades, em função do seu desenvolvimento futuro; essas atividades devem ser reais (semelhança com a vida prática) e reconhecidas pelas crianças como próprias (TEIXEIRA, 1934, p.82).

São notáveis e dignos de nota o entusiasmo e o otimismo de Teixeira quando se refere à realização dessas conclusões. Para ele precisamos paciência, pesquisa, inteligência e mais estudos. Apesar das novas técnicas estarem sendo experimentada, Teixeira acredita nos princípios e reitera que quando eles estão corretos, "(...) não há razão para não tentar realizar uma escola mais consentânea com a diretriz que deles decorre" (TEIXEIRA, 1934, p.82).

Teixeira é um intelectual da educação sintonizado com as mudanças e transformações sofridas, tanto as positivas quanto as negativas. Para ilustrar a possibilidade da conquista de uma escola progressiva, descreve o fim do castigo nas escolas, fato que era julgado impossível de ser extinto.

Teixeira ressalta a importância de iniciar o movimento de transformação da escola e ressalta a figura do professor no desenvolvimento da criança pela escola progressiva:

> (...) primeiro, fundando escolas experimentais, cujo o numero iria aumentando com os professores convenientemente preparados; segundo, retirando do dia escolar uma hora ou uma meia hora, em que se tente novo método, mesmo nas escolas tradicionais; (...) a organização lógica dará lugar a organizações psicológicas pessoais dos conhecimentos adquiridos. Além da obra escolar, incentive o professor as atividades extraclasses. Dê liberdade aos alunos para organizar a sua vida social e recreativa. Estimule-os neste exercício de autonomia e responsabilidade (...) assim o progresso será orgânico e real. A escola será progressiva. (TEIXEIRA, 1934, p.83).

A possibilidade da escola progressiva é defendida por Teixeira por meio de uma organização, primeiramente relacionada à fundação de escolas experimentais e posteriormente dedicando uma hora ou uma hora e meia de cada dia letivo a uma atividade escolhida pela criança, adotando o novo método de organização psicológica das matérias.

2.4 Sobre a relação entre escola e sociedade

O quarto capítulo do livro estudado “a educação e a sociedade” e é também dividido em três tópicos: “a educação e a sociedade, vistas como dois processos fundamentais da vida humana”; “a educação como fenômeno individual e social” e “a sociedade, a educação e a escola – centro da escola”; Reconstrução dos programas escolares; organização psicológica das “matérias” escolares. Vale salientar que essa ênfase anisiana na relação entre escola e sociedade tem duas razões. A primeira é que, quando Teixeira assumiu o comando da instrução pública na Bahia, em 1925, umas das questões que mais o impressionaram negativamente era a falta de interesse das famílias pela instituição escolar ou a falta de acompanhamento dos pais à vida escolar das crianças ou ainda a falta de envolvimento das famílias com as questões escolares. A segunda razão é que, quando Teixeira viajou aos EUA em 1927 e 1928, uma das questões que ele procurou verificar em visita a diversas unidades escolares era exatamente o modo como as famílias se envolviam com os assuntos escolares e como a administração escolar buscava integrar as famílias. Se os primeiros contatos de Teixeira com a educação na Bahia o marcaram negativamente pelo desinteresse e pelo distanciamento existente entre escola e famílias, nos EUA a experiência foi exatamente inversa. Segundo o relato de SILVA (2014), um dos encantamentos de Teixeira com a educação anglo-americana era a forte interação das famílias com as questões escolares.

Por isso é que no livro “Pequena introdução à filosofia da educação (...)” o assunto é retomado. A diferença em relação aos escritos da década de 1920 é que na publicação de 1934, Teixeira busca fundamentações filosóficas para justificar a importância da interação entre escola e sociedade. Teixeira, no primeiro tópico do capítulo, afirma que educação e sociedade, se influenciam. “O esforço da natureza para se governar outra coisa não é senão a educação, no sentido mais amplo do termo. Educação é, com efeito, o nome que recebe a série de fenômenos decorrentes do aparecimento da inteligência no universo”. (TEIXEIRA, 1934, p. 88)

Para o autor, “Educação é o permanente esforço de redireção da própria natureza”. ele salienta que o fenômeno da educação surgiu a partir do aparecimento da natureza consciente, através do homem, de seus meios de ação, experiência e nível mental. Salienta também que experiência e natureza não são coisas distintas: “(...) experiência é a fase da natureza em que esta se vê a si mesma, reflete sobre si mesma e se transforma a si mesma” (TEIXEIRA, 1934, p. 90).

Teixeira relaciona a educação, a experiência e o indivíduo, “a educação se processa, com efeito, por meio de um ato consciente de readaptação, em que determinada experiência, percebida em suas conexões e relações, habilita o homem a aumentar o seu poder de governo e direção de outras experiências”. (TEIXEIRA, 1934, p.91)

Teixeira atribui à educação a responsabilidade pelo pensamento e por tornar o homem “verdadeiramente, um indivíduo”. Para ele, a reflexão faz do homem um ser capaz de reconstruir a sua experiência e a sua individualidade.

> A obra personalíssima do pensamento, da educação, atua sobre o meio, enriquecendo-o com sentidos ou significados, com hábitos, costumes, instituições, instrumentos, técnicas, que vão constituir um outro mundo de realidades, criadas ou transformadas pela inteligência humana. (TEIXEIRA, 1934, p. 92)

Para Teixeira, é por meio do ato do pensamento, que o ser humano perde a qualidade individual para se tornar social, incluindo seus modelos, objetivos e resultados. Teixeira reitera que tudo no indivíduo é social, as ações, os pensamentos e a consciência.

Teixeira aborda a educação como consequência da inteligência que a partir da experiência “reorganiza e refaz a vida”. Também atribui à educação a tarefa de tornar-se dia a dia mais “complexa, mais vasta e mais acumulada”. Nesse sentido, Teixeira faz uma representação da humanidade: “(...) toda a humanidade é um grande laboratório, onde se

ensaiam, com maior ou menor consciência, métodos e experiências de reconstrução material, social e moral.” (TEIXEIRA, 1934, p.98)

Teixeira atribui uma imprevisibilidade à reconstrução da vida, quando relata sobre a velocidade das transformações e mudanças que atingem a sociedade, atribuindo a ela adjetivos como “febril” e “dinâmica”, “que se renova sob os olhos de uma só geração”. Teixeira atenta para o fato de o homem não ter preparado os jovens para acompanhar as mudanças da escola. Salienta que antes a escola era uma instituição que zelava pelo conhecimento e pela cultura, “que não podiam ser transmitidos na vida direta e imediata dos homens” (TEIXEIRA, 1934, p.99). Para Teixeira a humanidade sofre adaptações e readaptações sucessivas e atribui grande parte disso às mudanças aceleradas da escola.

> As mudanças são tão aceleradas que, se a distância e a diferença de ritmo entre a escola e a sociedade permanecessem as mesmas dos outros tempos, ao terminarmos a nossa educação escolar, seria necessário começá-la de novo, tão adiante já se acharia a vida (...) (TEIXEIRA, 1934, p.99).

No pensamento de Teixeira, por essas razões a escola deve deixar de ser uma instituição tranquila e isolada: “se depressa marcha a vida, mais depressa há de marchar a escola.” (TEIXEIRA, 1934, p.99). Apesar de reconhecer o ritmo cada vez mais acelerado das transformações, Teixeira afirma que há uma transformação maior ainda a ser feita. “Toda a vida do homem se faz em educação e por educação. A civilização material é educação, e educação é, outrossim, toda a vida social. Vida é, com efeito, comunicação entre os homens. E comunicar é educar-se”. (TEIXEIRA, 1934, p.99)

Para Teixeira a vida é uma grande e larga escola, porém, salienta que ela é acidental, sem planos e sem previsão. Ele se refere às escolas como casas de culturas, que eram responsáveis pela formação baseada nas tradições do estudo e saber, onde os problemas relacionados à vida humana eram tratados na própria vida. A civilização industrial e experimental alterou todo esse quadro da escola. Teixeira descreve que os instintos adormecidos dos homens e suas aspirações alvoroçaram, dando à ilusão humana um novo esplendor e nova esperança. Para ele, esse entusiasmo exagerado e complacente, instalou certo pessimismo, encarado por Dewey com efeito positivo: “os momentos de pessimismo, são, porém, como diz John Dewey, sobretudo momentos para os atos de coragem mais inteligentes.” (TEIXEIRA, 1934, p.100)

Teixeira atenta para que as mudanças não sejam confundidas com o progresso, relata que as crises e incertezas fazem parte dos fatos naturais e reitera que devem gerar um melhor preparo e uma reconstrução no sentido mais amplo da própria vida do homem. Teixeira salienta a importância da escola na vida social dos alunos.

> A escola não pode ficar no seu estagnado destino de perpetuadora da vida social presente. Precisa transformar-se no instrumento consciente, inteligente do aperfeiçoamento social. A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo. (TEIXEIRA, 1934, p.101).

Na visão de Teixeira, a civilização material tornou um mundo de coisas possível e fácil, por outro lado, o método experimental franqueou às inteligências novos recursos, para resolver problemas mais intrincados. Teixeira esclarece sobre o conceito de progresso:

> O progresso não consiste nas mudanças materiais que sofre a vida, mas no enriquecimento dela em sentido, em amplitude, em maneiras mais finas de a apreciar e compreender. Esse progresso é possível por meio da educação, e só por ela, desde que utilizemos da escola como instituição inteligentemente planejada com o fim de preparar o homem para uma existência em permanente mudança da qual ele fará permanente progresso. (TEIXEIRA, 1934, p. 102).

Segundo Teixeira, a escola como renovação social é ainda uma esperança, que necessita ainda de muito esforço para vê-la transformada em realidade. Ele relata que a sociedade e a civilização, estão alcançando certa complexidade que poucos homens conseguem compreendê-la de forma ampla:

> Se a escola tem de corresponder aos deveres antigos de conduzir os homens à participação nessa cultura, nessa civilização e, mais do que isso, aos deveres novos de os preparar para guiar a sua própria renovação, bem podemos ver como deve ser profunda e corajosa a reconstrução porque essa escola tem de passar. (TEIXEIRA, 1934, p.103)

Teixeira destaca a importância da preparação do professor para a nova escola no objetivo de formação do novo homem, já que, para a compreensão da cultura contemporânea, é necessária ampla formação científica e social. No que diz respeito aos conceitos, generalizações, tendências e problemas, segundo o autor é essencial “preparar o professor para compreendê-los bem e para os analisar a fim de que acompanhe a evolução humana, não é tarefa simples, nem de fácil execução. Quer dizer, pois, de preparar a escola – a escola para todos”. (TEIXEIRA, 1934, p.104).

A escola mudou e o público atendido também, Teixeira salienta que a escola de hoje está invadida por *todas* as crianças, ao invés de alguns favorecidos que outrora a frequentava. Teixeira salienta quanto ao conhecimento adquirido pelos alunos, não é simplista e atrasado, para ele, o estudante deve sair da escola com uma formação para a transformação.

> E o estudante não há de sair apenas adestrado e eficiente no seu trabalho, mas de inteligência aguçada e alerta, compreendendo os segredos e incertezas de um mundo complexo e mutável, acessível à simpatia e à tolerância para com as tendências mais opostas, sentindo que a vida evolve um pouco pelo seu esforço próprio de melhor agir, a fim de concorrer para o enriquecimento e o progresso da existência humana. (TEIXEIRA, 1934, p.104)

Antecipando aos que poderia acusá-lo de propositor de tarefas irrealizáveis, Teixeira enfatiza:

> E para que isso realize, trabalham exércitos de paz maiores que os exércitos de guerra: os exércitos de professores e educadores de todo o mundo. (...) exército de professores e educadores de todo o mundo (...) Deem-lhes os elementos de cultura, de estudo e de recurso, e esses exércitos irão tentar a renovação da humanidade, a grande aventura da democracia, que ainda não foi tentada." (TEIXEIRA, 1934, p.105).

Para Teixeira, o mais rico da docência é a oportunidade da convivência com as crianças, que trabalham com o progresso da humanidade por meio da cultura e do saber. A tarefa mais grandiosa do professor é a de "formar homens": "eles tem razões de crer, de lutar e de esperar". Recorrendo a Horace Mann, Teixeira enfatiza: "um formador vale por mil formadores". (TEIXEIRA, 1934, p.105).

2.5 Questões da conduta humana: entre a tradição e a modernidade

O quinto e penúltimo capítulo "a conduta humana", está dividido em três tópicos: "moral científica e moral tradicional", "análise das três premissas basilares e de suas consequências" e "conclusão".

A abordagem do capítulo focaliza os conflitos entre moral científica e moral tradicional no cenário da modernidade industrial e no ambiente dos homens de ação. Apresenta questões relativas à natureza humana são abordadas, considerando a função do conhecimento segundo Dewey, que menciona a concepção atual da natureza humana e o indeterminismo do progresso

social ou moral. Teixeira destaca que a atividade humana é um meio para se atingir o bem, que é um fim estranho ou superior a essa atividade: “vida é preparação” (TEIXEIRA, 1934, p. 106)

Teixeira diferencia a ciência da moral e da conduta humana, além de salientar que as transformações da vida moderna afetam diretamente a escola e a formação do homem. Para Teixeira:

> (...) grande transformação estará em fazer da conduta moral do homem uma consequência dos conhecimentos positivos a que o homem vai chegando em fisiologia e em psicologia. Quando chegarmos a conceber o mal como um simples funcionamento anormal dos órgãos bio-sociais do homem – digamos assim, e tivermos para com ele a mesma atitude experimental que temos para com os males físicos, teremos dado o primeiro passo para uma ciência moral. (TEIXEIRA, 1934, p.109).

Teixeira faz um questionamento acerca da moral científica a partir do progresso da medicina: o que seria da medicina se fosse governada pelos princípios morais que consideram as doenças castigos sobrenaturais? Onde estaria a medicina nos dias de hoje? A separação moral das atualidades presentes na vida humana resume-se em costumes mais ou menos puros, que se chama moralidade convencional. Teixeira salienta que nem todos se fecham dentro desse convencionalismo. Há pelo menos três grupos que não se incluem na classificação niveladora: os dos homens de ação, os que se atiram nos braços da “natureza” e os que se preocupam com o progresso espiritual de suas almas.

> Está aí o panorama moral do mundo. O grande rebanho humano servido por uma moral convencional que se resume em aparências e preconceitos. O grupo dos homens de ação que utiliza de tudo isso para a realização de seus propósitos e que defende, por essa causa, a moral cômoda que lhes permite os triunfos. Os “rebeldes” que buscam numa forma inferior de libertação a revelação de suas “individualidades”. E, por último, os idealistas inumanos, que desprezam a “natureza” desprezam a “ação” e se fecham em um egoísmo espiritual, fanático e ardente. (TEIXEIRA, 1934, p.113).

Para Teixeira, considerar a moral como um domínio estranho à natureza é um erro, principalmente quando governada por princípios adaptáveis às nossas condições de vida. Na perspectiva de Teixeira, na fase jovem é possível se dar ao luxo de viver em um mundo de ilusões, porque nesse momento da vida a pessoa ainda não assumiu responsabilidades e obrigações: na fase da infância a vida é mais “fácil”, é “melhor”, com menos decepções.

São três as premissas fundamentais da moral tradicional que vigora até o começo do século XX: natureza humana como impura e corrompida, atividade humana como meio de

atingir o bem e regras de conduta humana fluem de princípios morais preconcebidos e estranhos à experiência racional ou positiva.

Segundo Teixeira, não há dúvidas que essas premissas têm consequências referentes à concepção de natureza humana, relata a concepção de natureza humana como impura e não como algo recente. Dessa forma teríamos um progresso social:

> (...) demorado, mas constante e a natureza humana evoluindo de formas "primitivas e bárbaras. Estamos, na verdade, longe da teoria da corrupção original. Mas é, ainda, uma noção de primitividade e rudeza a explicar, erroneamente, as falhas humanas de que o homem só poderia emancipar por um lento processo evolucional de aperfeiçoamento. SPENCER com a sua doutrina evolucionista é o grande sacerdote dessa época. (TEIXEIRA, 1934, p.116).

Spencer apresenta a evolução como uma "força benevolente e progressiva", rumo ao "progresso social". Por essa via, atingir a harmonia universal era questão de tempo. (TEIXEIRA, 1934, p.117). Sobre as leis, segundo Spencer, "o homem devia conhecê-las para se conformar a elas" (SPENCER, apud TEIXEIRA, 1934, p.117). A tese de Spencer é contestada por Dewey, que defende que o homem deveria conhecê-las para modificar os resultados. Em relação às leis, "à conformidade com elas, resultaria, como diz DEWEY, em fazer multiplicar os mosquitos porque descobrimos serem eles a causa do impaludismo" (TEIXEIRA, 1934, p.117).

Em meio a tantas concepções da natureza humana, Teixeira se posiciona: "O homem é simplesmente um animal em que a obra de ajustamento ao seu meio, longe de se fazer por processos fixos e estáticos, pode assumir as formas mais diversas." (TEIXEIRA, 1934, p. 118).

Para Teixeira, a partir do conhecimento de causas e efeitos nas ciências sociais, é possível traçar leis experimentais para a aplicação da reconstrução social, em qualquer sentido. Teixeira salienta que a tendência humana poderá expandir ou comprimir para o bem ou para o mau, para isso basta achar o caminho adequado, por meio da direção social. As mudanças podem ser conduzidas para a felicidade ou infelicidade, depende da sabedoria dos homens. Mas isso ainda não era uma realidade. "A realidade é o homem, na civilização do ocidente, matando o homem que o ofendeu porque é uma desonra esquecer ou perdoar a ofensa. E na China, o mesmo homem rasgando o seu próprio ventre, sob os olhos do ofensor, para vingar idêntica afronta". (TEIXEIRA, 1934, p.119).

A análise da segunda premissa da moral apontada por Teixeira consiste em considerar a atividade humana, em si, como simples meio de atingir o bem. Na concepção de Teixeira, "faz da vida presente uma simples preparação para a vida futura perfeita", a vida é considerada como uma "prisão", um lugar para "reparo das faltas milenares do homem". O erro consiste em supor que o homem seja "inativo", "em estado de êxtase completo". (TEIXEIRA, 1934, p.122)

Teixeira salienta que todas as teorias de moral baseiam-se, de fato, no pressuposto de que o homem possui natureza passiva, ou seja, um "estado de preguiça ilimitado e eterno". Segundo Teixeira esse julgamento do homem é absurdo erro:

> (...) muito ao contrário, o homem é, por sua natureza, ativo. A preguiça é (...) um vício ou uma virtude, mas virtude e vício adquiridos. E o que dirige a atividade humana? (...) Os próprios impulsos e desejos de seu organismo. Esses é que são os agentes estruturais de sua atividade. (TEIXEIRA, 1934, p. 122).

Teixeira faz ponderações com relação às consequências da atividade humana, porém ressalta que o homem tem a capacidade de observá-las e recordá-las. O fato é que "(...) se os fins pudessem ser obtidos diretamente, sem esforço, estaria obtido o céu". Segundo ele, "as coisas se passam realmente de modo oposto ao que supõem os moralistas". (TEIXEIRA, 1934, p.124). A questão é que "(...) os fins, pois, dos moralistas, longe de serem coisas remotas que temos que conquistar por meio de alguma atividade compulsória, deve ser os próprios meios de direção e reconstrução da atividade". (TEIXEIRA, 1934, p.124).

Teixeira explica a interpretação dos moralistas quanto à moral tradicional em relação às diversas situações envolvendo a conduta humana. Segundo ele, quando Dewey pergunta "porque os homens atiram ao alvo?" logo vem a resposta de que eles atiram porque existem alvos, ou seja, "os fins existem antes da ação humana e, porque eles existem, os homens agem". Outra situação abordada por Teixeira seria a suposição de alvos prontos: qual seria a explicação dos moralistas nesse caso? Teixeira responde:

> (...) atirar sempre fora contrário à natureza; o homem, pela sua essência, tendia ao repouso; para evitar a sua completa degradação, haviam sido criados por um grande poder protetor alvos e arcos, impondo-se ao homem a atividade de atirar ao alvo, a fim de que o dever de atirar e a virtude de acertar pudessem se desenvolvidos. (TEIXEIRA, 1934, p.124)

Para Teixeira, o mais interessante e curioso é o modo como os moralistas invertem o sentido do fato real. Para os moralistas a vida é um eterno penar, nivelando as atividades que

não dão prazer com as atividades que não são agradáveis. Para tais comparações, relata a rotina da escola e do trabalho.

> O período do labor torna-se, então, um período de desconforto e opressão. Apenas liberto dessa obrigação monótona e fatigante, procura as excitações do prazer e grosseiro. (...). Os moralistas conservadores teriam razão, se as coisas não pudessem mudar. (...) O seu maior erro está aí. As suas doutrinas alimentam-se da convicção de que as coisas são assim e não podem ser de outro modo. (TEIXEIRA, 1934, p.129).

Como terceiro erro das teorias tradicionais de moral está a doação aos seus "princípios" um caráter puramente "espiritual ou ideal". Para Teixeira em reação a essa moral, o homem se volta para a natureza como "norma suprema". "Tudo que era natural era bom e era santo" "(...) a moral para ser progressiva e eficiente tem que se fundar na experiência humana". "(...) nada é estranho à conduta humana e é sentido de dirigi-la e orientá-la que trabalha todo o esforço do homem". (TEIXEIRA, 1934, p.130).

Por fim, Teixeira conclui o capítulo cinco salientando que a vida será boa ou má, conforme a vontade humana. Segundo ele, o homem não será feliz no futuro, mas sim no presente. Teixeira não prevê a atividade humana como uma preparação para o futuro, mas, sim, ela mesma, como "a atividade é sempre uma aventura no desconhecido" (...): "Vivemos no presente e só no presente podemos governar a vida". Para Teixeira "(...) os princípios que regulam a conduta tem de ser refeitos à luz dessa nova realidade". (TEIXEIRA, 1934, p.131) Para ele, não há por que se preocupar com a felicidade:

> E tranquilize-se quanto à felicidade. Ela lhe será dada de acréscimo, se conseguir dar à atividade essa feição compreensiva e unificada. (...). Deve-se partir para a vida como para uma aventura. (...) O sofrimento não é senão uma forma de insucesso. Desde que certas condições essenciais de saúde e de conforto possam ser obtidas, o que já é, de certo modo, possível no estado da civilização o irremediável está virtualmente desaparecido da existência. (TEIXEIRA, 1934, p.132).

O aspecto salientado por Teixeira é que devemos ter coragem para refazer os princípios da conduta nas mesmas bases experimentais que permitiram o progresso de todas as demais ciências.

2.6 Sobre a Filosofia e a educação

O sexto e último capítulo “filosofia e educação”, dividido em três partes: “origem da filosofia”, “aspectos modernos da filosofia” e “filosofia e educação”.

No primeiro tópico a origem da filosofia, Teixeira recorre a John Dewey, que nega que o homem seja uma criatura puramente especulativa. Para ele, o homem é cheio de desejos, esperanças, ódios e afeições. Para diferenciar o homem primitivo do moderno, Dewey relata que a diferença está na memória: o homem moderno é capaz de recordar, reviver, preservar experiências passadas e “(...) recordar é quase sempre, amável, repousado e florido. Exercício de fantasia mais do que inteligência” (TEIXEIRA, 1934, p.134).

Durante a evolução dos povos, havia uma divisão entre civilizados e primitivos, ambos permeados por memórias e tradições. O fato é que “o homem é um animal capaz de ser racional, mas que só muito raramente o é”. “(...) porque essa vida se dividia em dois reinos isolados: o da prática e o dos ritos, cerimônias e lendas; o da realidade e o do espírito” (TEIXEIRA, 1934, p.135).

Na divisão dos dois reinos existiam duas classes de pessoas distintas, a primeira classe era das pessoas que ganhavam a vida com “conhecimentos positivos e empíricos” e que conquistavam a humanidade e a outra classe de pessoas era a dos guardas das crenças, superstições e religiões” , guardas do espiritual, que distribuíam aos demais homens as consolações e ilusões necessárias para florirem as árduas vicissitudes da sua luta” (TEIXEIRA, 1934, p.135).

Na interpretação de Teixeira o filósofo Dewey enfatiza que se trata de grupos de pessoas que não se misturam, pois de um lado estão os que servem e de outro os que deles se serviam. Para Dewey não era necessária a existência de intelectuais para descobrir o conflito.

> O conflito se pronunciou, assim, de fato, real e gritante, nas modificações trazidas pelo progresso das artes e do comércio e na incompatibilidade entre os velhos costumes e religiões e as necessidades crescentes de adaptação da humanidade ao real. (TEIXEIRA, 1934, p. 137).

Para Dewey, o filósofo surgiu para reconciliar os dois mundos distintos, e como tem sido ela entendida no mundo ocidental, entre os conhecimentos práticos e tradicionais dos homens prevalece a sua própria natureza, onde se misturam as tradições poéticas e religiosas com as utilidades, que lhe permitem viver e sofrer. Dewey relata que não foram destruídas as

tradições e traz como exemplo Sócrates, Platão e Aristóteles, como filósofos que reconciliaram a tradição com a razão.

Acerca da origem da filosofia, John Dewey afirma que em primeiro lugar é importante salientar que a filosofia não surgiu para buscar a verdade, a tarefa da filosofia é:

> (...) revelar os valores existentes nos dois mundos – o dos conhecimentos positivos e o das tradições, morais e religiosas. (...) Assim a filosofia podia ser definida, historicamente, como a "justificação em fundamentos racionais, do espírito, embora não da forma, das crenças e dos costumes tradicionais" (DEWEY apud TEIXEIRA, 1934, p. 139)

Teixeira destaca que a filosofia não representou historicamente uma atividade "desinteressada do espírito humano" para a pesquisa da verdade, mas "um esforço da inteligência" com objetivo de justificar por meio de "fundamentos racionais, costumes, crenças e instituições tradicionais da espécie humana" (TEIXEIRA, 1934, p.140). Daí segue os seus caracteres históricos:

> 1) Ambição de explicar coisas pelas suas razões finais e últimas;
>
> 2) Consequente caráter de universalidade de seu objeto, que indica uma síntese completa do mundo e do homem;
>
> 3) Formalismo lógico a que teve de chegar dada a inverificabilidade dos objetos do seu estudo; (TEIXEIRA, 1934, p.140).

Teixeira questiona sobre a evolução da filosofia nos tempos modernos: que evolução teria sido afinal? Para responder, ele primeiramente salienta que, ilusoriamente, as filosofias tinham um objeto próprio.

> Se a origem que lhes indicamos é verdadeira, as filosofias eram mais um método do que uma matéria. O seu objeto era, em realidade, o conflito entre as verdades diferentes da humanidade. A sua finalidade, resolver, reconciliar esses conflitos. (TEIXEIRA, 1934, p.141)

Teixeira relata sobre os conhecimentos que provinham da ação e da prática, que era empírico e experimental, que funcionava. O selvagem sabia que o atrito entre dois pedaços de pau produzia fogo e esse saber era "real". Já entre os gregos, esses conhecimentos eram mais avultados. Segundo Teixeira, toda a civilização artística e material da Frécia é um documento espantoso desse progresso.

Os gregos não puderam descobrir esse método experimental e para fugir à incerteza e precariedade inquietadoras de um universo em permanente mudança, os homens buscaram fora desse universo, ou nele mesmo, qualquer coisa de fixo ou de estável.

> A esse fixo e estável, a esse imutável, lhes pareceu caberem todas as qualidades que faltavam ao universo visível e experimental. Tudo que se move, que passa e se transforma, é por essência imperfeito. Perfeito é só o que não muda mais, o que chegou a plenitude do ser, o que é e nada mais. (...) Só a atividade intelectual podia oferecer as condições de firmeza e imutabilidade que aproximavam o homem da suma perfeição. A atividade da razão era, portanto, superior à atividade física. (TEIXEIRA, 1934, p. 142).

Após a abordagem sobre a evolução da filosofia, Teixeira questiona: mas e nos dias de hoje (se referindo à década de 1930), o que resta da filosofia? Em relação aos tempos modernos, a filosofia acompanhou a mesma reconstrução do pensamento científico e artístico. Em se tratando da história das filosofias, segundo Teixeira, "(...) se a compreendermos como a história das aspirações, dos protestos, dos predicamentos da humanidade, é a mais maravilhosa das histórias". (TEIXEIRA, 1934, p.144).

Teixeira coloca a filosofia como protagonista para um melhor entendimento da vida, não como uma busca de verdades, mas, de valores, sentidos, interpretações mais ou menos ricas da vida. Relata que a filosofia possui tanto o literário quanto o científico. Filosofia é assim na frase de Dewey: "(...) a investigação e a inquirição sobre o que exige de nós o conjunto de conhecimentos atualmente existente ou o conjunto dos conhecimentos que temos". (DEWEY apud TEIXEIRA, 1934, p.146).Para Wiliam James, (1842-1910) filósofo e importante psicólogo anglo-americano um dos criadores da escola filosófica conhecida como "pragmatismo" e um dos pioneiros da "Psicologia Funcional", o conceito de filosofia é o sentido que cada um de nós tem do que é a vida, honesta e profundamente. A filosofia seria a indagação em relação à nossa atitude diante dos conflitos e incertezas da vida. Para Teixeira a necessidade de pensar parte das disparidades dos nossos conhecimentos de ciência, religião, arte, estética e economia.

No último tópico, Teixeira aborda o tema filosofia e educação, inicialmente relatando que só quem vive à margem da vida, sem interesses e sem paixões, dispensa uma filosofia. Teixeira relaciona a filosofia às necessidades de desenvolvimento humano em relação à vida:

> Tal seja a civilização, será a filosofia conforme o tipo de experiência de cada um será a filosofia de cada um. À medida que se alargam os problemas comuns, mais vivamente sentidas será a falta de uma filosofia que nos dê um programa de ação e de

> conduta, isto é, uma interpretação harmoniosa da vida e das suas perplexidades. Está ai a grande intimidade entre a filosofia e a educação. “se a educação é o processo pelo qual se formam disposições essenciais do homem – emocionais e intelectuais – para com a natureza e para com os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação”. (DEWEY apud TEIXEIRA, 1934, p.147)

No pensamento de Dewey, tal qual salientado por Teixeira, o julgamento da experiência e o programa de valores de uma filosofia deve se concretizar na conduta, e, portanto, na educação. Filosofia se traduz assim:

> (...) em educação, e educação só é digna desse nome quando está percorrida de uma larga visão filosófica (...) investigadora dos valores mentais e morais mais compreensivos e mais ricos que possam existir na vida. A filosofia de uma sociedade em permanente transformação, que aceita essa transformação e deseja torná-la um instrumento do próprio progresso, - é uma filosofia de hipóteses e soluções provisórias. (TEIXEIRA, 1934, p.148).

Teixeira relata sobre os ideais e sobre as aspirações do sistema social democrático: igualdade de oportunidades, sociedade feliz. Porém, recorda que todos esses ideais serão uma farsa, se não os fizermos dominar profundamente o sistema público de educação. Teixeira recorre a Wells, (1866-1946), conhecido como H.G. Wells, nascido num distrito (*borough*) da Grande Londres, que na juventude foi, sem sucesso, aprendiz de negociante de panos. Em seus primeiros romances, descritos, ao tempo, como "***Romance científico***", inventou uma série de temas que foram mais tarde aprofundados por outros escritores de ***ficção científica***, e que entraram na cultura popular: “em alguma parte, que estamos hoje a assistir, no mundo, a um páreo entre a educação e a catástrofe iminente da civilização” (WELLS, apud TEIXEIRA, 1934, p.149).

Para Teixeira, simultaneamente chegam as escolas as mudanças e as exigências:

> A escola tem que dar ouvidos a todos e a todos servir. Será o teste de sua flexibilidade, da inteligência de sua organização e da inteligência de seus servidores. (...) O professor de hoje tem que usar a legenda do filósofo: “Nada que é humano me é estranho”. (...) tem que ser um estudioso da civilização, tem que ser estudioso da sociedade e tem que ser estudioso do homem; tem que ser, enfim, filósofo... (...) Ao lado da informação e da técnica, deve possuir uma clara filosofia da vida humana, e uma visão delicada e aguda da natureza do homem. (TEIXEIRA, 1934, p. 150)

As transformações afetam todos os aspectos: a família, a vida econômica, industrial, a igreja, estado e todas as instituições mais rígidas e sólidas.

3 “EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA: INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL”: A POLÍTICA PRÁTICA DE TEIXEIRA E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS ANGLO-AMERICANAS NO BRASIL

3.1 Análise de Teixeira sobre a educação no Brasil sob diferentes níveis e aspectos

Preâmbulo

A obra “Educação para a democracia: introdução à administração educacional” é um texto com duzentos e vinte páginas, escrito e publicado em 1935, ano em que Anísio Teixeira se desligou da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal. O texto em forma de livro contém uma justificativa com menos de quatro páginas, na qual o autor apresenta sua carta de demissão endereçada ao prefeito Pedro Ernesto, a carta de resposta do prefeito e um parágrafo conclusivo no qual Teixeira afirma que o texto “(...) é apenas uma exposição do que se pregou e se fez naquela Secretaria (...)” no período em que ele a ocupou. , Teixeira afirma na justificativa que se trata “(...) de um livro de registro e documentação da reforma da educação em marcha no Distrito Federal, um livro de defesa”. (TEIXEIRA, 1935, p. 38). O texto é organizado em duas grandes partes, cada uma com diversos tópicos. A primeira parte, com 87 páginas e sem uma denominação geral, contém sete tópicos com os seguintes títulos: o problema brasileiro de educação; autonomia dos serviços de educação; a educação pré-escolar; a educação elementar e seus objetivos; a educação rural; a educação secundária; a universidade e sua função. A segunda parte, com 114 páginas, também contém sete tópicos com os seguintes títulos: “a administração central do sistema escolar”; “a escola elementar, sua organização e administração”; “a escola elementar e sua constante readaptação, a preparação do professor primário, a educação secundária geral, técnica e de extensão”; e “o financiamento da educação pública, os prédios e o aparelhamento escolares”.

Além da justificativa e das duas partes mencionadas, o livro contém dois anexos com os seguintes títulos: “como devemos encarar o problema brasileiro de educação” e “a educação e a Constituição Federal”.

Interessa chamar a atenção para o fato de, diferentemente dos livros de 1934, “Educação para a democracia: introdução à administração escolar”, não é uma obra, na o qual, Teixeira esteja fazendo qualquer interpretação dos EUA, muito menos que esteja fazendo circular, as

concepções pedagógicas que ele tenha se apropriado na convivência com John Dewey e outros teóricos anglo-americanos. Como salienta Cunha, em um texto de apresentação da obra, ela trata de política prática. O título principal – "Educação para a democracia" – é uma crítica ou um "(...) manifesto contra as medidas repressivas (tomadas pelo Governo Federal em 1935, no acento do processo de radicalização política), ensaio bem-sucedido do golpe de Estado que viria a ser dado (...) dois anos depois." A segunda parte do título "(...) mostra que se trata de política prática, não de um discurso abstrato, em qualquer sentido do termo." (CUNHA apud TEIXEIRA, 2007, p. 11).

A despeito de não tratar-se de uma interpretação dos EUA, nesse livro de política prática, em diversas passagens, ao defender suas propostas para a educação brasileira, Teixeira demonstra uma sintonia entre tais propostas e a experiência que ele viveu em solo anglo-americano, nos anos de 1927 a 1929.

A sequência de apresentação do texto, tal qual foi feito com os dois livros anteriores, também segue a sequência das partes e tópicos do livro.

3.1.1 Sobre "o problema brasileiro de educação"

Teixeira inicia relatando que existe uma confusão no Brasil quando se trata das explicações sobre os problemas da educação. Para alguns, segundo Teixeira, o problema é da alfabetização, para outros é das escolas profissionais e outros acreditam ser da preparação das elites, do ensino regional e do ensino religioso. O curioso é que Teixeira, neste tópico, utiliza a palavra civilização por trinta e uma vezes e ressalta que a educação é um fenômeno de civilização, assim como a arte, a literatura e a filosofia. Para Teixeira "(...) não há povos deseducados, há povos com diferentes educações (...) e mudar-lhes a educação importa sempre em mudar-lhes também a civilização." (TEIXEIRA, 1935, p.40)

Quanto à mudança da civilização, Teixeira reitera:

> Na mudança de civilização é necessário, entretanto, reconhecer um sem-número de causas mais ou menos independentes da ação direta e intencional dos homens. Não se muda a civilização como se muda de roupa. (...) A obra da escola, isto é, da educação intencional e direta, surge nesse momento. (...) vai permitir que perpetuem e consolidem determinados processos sociais ou determinadas capacidades de fazer as coisas, laboriosamente conquistados pela experiência humana. (TEIXEIRA, 1935, p. 41)

Teixeira menciona o fato dos brasileiros terem sido civilizados por outrem e de terem vestido trajes quando ainda não sabiam usá-los. Ele relata que a nossa civilização não é uma civilização própria, ma adaptada a outros modelos existentes, além da educação não ter progredido de forma significativa. Teixeira conceitua a educação como sendo "(...) função natural pela qual a sociedade transmite sua herança de costumes, hábitos, capacidades e aspirações aos que nela ingressam para a continuarem." (TEIXEIRA, 1935, p.41). Segundo Teixeira a escola tem o papel de regular a distribuição social e a educação escolar é um esforço para redistribuir os homens nas diversas ocupações: "toda educação escolar é profissional (...) visa preparar o homem para alguns grandes tipos de ocupação" (TEIXEIRA, 1935, p.42). Teixeira não despreza a presença da técnica nas escolas e, para ele, os ensinamentos das escolas são por meio das técnicas mais gerais ou mais especiais. Para Teixeira a civilização é apoiada nas aplicações da ciência.

Teixeira salienta que a educação prepara os homens, pela aquisição de conhecimentos e práticas de natureza técnica, para diversos tipos de trabalhos da vida atual. Contudo, Teixeira reitera que nem sempre foi assim. No passado, as escolas formavam os quadros intelectuais da nação responsáveis pela divulgação do saber como os "professores, poetas e filósofos". Logo em seguida Teixeira questiona o papel da escola: teria desaparecido essa função da escola?

> O desenvolvimento da ciência e de suas aplicações à vida humana foi tão rápido e sucedeu a uma cultura de tal modo estática e não progressiva que, sem nos apercebermos de que saíamos de um excesso para outro, entregamo-nos em cheio à tarefa de construir uma civilização puramente quantitativa, toda feita de fatos e de mecanismos. (TEIXEIRA, 1935, p.43).

O progresso da ciência, segundo Teixeira, trouxe para a educação brasileira a necessidade de revisão dos programas e dos cursos: "Os planos de reconstrução escolar (...) foram planos de transação, de acordo, de arranjos laboriosos entre as novas exigências do tempo e as tradições arraigadas de séculos" (TEIXEIRA, 1935, p.44).

Teixeira relata a experiência vivida pelos Estados Unidos, considerado um país novo, em relação à civilização:

> Os planos de reconstrução escolar, salvo o de países novos, como os Estados Unidos, que receberam de chofre a nova civilização, e em grande parte a criaram, sem quase passar pelos estágios anteriores, foram os planos de transação, de acordo, de arranjos laboriosos entre as novas exigências do tempo e das tradições arraigadas por séculos. (TEIXEIRA, 1935, p.44).

Teixeira utiliza termos interessantes ao se referir às transformações que a nova civilização traz à educação e à escola: “novo espírito científico da civilização”, “lado imaginativo e poético da nova civilização”, “uma nova cultura”, “nova civilização tornada consciente, interpretada”. Sobre as escolas, Teixeira afirma:

> As escolas produzirão os novos aspectos dessa civilização, definitivamente desenvolvida em suas técnicas e coroada pela cultura em que as mesmas virão a florir, quando humanizarem as suas aplicações e se idealizarem os seus resultados. (...) As escolas conquistarão uma nova unidade e a educação se enriquecerá com o espírito de uma nova, uma outra civilização, íntegra e harmoniosa, como foram harmoniosa e íntegras as grandes civilizações de outros tempos. (TEIXEIRA, 1935, p.45)

Teixeira traça um panorama da educação no Brasil, o ensino em grau primário, secundário e sobre as escolas para as chamadas profissões liberais e seus objetivos. No relato de Teixeira é possível perceber que a educação brasileira não obteve os avanços que a nova civilização exige: “(...) entramos em controvérsias, seguidas de remendos daqui e ali em nossas escolas”. (TEIXEIRA, 1935, p.46). Segundo Teixeira, o Brasil se apega a “problemazinhos de ordem e de moralização”. Para ele, de forma geral, as escolas “(...) sejam primárias, sejam secundárias, ou superiores, se devem articular dentro de um mesmo espírito” (TEIXEIRA, 1935, p.47).

Teixeira articula escola e a civilização, ou melhor, salienta o papel da escola na moderna civilização que se forma:

> Expressão de uma civilização e base para a sua crítica e constante revalorização – isso é que deve ser educação. As escolas exercem, assim, não só a função predominante do reajustamento social, como a de direção do progresso humano. (...) Resolvamo-nos a sentir a esses problemas com inteligência e sinceridade percamos o amor às soluções antigas e ganhemos a coragem de tentar novas realizações com o sentido dos passos e estágios porque as mesmas se processam. (TEIXEIRA, 1935, p.48)

Ainda sobre a reconstrução escolar e sobre as resoluções dos problemas educacionais no Brasil, Teixeira reitera:

> Não serão leis, mas, realizações, o de que precisamos. Para que as poucas, mas, complexas sugestões, esboçadas nesta ligeira análise do problema cheguem a efetivar, precisamos não só da reorganização de elementos existentes, no Brasil, como de trazer elementos novos. (...) para essa reconstrução precisamos, acima e mais do que tudo, de professores, de novos professores. (...) frutos de lenta e laboriosa formação, originados por condições previamente existentes. (TEIXEIRA, 1935, p.49).

Teixeira ressalta, neste livro, o quanto é relevante aos estudantes buscarem influências e conhecimentos no estrangeiro, mesmo os de países que possuem sistemas nacionais de educação completos. Teixeira salienta a importância dessa busca para "(...) prepará-los para a compreensão das aspirações e pensamentos diversos dos povos" e "(...) habituá-los a conhecer os processos e os métodos da ciência" (TEIXEIRA, 1935, p.50). Após a revolução de 1930, Teixeira afirma "Nenhum país, hoje, pode pensar em enclausurar-se nos limites dos seus recursos educacionais, sem correr o perigo de se desfalcar nas suas reservas científicas." (TEIXEIRA, 1935, p.50)

Teixeira cita o fato de o Japão manter estudantes no estrangeiro tanto quanto mantinha há sessenta anos. Também relata sobre os estudantes anglo-americanos, que buscam inspiração intelectual e preparo técnico fora dos EUA. Teixeira fala da necessidade dos países ficarem atentos ao pensamento e à ciência:

> (...) a ninguém é dado saber onde vai surgir o ultimo invento, ou onde vai aparecer o último professor gênio. (...) Dia a dia, cresce nos Estados Unidos o número de estudantes que vão procurar, fora da América, o preparo técnico e a inspiração intelectual. E na América, o número de estudantes de outros países, não se conta por milhares, mas por dezenas de milhares. (TEIXEIRA, 1935, p.50).

Teixeira critica a postura do Brasil, diante da busca por conhecimentos, comparando à países desenvolvidos, como os Estados Unidos e Japão:

> Se assim é em relação a países cujos sistemas de ensino são os mais desenvolvidos e completos, não havendo ramo de estudos superiores nem rigor de especialização que não sejam atendidos – que dizer de um país como o nosso, onde não existe sequer ainda Universidade, na sua feição clássica e universal, isto é, de centro de investigação científica? (TEIXEIRA, 1935, p.51)

Teixeira ainda relata que os demais países preparam "o quadro de seus trabalhadores intelectuais" e atribui a eles qualidades como "apuro", "esforço", "ambição". Quanto à justificativas a respeito da organização do nosso aparelho de cultura, a classifica como "desperdício de argumento" e "mal estar de inteligência", para ele, a independência técnica e intelectual do Brasil, só poderia vir pela preparação no estrangeiro. Decepcionado e de forma enfática, Teixeira afirma: "(...) não temos ainda os homens nacionais com que possam substituir os elementos alienígenas, que ocupam os lugares deixados vagos pela nossa ignorância" (TEIXEIRA, 1935, p.51).

Teixeira explica o porquê dos elementos necessários para uma boa formação técnica não serem encontrados no Brasil:

> Não há como sair do impasse em que mantemos, sem lançar mão dos recursos estrangeiros para a formação dos nossos especialistas, nossos técnicos e nossos professores. (...) Se fosse completo o nosso sistema cultural, nem por isso nós poderíamos dispensar das contribuições das escolas estrangeiras. (...) em educação, em ciências sociais e em qualquer aspecto de cultura desinteressada, literária ou científica, ou mandaremos preparar no estrangeiro nossos futuros técnicos, ou teremos que esperar que se processe, no Brasil, de si e por si mesma, a evolução científica que se processou no mundo no longo período de quatro séculos – para que os venhamos preparar por nós mesmos. (TEIXEIRA, 1935, p.52)

Teixeira usa de adjetivos negativos para classificar a organização nacional e relata que o que se tem no Brasil é quase sempre “ineficiente”, “atrasado” e “rotineiro”, a começar pela administração pública e pelos serviços públicos, cujas falhas e contradições superam o limite da falta de senso.

3.1.2 Sobre a autonomia dos serviços de educação

Teixeira inicia o segundo tópico salientando que o governo da educação tem ocorrido, ao longo da história, de três formas: direção confiada à igreja, que detinha todo o poder espiritual da sociedade; ou direção confiada ao Estado, que, muitas vezes, fazia dela o instrumento para formar e perpetuar ideologias em que se baseava; ou direção confiada ao controle indireto da própria sociedade, pelo jogo de suas forças em desenvolvimento.

Segundo Teixeira, a direção da Educação assume diferentes aspectos, de acordo com a característica política dos países. “Habitualmente poder de educar se transfere da igreja para o Estado”. (TEIXEIRA, 1935, p.54). Teixeira afirma que:

> (...) uma das formas de se conservar a independência da educação está em defendê-la do absolutismo do Estado ou da intolerância das outras instituições, em qualquer de seus aspectos. (...). O Estado democrático toma pra si a tarefa de manter essa liberdade, essencial ao desenvolvimento e progresso da sociedade e da educação. (TEIXEIRA, 1935, p.54).

A respeito da democracia no Brasil, Teixeira afirma que esta ainda “é apenas um ensaio”. Sobre o pensamento humano, destaca: “De todas elas, nenhuma é mais essencial do

que a da liberdade das forças que conduzem ou formam o pensamento humano", ele atribui à educação "a direção e o controle desse pensamento". Para Teixeira, o governo da educação deve ficar com a "própria vida social" e o Estado democrático deve manter os "serviços educacionais" longe das influências de "ideologias partidárias", só assim as condições de desenvolvimento são cultivadas e conservadas. (TEIXEIRA, 1935, p.55).

Com a finalidade de reforçar essas idéias, Teixeira afirma:

> Democracia sem educação e educação sem liberdade são antinomias, sem teorias, que desfecham, na prática, em fracassos inevitáveis. (...) Deve-se, por isso mesmo, trazer características que rasguem os sistemas escolares brasileiros novos rumos para o seu progresso mais eficaz e mais seguro. (...) A transformação constitucional impõe um novo ritmo às atividades públicas, que devem encontrar, agora, as condições para um crescimento progressivo, mas sem abalos e comoções maiores. (TEIXEIRA, 1935, p.57).

Teixeira menciona os poderes: temporal e espiritual e relata que a separação deles é preconizada nos regimes democráticos e sempre foi mais aparente do que real. Cita como complemento indispensável da separação dos dois poderes a liberdade da educação. Ele defende que o Estado deve "(...) abrir mão do governo da educação, para conservar, tão somente, sobre a mesma, o direito de lhe defender a liberdade e a imparcialidade" (TEIXEIRA, 1935, p.56).

3.1.3 A educação pré-escolar:

A partir do terceiro tópico, Teixeira passa a analisar níveis ou modalidades específicas da educação brasileira, desde a educação pré-escolar, passando pelo ensino elementar, pela educação rural até chegar à Universidade. Nesses tópicos bem específicos, fica evidente o que Cunha, na apresentação da obra, chama de caráter de "política prática", neles Teixeira apresenta: diagnósticos e propostas. Em suas propostas, ele revela inspirações oriundas de sua experiência nos EUA no final dos anos 1920.

Para iniciar o tópico sobre a educação pré-escolar, Teixeira aponta duas características do nosso tempo: uma das características são a desilusão, o descontentamento e o ceticismo, a outra, é a atitude de persistir e continuar o esforço iniciado, consciente de imperfeições e dificuldades humanas. Teixeira salienta que a segunda atitude não deve gerar desânimo, pois, trata-se de uma construção coletiva: "acumulação dos esforços de todos..." (TEIXEIRA, 1935,

p. 60). Ele se refere à educação como uma “batalha” que o homem realiza com a finalidade de “melhorar a vida”. Reitera que, quando há intenção de resolver problemas na educação, isso se torna impossível, sem gerar novos problemas, mais “intrincados e complexos” (TEIXEIRA, 1935, p. 60). Teixeira atribui grande parte desses problemas a diferentes formas de pensamento e ação: “Sendo, pela sua natureza, um erguimento do homem a níveis cada vez mais altos de poder, de pensamento e de ação – por isso mesmo é também uma fonte inesperada e atordoante de complicações (...)” (TEIXEIRA, 1935, p.61).

É certo que mudanças de pensamentos e ação, segundo Teixeira, requerem ajustamentos, novos pontos de vistas e novas combinações. Tudo isso gerou protestos por parte dos céticos, dos comodistas e dos ignorantes. No pensamento de Teixeira, “(...) passar do simples para o complexo e aperfeiçoado nem sempre é agradável para quem tem que prover ao governo o novo organismo”. (TEIXEIRA, 1935, p.61). Ele relata que “(...) a parte desenvolvida pela educação exigia que todas as demais forças sociais se reconstruíssem igualmente” (TEIXEIRA, 1935, p.61), o que gerou um grande conflito social, dando a impressão de que “(...) se está subvertendo a ordem e a estrutura da sociedade” (TEIXEIRA, 1935, p.61).

> E essa é a contradição profunda da educação: pregada como uma libertação e emancipação do homem pelos seus apóstolos, ela constitui, em verdade, uma força de estranho poder demolidor das situações já adquiridas pelos demais. (...) Educar homens é torná-los expansíveis como gases. E em recipientes fechados, tal experiência sempre foi aventura arriscada. (...) Apenas os homens são animais inquietos e progressivos pela sua própria natureza, e contra as forças desse impulso não há vontades operantes. (TEIXEIRA, 1935, p.62).

Teixeira menciona os cuidados com a infância, algo que se tornou “uma das grandes obras dos nossos tempos”, e aponta adjetivos que referenciam essa obra: “previdência”, “formação”, “salvação”. Teixeira coloca a civilização como “complexa e difícil” e atribui a esse cuidado a responsabilidade de fazer da criança um ser capaz de “participar e se por a serviço” dessa “civilização” (TEIXEIRA , 1935, p.63).

Com relação aos cuidados que a escola tinha com as crianças, Teixeira salienta que, a escola tratava dos problemas físicos das crianças e se atentava para cuidados com a alimentação e hábitos do sono, porém, dava pouca importância aos hábitos mentais e aos hábitos sociais das crianças. Ele também afirma que, até seu tempo, a criança:

> (...) ficava quase inteiramente esquecida no período intermediário, entre dois e seis anos. (...) eram, sobretudo, a saúde social e a saúde mental dos homens que estavam em jogo e em perigo de sofrer as conseqüências de ajustamentos tremendamente

> difíceis. (...) caráter e o ajustamento mental e social do adulto (TEIXEIRA, 1935, p.63).

Em relação ao desenvolvimento da criança, suas representações do mundo moderno e ajustamentos, Teixeira reforça que a família e o lar têm papel importantíssimo e primordial, salienta que, a escola não substitui o papel do lar, que o lar e a família são "(...) instituições sociais que mais sofriam e sofrem os efeitos de reconstrução social moderna". (TEIXEIRA, 1935, p.64).

Apesar das exigências do mundo moderno em que o pai e a mãe necessitam trabalhar fora de casa, Teixeira relata "(...) o lar, que deve processar grande parte da educação da criança" e com relação à escola "ampliou seus deveres", "a continuidade e a integridade de uma ação formadora completa". (TEIXEIRA, 1935, p.65).

Teixeira relata a importância da preparação dos pais para a tarefa de acompanhar as crianças em seu "crescimento e desenvolvimento físico, mental e social", coloca essa tarefa

como "delicada e difícil" e também compara a preparação dos pais com a formação do educador, salientando que a formação dos pais é bem mais difícil que a "formação de um magistério especial" (TEIXEIRA, 1935, p. 66). Teixeira faz pontuações em relação às transformações da educação:

> (...) a educação vem se transformando em uma higiene de corpo e espírito. E este é o traço que irá unir os médicos e os educadores. (...) é também em higiene mental, emocional e social que se vai transformando a educação. (...) A importância da educação, nos dias de hoje, não é apenas uma conseqüência da complexidade da vida moderna, porém ainda mais, da inclusão no seu campo de todas as questões da vida humana, que anteriormente possuíam técnicas ou setores diversos de ação. (TEIXEIRA, 1935, p. 67).

No tópico referente à educação pré-escolar, Teixeira aborda pontualmente o desenvolvimento da criança, menciona as relações entre o indivíduo e o meio em que ele vive. No caso da criança, esse meio destacado é o lar e a escola. Ele reitera que a criança, desde o seio materno até a sua emancipação, não existe nunca por si só, existe uma dependência com os pais. Teixeira também demonstra uma postura firme com relação à educação dos pais, que necessitam estudar e refletir sobre a tarefa de criar seus filhos. Teixeira reforça a necessidade da observação dos pais em relação aos seus filhos, relata a importância dos pais estarem atentos aos regulamentos das crianças no que diz respeito ao sono, alimentação e outros deveres, ainda

salienta que tais hábitos fixarão no cérebro infantil “duplo hábito de disciplina e liberdade” e constituirá as “duas fronteiras definitivas de sua vida social e humana” (TEIXEIRA, 1935, p.71).

Teixeira atribui um papel fundamental à família quanto ao desenvolvimento da criança, como no diagnóstico dos desvios de ajustamento e integração em todos os aspectos sociais e mentais, o ideal é que existissem grupos para estudos e debates sobre os hábitos, temperamentos, higiene mental e socialização e educação das crianças em todos os lares. Teixeira relata que, a troca e comparações de informações auxiliariam na resolução de problemas com as crianças: “os métodos mais recomendados para o estudo da infância não são, como já dissemos, o laboratório, mas a simples observação sistematizada nos próprios meios naturais em que ela vive”. (TEIXEIRA, 1935, p.77). Apesar dos desencontros, a positividade, visão ampla e expectativa de dias melhores, faziam de Teixeira um homem de pensamento ímpar:

> As iniciativas e realizações já levadas a efeito confirmam de modo concreto, a impressão dessa minúscula elevação conseguida. É pouco, mas já permite ver muito longe. Os homens que daqui vejo estão a bendizer os que velaram e cuidaram pela infância segura, harmoniosa e feliz, que puderam ter (...) (TEIXEIRA, 1935, p.78).

É notável o otimismo nas palavras de Teixeira em relação aos estudos das ciências fundamentais da vida humana, porque permitem “(...) antever os melhoramentos que seus progressos de certo nos trarão”. Nos últimos parágrafos desse tópico, Teixeira menciona palavras positivas como: “otimismo”, “esperança” e caracteriza o progresso dos estudos da ciência como “largo e imenso horizonte que se descortina” (TEIXEIRA, 1935, p.78).

3.1.4 Sobre “a Educação elementar e seus objetivos”

Neste tópico, Teixeira focaliza a educação elementar no panorama brasileiro, incluindo a questão da evasão escolar como um dos principais problemas. Inicialmente, apresenta um quadro ilustrando a quantidade de alunos nas escolas do Rio de Janeiro (DF) em um período de cinco anos de curso. Ele ressalta que os alunos permaneciam em média dois anos nas escolas e, logo após esse período, se atiravam nos trabalhos prematuros e abandonavam os estudos.

Teixeira faz uma breve descrição do ensino profissional tendo como destaque a frequência do público feminino:

> (...) porque as moças podiam empregar na escola o tempo que os rapazes são levados a dedicar, precocemente, à luta cotidiana, para auxiliar as famílias e os internatos, porque forneciam, gratuitamente, residência, roupa e alimentação (TEIXEIRA, 1935, p. 81).

Teixeira critica os que julgavam que para o brasileiro bastava saber ler, escrever e contar. Para ele esses fatores não salvariam os problemas da educação nacional. Em relação à qualidade do ensino, Teixeira julgava como mal da educação, a falta das escolas e também a própria escola existente. Ele acreditava se tratar de um absurdo que o programa de educação se preocupasse apenas com a "alfabetização". Para ele, "o problema é, evidentemente, mais amplo" sendo que a escola deveria promover mais ensinamentos, como:

> (...) viver melhor, a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e maior eficiência; a manter os padrões mais razoáveis de uma vida familiar e social; promover o progresso individual, através os cuidados da higiene e os hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento. (TEIXEIRA, 1935, p.82).

Teixeira aponta os recursos que os filhos de intelectuais e homens educados e ricos possuem em casa: livros, revistas e outros materiais de leitura e, com isso, "aprendem por si a assim se educarem". Por outro lado, a criança dos meios populares, só tem como recurso a escola e, a "instrução", como instrumento que garantirá a "passagem" para a classe privilegiada dos "funcionários e doutores" (TEIXEIRA, 1935, p.83).

Para Teixeira, a criança do povo, deve e precisa ter na escola, mais alguma coisa do que ensino a toque de leitura, escrita e contas, uma escola que ofereça:

> (...) um ambiente civilizado, sugestões de progresso e desenvolvimento, oportunidades para praticar nada menos do que uma vida melhor, com mais cooperação humana, mais eficiência individual, mais clareza de percepção e de crítica e mais tenacidade de propósitos orientados. (TEIXEIRA, 1935, p.83).

Teixeira destaca o que se deve esperar dos educadores brasileiros, diante de um panorama educacional tão desolador: "que a escola não falhe em sua missão", que "forme inteligência e o caráter", "que o magistério tenha a educação, a visão e o preparo necessários",

que o educador não seja “máquina de ensinar intensivamente a ler, a escrever, e a contar”, que “mestre da arte difícil de bem viver”. (TEIXEIRA, 1935, p.83).

Em se tratando de civilizações, Teixeira relata que julgar a educação como produção de civilização é uma observação superficial, exemplifica que, se trouxessem o sistema escolar francês para o Brasil, não seria produzido aqui uma civilização francesa: “(...) os sistemas escolares visam perpetuar as civilizações já existentes e, possivelmente, aperfeiçoá-las; nunca foram, as causas originárias que as determinam” (TEIXEIRA, 1935, p.84). Teixeira cita exemplos de países como Filipinas e Porto Rico que receberam sistemas escolares americanos e que a população não se adaptou às condições de vida econômica e social. Teixeira conceitua a educação como “função normal e regular da vida”, não como um “instrumento de elevação do progresso a alturas predeterminadas”, para ele, a educação escolar deve, em essência, “preparar o homem para fazer de modo melhor o que por contingência há de fazer” (TEIXEIRA, 1935, p.84).

Sobre isso, Teixeira cita o despreparo do homem diante dos fatores do progresso, obrigando a escola a sofrer transformações:

> (...) que não poderá ser apenas a perpetuadora de costumes, hábitos e idéias da sociedade, mas terá de ser também renovadora, consolidadora e retificadora dos costumes, hábitos e idéias, que se vão introduzindo na sociedade pela implantação de novos meios de trabalho e novas formas de civilização. (TEIXEIRA, 1935, p.85).

Teixeira reitera que além da tarefa da escola de ensinar a ler, escrever e efetuar as operações matemáticas básicas é necessário a familiarização da criança com os aspectos da civilização. Para Teixeira, diante da civilização moderna:

> A escola deve fornecer a cada indivíduo os meios para participar, plenamente, de acordo com as suas capacidades naturais, na vida social e econômica da civilização moderna, aparelhando-o, simultaneamente, para compreender e orientar-se dentro do ambiente em perpétua mudança que caracteriza esta civilização. (TEIXEIRA, 1935, p.86)

É necessário, face ao progresso geral da civilização, oferecer à criança a segurança de inteligência e de crítica, para viver em um meio de mudanças e transformações permanentes: “A complexidade da civilização envolve a complexidade da escola”. Assim, “para que a civilização feita pelo homem, não o venha esmagar e destruir, precisamos aceitar, de face, as responsabilidades que recaem sobre a escola”. (TEIXEIRA, 1935, p.86).

3.1.5 Sobre a educação rural

Teixeira inicia o tópico, enfatizando que a educação rural é somente mais um dos problemas da educação brasileira. Mas, segundo ele, essa análise demanda conhecer a atual civilização, tendo em vista que os últimos trinta e poucos anos, foi uma época que representou as maiores transformações, pelas quais já se passaram a sociedade. Tais transformações são pontuadas como consequências da aplicação da ciência ao desenvolvimento da indústria e ao crescente respeito pelo homem, independente de classe. Teixeira ressalta que, as facilidades trazidas pela civilização moderna não são apenas mecânicas, trata-se de "mudanças sociais" uma "ampliação das oportunidades de vida", já que estamos propensos à "revisão de nossos ideais", "aceitação de princípios", "ansiosos por uma filosofia esclarecida" e "consciente para a nossa orientação" (TEIXEIRA, 1935, p.88). Teixeira reitera que, as tendências que estão modelando essa época são participativas nas responsabilidades, que intencionalmente há um desejo de torná-la mais "rica", mais "livre" e mais "formosa", ou seja, a vida se torna "uma positiva possibilidade de alegria". (TEIXEIRA, 1935, p.88).

Teixeira relata que, para servir a essa nova situação social, desenvolve-se pelo mundo um intenso movimento de reajustamento educativo em quatro etapas:

> 1º (...) as instituições mais naturais de educação não tem elementos para servir à situação nova, tornando-se preciso que a escola amplie suas responsabilidades;
>
> 2º porque o novo critério social da democracia exige que todos se habilitem não somente para os deveres de sua tarefa econômica, como para participar da vida coletiva em todos os sentidos;
>
> 3º porque a ciência, invadindo o domínio da educação, criou a necessidade de reconstrução dos velhos processos de ensino e ajustamento de novos materiais de instrução;
>
> 4º (...) educação não é preparação para a vida, mas a própria vida em permanente desenvolvimento. (TEIXEIRA, 1935, p.89).

Teixeira pontua o ensino da escola primária, que deixa de oferecer uma formação baseada somente em instrumentos intelectuais, para propor uma educação em todos os aspectos, oferecer um ambiente onde seja possível crescer com sabedoria, vigor, desenvolvimento e afinamento para a humanidade: "uma aprendizagem ativa, natural e alegre". (TEIXEIRA, 1935, p.90). Teixeira traça um panorama demográfico e estatístico das escolas elementares, ele relata a quantidade de alunos que ingressam nas escolas, os que permanecem até o final dos cursos e os que desistem. Os números são desoladores e Teixeira os classifica como um problema

“angustiante, complexo e dificílimo”. Diante desse cenário descrito, Teixeira faz afirmações seguras com relação à escola primária brasileira:

> (...) sua finalidade não pode ser satisfeita em um curso de três ou quatro anos; (...) matérias não estão devidamente graduadas através dos anos escolares; (...) não há relação entre o programa escolar (...) e as atividades ordinárias da vida da criança; (...) métodos de ensino são ainda muito artificiais e livrescos; não se desenvolve a iniciativa do aluno e nem se obtém a sua participação ativa no trabalho escolar; a criança não obtém pela escola nenhuma compreensão melhor dos seus problemas, dos problemas de sua terra e de sua gente; a escola não oferece oportunidade para a formação de caráter. (TEIXEIRA, 1935, p. 93).

Se a escola primária se encontra recheadas de imperfeições, o que dizer da escola secundária? Teixeira arrisca um breve relato, das deficiências das escolas secundárias em seus aspectos educativos: centralização administrativa, concepção dualística de educação, organização sem finalidade nítida, métodos de ensino, exames. Teixeira aponta, após a explanação desses aspectos, que as escolas são insuficientes para atender as necessidades sociais do Estado e inadequadas às exigências do conceito moderno de educação. Ele aponta a população brasileira como heterogênea e diferenciada, em relação aos níveis de progresso social, ressaltando que “(...) um novo desenvolvimento agrícola vem despontando em certas zonas marcando-as com um inegável espírito de progresso e prosperidade”. (TEIXEIRA, 1935, p.96). Voltando o olhar para a população agrícola, Teixeira questiona o que seria possível realizar para atender as necessidades educativas dessa população? E enumera em cinco tópicos o que a escola deve fazer:

> (...) preparar o indivíduo para participar do governo do Estado e da União, com maior consciência e independência; (...) preparar o indivíduo para exercer o *self-government* de sua vila ou cidade ou município, habilitar o indivíduo a cuidar de sua saúde e melhorá-la; (...) habilitar o indivíduo a progredir na eficiência e rendimento do seu trabalho ordinário; (...) cooperar para o melhoramento geral das condições de vida da população. (TEIXEIRA, 1935, p.96)

Teixeira, ao analisar a escola rural, identifica que nelas a formação oferecida para os alunos, é a mesma formação dos alunos das escolas urbanas, portanto, não seria proveitosa pelos alunos das escolas rurais. Teixeira faz uma diferenciação entre a escola urbana e a escola rural. “Essa diferenciação se funda na: a) diversidade entre o meio físico da cidade e do campo; b) diversidade entre o meio econômico e social da cidade e do campo; c) consequente diversidade entre a experiência ou psicologia do povo da cidade e do campo”. (TEIXEIRA, 1935, p. 99).

A escola rural deve, “suprir as deficiências mais sensíveis do meio rural” além de, “utilizar inteligentemente os recursos especiais da vida rural para a educação” e também “realizar tudo isso dentro das limitações de organização”. (TEIXEIRA, 1935, p.99).

Teixeira aponta que, as escolas rurais além de não cumprirem os objetivos das escolas rurais, ainda causam um desenraizamento das crianças: a educação tradicional, não reflete em uma adaptação da criança do meio rural, que se encontra perdido para o trabalho produtivo da terra e do meio. Ele salienta que a escola rural fortalece a corrente para o abandono do campo, pelas profissões parasitárias das cidades e descreve o que a escola rural faz, para contribuir com esse abandono: ensina somente a ler e a escrever, não oferece nenhuma vantagem direta para a vida atual da população rural; o objetivo da escola é atender à necessidade geral do Estado e não de pequenos grupos sertanejos; a vida consecutiva das crianças de 8 a 10 anos, não condiz com os ensinamentos da escola rural; as escolas rurais não criam necessidades que pretendem satisfazer, falta aparelhagem e isso não retém o aluno tempo suficiente para seu aprendizado.

A sugestão de Teixeira é que, a escola rural ofereça aos alunos, conteúdos que tenham relação com o meio em que eles vivem na concepção de Teixeira, as funções da escola rural poderiam ser as seguintes:

> Educar crianças e adultos do ponto de vista da vida, que vão levar na comunidade rural a que pertencem; manter uma série de atividades extraclasse, (...) melhorando e enriquecendo os hábitos de sua vida doméstica e social; obter uma cooperação eficaz e ativa com a comunidade rural; cooperar na criação de outras instituições sociais de caráter educativo e estimular o seu desenvolvimento; estabelecer a comunicação dos adultos com os outros centros ou como governo; organizar-se em “centro de comunidade” para reuniões, conferências, festas, etc.; transformar-se, assim, naturalmente, na força social mais poderosa da comunidade (...) (TEIXEIRA, 1935, p.101).

Por fim, Teixeira apresenta algumas sugestões, para realizações dos objetivos das escolas rurais. Algumas dessas sugestões estão relacionadas às cargas horárias, voltadas aos programas de “leitura e escrita e ensino prático de aritmética, agricultura, artes, domésticas e saúde”; “as crianças entrarem nas escolas com 11 anos”: “a escola deverá ser aparelhada com pequena biblioteca de livros úteis e práticos, acessíveis a todos”; “a escola deverá ter um aparelho de rádio”; “a escola possuirá um aparelho cinematográfico”; “a escola organizará um clube de meninos e meninas que já tenham frequentado”; “preocupação pela educação do adulto será predominante na escola rural” (TEIXEIRA, 1935, p.102).

Teixeira finaliza, abordando a formação do professor da escola rural, que deve ser diferenciada da formação tradicional. Ele aponta como característica do mestre da escola rural a liderança social, entusiasmo e devotamento necessário à grande tarefa e salienta que, a missão de professor na escola rural, é facilitada pela simplicidade do meio e o prestígio da posição de mestre, contribui para a ação da família dos alunos.

3.1.6 Sobre a educação secundária

A abordagem de Teixeira sobre escola secundária é iniciada com considerações sobre a educação na Europa, particularmente Itália, Alemanha e Rússia. Teixeira destaca que, essa educação na Europa obedece algumas premissas: educação por um tempo mais longo; aumento de facilidades educativas para alunos mais inteligentes; variedade e flexibilidade nos processos; aproximação entre escola e família; preocupação com a saúde e eficiência física do indivíduo.

A finalidade da escola secundária é definida por Teixeira como sendo de “habilitar o aluno a descobrir-se a si mesmo e compreender o seu meio, formar ou, melhor, libertar a personalidade infantil e adolescente. Ensino seletivo, rígido, destinado a alguns indivíduos”. (TEIXEIRA, 1935, p.106).

Com relação à permanência do jovem na escola, Teixeira coloca como ideal, que seja até os 18 anos e que seja possível “organizar o sistema de escolas secundárias com maior flexibilidade possível” de modo a permitir ao jovem uma escolha “rica e livre”, que nasça das suas “aptidões e interesses”, de acordo com cada personalidade (TEIXEIRA, 1935, p.107).

Em um panorama sobre a educação secundária brasileira, Teixeira critica a concepção dualista, que oferece dois tipos de formação: uma formação profissional para o jovem menos afortunado e outra formação acadêmica, destinada aos jovens que “presumem não ser o povo ou não querem ser”. Para ele, o Brasil não deve se prender a nenhuma das concepções do século XIX relativas à educação pública, o caminho seria, oferecer mais facilidades na educação secundária, oferecer na educação pós-elementar (alunos de mais de 11 anos) um propósito geral, havendo uma articulação com o ensino primário e ligando-o ao ensino superior. A chave do funcionamento dessa engrenagem seria a integração, de modo a oferecer transferências de alunos quando necessário.

Teixeira faz várias críticas à organização da educação secundária no Brasil: quanto mais alunos nas escolas secundárias, melhor seria o aproveitamento da aparelhagem, dos espaços físicos e as vantagens seriam educativas, sociais e econômicas. Outra vantagem da reformulação do ensino secundário no Brasil seria o convívio de alunos de diferentes origens sociais, reduzindo o isolamento dos alunos e a separação por classes sociais e interesses. Teixeira relata sobre as mudanças no ensino secundário, ocorridas nas três primeiras décadas do século XX em diferentes países. Ele se refere a uma "inquietação educacional" e a uma "fase de experimentação e de ensaios", ele aponta os **Estados Unidos**, França, Inglaterra e Alemanha, como locais onde o "ensino secundário é mais amplo e mais variado" e defende a variação do ensino secundário no Brasil, de acordo com as necessidades e interesses de cada região. Afirma que, "não seria prudente conservar a atitude antiga de centralização rígida de todo o ensino secundário" (TEIXEIRA, 1935, p.111).

Teixeira defende uma administração central como órgão de fiscalização estimulante do ensino, que serviria para dar sugestões aos professores e diretores das escolas e que permitisse a experimentação educacional e também o caráter democrático nas escolas, mais autonomia para aos institutos secundários e aos professores, o autor reitera que, "só, entretanto, por esse meio poderemos possuir um sistema escolar que não seja morto, rotineiro e ineficiente, como é o que ainda temos sob o regime uniformizante desenvolvido pelo governo central". (TEIXEIRA, 1935, p.111).

Teixeira faz ponderações importantes a respeito do termo "unidade" e "uniformidade", relata que há uma confusão no uso desses dois termos e reitera que pode haver unidade sem haver uniformidade, cita os Estados Unidos como exemplo de país que, possui diversidade de sistemas escolares e possui uma singular unidade na educação, essa unidade é dada por um conjunto de ideias comuns e pela própria influencia de umas escolas sobre as outras. O pensamento de Teixeira é que no Brasil tenha menos centralização do ensino secundário e nos diferentes estados uma "autonomia aos respectivos estabelecimentos', que serão exigidos "mais uma equivalência qualitativa de ensino, do que uma perigosa uniformidade" (TEIXEIRA, 1935, p.112).

Quanto aos métodos de ensino no nível secundário, Teixeira relata que, são aspectos que merecem especial atenção e tratamento.

> A sua correção virá de uma formação nova de professores, do aperfeiçoamento profissional estimulados dos atuais, de uma compreensão mais exata da função e lugar

> dos programas escolares, de uma organização de nossos livros didáticos e de um novo espírito educativo, e não simplesmente instrutivo, em nossas escolas. (TEIXEIRA, 1935, p.112)

Para Teixeira, a descentralização do ensino secundário, deve encontrar fatores a seu favor, como o ajustamento às necessidades e aptidões dos alunos. Para que isso ocorra na prática, Teixeira sugere providencias, para a reforma dos métodos de ensino: que o departamento central emita programas mínimos e sugestões amplas para a sua execução; que haja no currículo escolar a introdução de atividades atléticas e extraclasse para enriquecer a função educativa; que seja criado um serviço de inspeção técnica, a fim de estimular e desenvolver as melhores práticas de ensino; e por último, a formação especializada do professor secundário. (TEIXEIRA, 1935, p.112).

Teixeira cita Bagley, Professor de educação na Teachers College, Columbia University (1917-1940), comumente referido como o fundador da teoria educacional essencialista, para apresentar, os pontos que devem ser observados em relação à formação docente:

> Conhecimento completo e profundo da matéria que vai ensinar; apreciação aguda dessa matéria para a vida humana; desejo vivo e ardente de que os outros conheçam essa matéria e a apreciem; compreensão e conhecimento inteligente e simpático das dificuldades que o aluno encontra para se tornar senhor da matéria; conhecimento de todas as técnicas e processos para melhor vencer essas dificuldades (BAGLEY apud TEIXEIRA, 1935, p.114).

Teixeira reitera que, esta deve integrar os materiais e as técnicas da sua arte de ensinar, além de enfatizar o estudo da educação e dos métodos de forma integrada.

3.1.7 Sobre a universidade e a sua função

Teixeira inicia relatando que, o âmbito de vida de um povo, por mais limitado que seja, é delineado por quatro instituições: Família, Estado, Igreja e Escola. Essas instituições aparecem para nutrir, manter, ordenar e iluminar a vida em comum, para ele, cada instituição tem sua função: a família vela pelo desenvolvimento inicial das pessoas; o Estado defende e regula a vida em grupo; a igreja lhe dá o sentido profundo de seu desenvolvimento social e a Escola que humaniza e socializa. Para Teixeira, as funções dessas instituições se confundem e se misturam, à medida que marcham a civilização, entretanto, a independência e separação dessas instituições, não é, assim, contingência política, mas o próprio imperativo experimental

para o seu bom funcionamento. Na concepção de Teixeira, de todas as instituições, a escola é a que mais recentemente vem se emancipando, “não sendo quase possível exemplificar, na história, já não digo período de sua predominância, mas de sua legítima e total independência”. (TEIXEIRA, 1935, p.120).

Conforme Teixeira, considerando a trajetória da escola, da simplicidade à “complexidade dos sistemas escolares modernos”, muitos objetivos fundamentais da escola se perdeu, tanto na “função característica de mantenedora dos valores humanos” e de “instrumento para o seu desenvolvimento”. (TEIXEIRA, 1935, p121).

Em análise a esse caminho percorrido, Teixeira salienta sobre a Universidade.:

> É uma das formas que assumiu tal instituição, nos tempos modernos, que vamos encontrar a natureza legítima e integral de sua função histórica. Essa forma é a Universidade. (...) de certo modo, pois, as universidades anunciam o florescer da civilização ocidental. (TEIXEIRA, 1935, p.121).

É importante ressaltar que a análise de Teixeira sobre o papel social da universidade tem como referência a época de desenvolvimento da civilização européia, nos séculos X e XI, na Idade Média e no feudalismo, quando as corporações e a Igreja Católica governavam, integralmente a vida individual.

> O surgimento das universidades significava o aparecimento de uma instituição que retirava da igreja e do Estado funções anteriormente exercidas por esses dois poderes. Naquela sociedade, entretanto, a disciplina que as regulou foi uma condição para o exercício vigoroso de sua função. (TEIXEIRA, 1935, p. 122).

O questionamento de Teixeira é com relação ao recebimento das universidades do direito de existir e funcionar: de quem seria essa responsabilidade? Para ele, as universidades, em sociedades menos rígidas do que na Idade Média, medraria por si e de si mesmas, sujeitas a todas as eventualidades.

Quanto à autonomia e legalidade das Universidades Teixeira destaca:

> A carta ou estatuto de direitos e privilégios, concedidos às novas instituições pelos monarcas ou pelo Papa, foi o primeiro reconhecimento da autonomia essencial que vieram desenvolvendo, daí por diante, as universidades, até que puseram em pé de igualdade com as grandes instituições fundamentais da humanidade: a Família, a Igreja e o Estado. A Universidade é, pois, na sociedade moderna, uma instituição característica indispensável, sem a qual não chega a existir um povo (TEIXEIRA, 1935, p.122).

Sobre a formação que a Universidade oferece, Teixeira reitera que:

> (...) sempre a humanidade viveu utilizando a experiência do passado, mas essa experiência atingiu, nos tempos modernos, tamanha complexidade intelectual, que sem a existência das Universidades grande parte dela teria se perdido e outra grande parte nem chegaria a ser formulada. (...) porque é corrente entre nós a ideia verdadeiramente formidável, de que a cultura de um povo deriva de lhe ensinarmos a ler. As esperanças exageradas postas na alfabetização apressada dos brasileiros devem estar aí. (TEIXEIRA, 1935, p.123).

Teixeira lança sua defesa a favor das universidades e caracteriza a sua função como "única e exclusiva", para ele, não se tratam apenas de difundir conhecimentos, conservar experiência humana ou preparar profissionais, tudo isso, segundo Teixeira, os livros também fazem. Para Teixeira "(...) trata-se de manter uma atmosfera de saber pelo saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve", "(...) conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas". (TEIXEIRA, 1935, p.123).

Segundo Teixeira o ensino nas universidades tem uma responsabilidade prática e expansiva:

> Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente. (...) o saber é uma atitude de espírito que se forma lentamente ao contato dos que sabem. A Universidade é, em essência, a reunião dos que sabem com os que desejam aprender. Para quê Universidade, para que o ensino superior se há livros e se nos livros contêm toda a cultura humana? (TEIXEIRA, 1935, p.123).

Teixeira, por diversas vezes, ao longo dessa obra, se mostra um idealizador da educação e demonstra sua crença de que, é pela educação que o desenvolvimento das pessoas acontece.

> (...) a vida humana, é, sobretudo, a sublime inquietação de conhecer e de realizar e "(...) a casa onde se acolhe toda a nossa sede do saber e toda a nossa sede de melhorar é a Universidade. (...) nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil. (TEIXEIRA, 1935, p.124).

Teixeira critica a lentidão e o caráter tardio do surgimento das Universidades no Brasil, assim como a fraca qualidade do ensino ofertado por elas.

> Em um país como o Brasil, extenso como um continente, a que aportou há 435 anos a civilização ocidental, a civilização feita pelas universidades deveria ter parecido a muitos uma extravagância mais uma universidade. (...) a pequena Europa possuía, no século XIII, dezenove dessas instituições. No século XV, setenta e quatro. Quase cinco séculos depois possuímos seis universidades, das quais apenas uma tem, além de objetivos práticos e profissionais, objetivos de cultura desinteressada e de preparação para a carreira intelectual (TEIXEIRA, 1935, p.124).

Na abordagem de Teixeira, é possível perceber a decepção dele, em relação ao ritmo lento do Brasil em relação à criação de Universidades:

> Pois, nesse nosso país, que não é, positivamente, a pátria das Universidades, começou a se organizar a Universidade do Distrito Federal, com rumores em volta de si de que era demais, de que nos sobram instituições de cultura superior e nos faltam escolas primárias. (...) esse país é o país dos diplomas universitários honoríficos, que substitui a cultura por duas ou três profissões práticas, é o país em que a educação, por isso mesmo, se transformou em título para obter um emprego. (TEIXEIRA, 1935, p.125).

Quanto à qualidade do ensino oferecida pelas Universidades, Teixeira salienta:

> Haverá por acaso, demasiado ensino superior no Brasil? Não. O que há são demasiadas escolas de certo tipo profissional, distribuindo anualmente diploma em número maior que o necessário e o possível, no momento, de se consumir. (...) Em países de tradição universitária, a cultura une, solidariza e coordena o pensamento e ação. No Brasil, a cultura isola, diferencia, separa. E isso, por quê? Porque os processos para adquiri-las são tão pessoais e tão diversos, e os esforços para desenvolvê-las são tão hostilizados e tão difíceis, que o homem culto, à medida que se cultiva mais se desenraiza mais se afasta do meio comum, e mais se afirma nos exclusivismos e particularismos da sua luta pessoal pelo saber. (TEIXEIRA, 1935, p.126).

Teixeira menciona a heterogeneidade e deficiência das diferentes culturas individuais e individualistas e afirma que, os homens cultos no Brasil, são hostilizados por outros homens cultos. Para Teixeira, no Brasil, o que deveria ser um campo de ação intelectual e pública, se torna um campo de lutas mesquinhas e pessoais. Ele atribui a essas atitudes a falta de universidades, que é formadora de um ambiente livre de idéias, onde em um mesmo meio, flui uma vida de inteligência em comum, de forma associada e fraterna. Teixeira destaca o egoísmo do brasileiro:

> Somos isolados e hostis porque é isolada e hostil a forma de nos prepararmos intelectualmente para as lutas da vida e do espírito. Não cooperamos, não colaboramos não nos solidarizamos com os companheiros, nem em ação e nem em pensamento, porque cada um de nós é o centro do universo, e só desse centro partirá a verdadeira ação e o verdadeiro pensamento. (TEIXEIRA, 1935, p.127).

Para Teixeira, a Universidade é muito mais que transmissão de conhecimentos, principalmente no aspecto da formação humana e intelectual: a Universidade "(...) socializa a cultura e os meios de adquiri-la", para ele, a universidade permite o cultivo da cultura em sociedade, é a identidade da vida, um ambiente que oferece cultura em comum. "(...) que nos sintamos solidários e unidos pela identidade de objetivos, de preocupações, de interesse e de ideais." (TEIXEIRA, 1935, p.127).

Teixeira traça o perfil do brasileiro e fala sobre o que a Universidade deve oferecer:

> O isolamento e o autodidatismo nacionais nos fazem incoerentes, paradoxais, irritadiços e extravagantes. A opinião intelectual de um país é o reflexo de seus meios e processos de cultura. A Universidade vem nos dar disciplina, ordem, sentido comum e capacidade de esforço em comum. (...) a Universidade não se constitui para isolar da vida a cultura, mas para trazê-la para a vida e torná-la mestra da experiência (TEIXEIRA, 1935, p.128).

Teixeira finaliza a primeira parte deste livro, relatando sobre a liberdade de pensamento e de crítica. Dessa forma, reafirma que, a Universidade incomoda por que "(...) querem diminuir o Brasil até ajustá-lo aos limites de suas ideologias pessoais e de suas pessoais inquietações" (TEIXEIRA, 1935, p.128). Ele reitera que, muitos julgavam as universidades como instituições que, ao invés de libertar e dar sequência ao desenvolvimento da humanidade seria as instituições que surgiriam para escravizar e para deter a vida do indivíduo. Teixeira pondera sobre o que falam a respeito da crise moderna e utiliza diversos termos para exemplificação: "crise moral" e "ausência de disciplina", destacam também a "instabilidade", que "marchamos para o chão" e "para a revolução" e enfatiza: "é o comunismo que vem aí". Segundo Teixeira esses termos são usados atualmente e já eram usados antigamente e desabafa: "Falam assim hoje. Falavam assim há quinhentos anos" (TEIXEIRA, 1935, p.128).

Quanto à liberdade, Teixeira faz ponderações importantes: "a liberdade é uma conquista que está sempre por fazer. Desejamo-la para nós, mas nem sempre queremos para os outros" (TEIXEIRA, 1935, p.128). Caracteriza a liberdade como algo de "indeterminado e imprevisível" e reitera que ser livre:

> (...) importa em aceitar as conseqüências, sejam quais forem. Ser livre importa em seguir a ideia até onde ela nos levar... Por isso, só podem amar a liberdade os que realmente tiverem provado, até o fundo, a insignificância da vida humana, sem o acre sabor desse perigo. Por isso é que a Universidade é e deve ser a mansão da liberdade. (...) não morreram em vão os que morreram por esse ideal de um pensamento livre como o ar... Todos os que desapareceram nessa luta, como todos os que hoje nela se batem, constituem a grande comunhão universitária (TEIXEIRA, 1935, p.129).

3.2 A análise de Teixeira sobre o sistema escolar do Distrito Federal

Preâmbulo

A segunda parte do livro “Educação para a democracia (...)” é um relatório sobre sua atuação na Secretaria de Educação do Distrito Federal no período de 1931 a 1935. É um texto no qual Teixeira apresenta seu diagnóstico, propostas e medidas relacionadas à educação escolar dessa unidade da Federação que, à época, era a capital da república brasileira. Trata-se de uma parte organizada em sete tópicos.

3.2.1 Sobre a administração do sistema escolar

Teixeira inicia apresentando o sistema escolar no Rio de Janeiro em 1931. Relata um sistema composto por cinco anos de ensino elementar, seis anos do ensino profissional e dois anexos de caráter vocacional. Com a reforma de 1928, Teixeira aponta o primeiro problema enfrentado pela nova administração: examinar as condições de eficiência da organização traçada e verificar o modo como os objetivos estavam sendo cumpridos. Teixeira destaca a precariedade ou a escassez de órgãos regulares nos departamentos de direção de ensino assim como nas unidades escolares.

Teixeira descreve a Diretoria Geral como um aparelho burocrático e centralizador, com designação de uma Subdiretoria Administrativa, cujas funções são a rotina do serviço escolar. Menciona também uma Subdiretoria técnica e um corpo de inspetores distribuídos por distritos. A subdiretoria técnica, segundo Teixeira, não era um órgão de verificação de eficiência do trabalho escolar, mas sim um órgão administrativo de todo ensino primário, profissional e normal. Teixeira salienta que os inspetores que se subordinavam à orientação dessa subdiretoria acumulavam funções de fiscalização, orientação e direção do pequeno grupo de escolas dos respectivos distritos.

Na subdiretoria técnica, Teixeira chama a atenção para quantidade de tarefas que o subdiretor técnico assume. Além do estudo do rendimento e eficiência de todo o sistema escolar

– que era mais do que tarefa para um só homem - o subdiretor técnico teria que desenvolver um estudo das condições da instalação escolar, de todos os problemas técnicos de ensino e também a execução de todos os planos decorrentes desses estudos.

Segundo Teixeira, havia ainda o inspetor escolar que era, por sua vez, outro diretor de instrução no seu distrito. Na verdade, Teixeira esclarece que o inspetor teria como missão a mesma de um conselheiro técnico, de um professor com maior tirocínio e maior capacidade, que orienta os demais.

Em face desse quadro precário e centralizador, Teixeira sugeriu uma reorganização da Diretoria Geral, nos moldes que o momento comportava objeto do Decreto nº 3.763, de 1º de fevereiro de 1932. Tal decreto reorganizou o departamento central de administração de ensino, criou vários serviços especializados e articulava-os ao Diretor Geral. Além da reorganização, Teixeira providenciou a criação de uma biblioteca Central de Educação e um Museu Central de Educação, visando, incentivar os intercâmbios bibliográficos, cinematográficos e outros.

Outra necessidade identificada por Teixeira seria o controle de matrícula e frequência dos alunos nas escolas. Para isto, foi criado o Serviço de Matrícula e Frequência Escolares (SMFE), que controlaria também o tempo de permanência dos alunos nas escolas, garantindo que permanecesse o tempo necessário para a sua formação completa. Vale ressaltar que, Teixeira aponta as dificuldades deste sistema de controle, devido à falta de dados relativos às crianças do Distrito Federal, tanto das escolas públicas, quanto das escolas privadas. A solução para este problema seriam censos escolares periódicos para garantir a integridade e segurança dos dados.

Outro problema detectado na tentativa desse controle escolar era a diversidade de alunos por salas de aulas, onde miscigenavam alunos de várias classes sociais, características individuais e resultados escolares, no que diz respeito ao ritmo de desenvolvimento e aproveitamento. Posteriormente, Teixeira aponta outro problema, o número de alunos que se desligavam das escolas e o número de alunos que se matriculavam, outro fator que tornava mais difícil o controle individual do aluno, tendo em vista que não havia meios para controlar e acompanhar essa flutuação. A proposta de Teixeira era de um sistema escolar com diferenciações, que houvesse diversificação necessária para atender a todos os alunos, respeitando suas condições individuais.

Para organizar inicialmente e sanar as dificuldades apresentadas, Teixeira relata que foi criado o Serviço de Classificação e Promoção de Alunos, que constituía em peça fundamental para a direção do ensino e funcionaria da seguinte forma:

> Em uma grande organização de "ensino em massa", há classes a dar maior homogeneidade, outras a aumentar a aceleração, outras a retardar a marcha do ensino. Todo o conjunto de medidas destinadas a ajustar o ensino ao indivíduo exige para a sua aplicação proveitosa controle centralizado e sistemático. (TEIXEIRA, 1935, p.145)

Teixeira pondera, o quanto é necessária as divisões especializadas de ensino e simultaneamente denuncia, o quanto existem dificuldades em instalar e funcionar as seções técnicas, assim projetadas e criadas. Ele revela a criação de mais dois serviços, o de "obras sociais escolares", "pós-escolares" e "pré-escolares" e o de "prédios e aparelhamentos escolares". O primeiro tinha por finalidade "(…) promover, coordenar, intensificar o funcionamento das diferentes instituições enriquecedoras da escola, do ponto de vista social, e atuando nela, em torno dela e além dela". O outro serviço, de "prédios e aparelhamentos Escolares" procurou "coordenar e sistematizar as providências relativas à situação material das escolas" (TEIXEIRA, 1935, p.146).

Teixeira aponta a necessidade de uma reforma de inspeção escolar, porém salienta que, deve ser realizada em um momento em que "o funcionamento dos serviços de centralização e coordenação estivesse mais regular e eficiente" (TEIXEIRA, 1935, p.148). Ele informa que pouco mais de um ano e meio, foi suficiente para examinar e estudar os problemas peculiares de organização do ensino na capital da República, buscando fazer dessa organização um padrão para os sistemas escolares brasileiros.

Teixeira reitera sobre o progresso das instituições educativas:

> No laborioso progredir das instituições educativas, no Brasil, havia de suceder, naturalmente, que fossem os órgãos de sua administração os últimos a se ressentirem da falta de eficiência no orientar e assistir àquele desenvolvimento. (...) a direção das escolas e sua inspeção não passavam, por sua vez, de extensões dessa fiscalização burocrática (TEIXEIRA, 1935, p.149).

Teixeira relata que no ano de 1924, se inicia a fase mais intensa de reconstrução do estado das coisas, período de "estudo", "exame de consciência", "experimentação parcial de soluções, procurando um ajustamento dos meios aos fins" (TEIXEIRA, 1935, p.150).

Ele menciona sobre o desânimo dos professores, em sentir na Diretoria de Instrução, a incapacidade de acompanhar e compreender os problemas, ele conclui que era necessário recuperar a credibilidade da Diretoria de Instrução e para isso seria necessárias algumas providências:

> (...) primeiro de tudo devia provê-lo de órgãos sem os quais se desempenharia das funções que lhe deviam ser inerentes. Organizei, assim, serviços de estudo, coordenação, controle e atuação direta ou indireta sobre a escola. A experiência vem surtindo os melhores resultados (...) e que representa, a meu ver, um grande passo para a integração do magistério e de seus órgãos de assistência, orientação e administração, em uma consciência comum de trabalho (TEIXEIRA, 1935, p.152).

Segundo Teixeira, cabe a atual administração reparar essas lacunas, ligada as necessidades sentidas do sistema escolar e ao que tem sido experimentado. “A diretoria se desdobra em vários órgãos de estudo, coordenação e elaboração de planos, como ainda em aparelhos de fiscalização, orientação e assistência” (TEIXEIRA, 1935, p.153). Outra mudança foi a criação de dois Institutos, sendo um responsável pela formação e aperfeiçoamento do professor e o outro de estudos e elaboração de planos atuais de trabalho, revendo cursos e programas, bem como analisando o rendimento deles.

Interessa salientar, como Teixeira tinha uma preocupação com a estrutura e organização administrativa da Secretaria da Educação no Distrito Federal e com a condição de vitrine nacional do Distrito Federal. Desde os tempos da proclamação da República brasileira, que o Rio de Janeiro, a capital, vinha sendo alvos de investimentos compatíveis com a visibilidade nacional da cidade republicana. Exemplar é a reforma urbana e arquitetônica, feita no Rio de Janeiro nos primórdios da pesquisa. A diferença da iniciativa de Teixeira está em tornar a capital da república vitrine nacional de uma educação republicana e de um sistema escolar público, de boa qualidade para atender às populações urbanas e rurais. A ênfase de Teixeira, na estruturação administrativa da Secretaria revela sua condição de vanguarda na organização do sistema nacional de educação. A atuação de Teixeira tinha nítida sintonia com o escolanovismo. Essa associação entre república, sistema escolar, educação das massas e democracia, é uma associação que Teixeira faz sob inspiração anglo-americana. Percorrendo o movimento entre Bahia e Estados Unidos em 1927, que Teixeira começou a ter essa perspectiva. Na Bahia Teixeira vivia a ausência de sistema educacional, a precariedade estrutural das unidades escolares, ausência de professores formados, as aulas desinteressantes e outras coisas. Nos Estados Unidos de 1927, ele presenciou o contrário de tudo isso, ou melhor, visualizou

experiências significativas de um sistema escolar bem estruturado, organizado e administrado, escolas bem estruturadas e aulas interessantes; presenciou políticas públicas para a inclusão escolar de negros, a participação social na vida das unidades escolares e as políticas permanentes de formação de professores.

3.2.2 Sobre a organização e administração da escola elementar

Teixeira inicia relatando sobre a aferição da eficiência da escola elementar, por meio de testes e escalas, para verificar os resultados escolares. Ele relembra o tempo em que a escola era “um simples aparelho seletivo destinado a alguns” e salienta que a escola se tornou, “(...) na civilização contemporânea, uma necessidade absoluta para todos” (TEIXEIRA, 1935, p.165).

Teixeira aponta que foi imposta uma nova política educacional e com ela uma mudança de mentalidade, quanto aos testes aplicados nas escolas, que antes mediam a eficiência do ensino pelo sucesso do aluno:

> (...) se muitos alunos falhassem, era sinal de que os critérios de julgamento eram eficientes. Fracasso na instituição de preparo fundamental do cidadão para a vida comum. Eficiência uniforme na escola, para todos os alunos, organização e eficiência em massa (TEIXEIRA, 1935, p.166).

Teixeira destaca a necessária transformação dos métodos, processos de ensino e administração escolar, no Brasil. Ele relata que esses processos se encontram em fase de adaptação, que em meados de 1931, foi feita uma verificação da eficiência da escola pública do Distrito Federal, nos aspectos de como era ensinado o aluno a ler e a contar.

Teixeira aborda as estatísticas referentes aos testes de leitura e contagem, bem como as condições de aplicação dos testes e os resultados apurados. Ele conclui que ensinar a ler e contar, não é tão simples quanto aparenta.

> Por esses resultados verificou-se que os alunos, depois de quatro e mais anos de classe, nas escolas públicas do Distrito Federal, chegavam a baixíssimo índice de leitura, equivalente ao obtido pelas crianças <u>americanas</u> desde o segundo ano escolar. (...) a criança americana iria ter mais seis anos obrigatórios na escola primária e a criança carioca não chegava habitualmente, senão ao terceiro ano de escola (grifos nossos). (TEIXEIRA, 1935, p.168).

Para Teixeira, ensinar um povo inteiro a ler é uma coisa muito diversa, pelos resultados obtidos nos testes de aferição de leitura. Ele destaca que, o tempo de permanência nas escolas é menor para os alunos brasileiros em relação aos americanos, e que "(...) os pregadores de mentalidade simplista que acreditam nas campanhas alfabetizadoras", não consideram nessa abordagem, um "ensino para todos", tem por base "escolas primárias selecionadas, onde estudaram e onde se matriculavam a pequenina elite social e mental do país" (TEIXEIRA, 1935, p.169). Teixeira queria mais que campanhas emergenciais, ele pensava em políticas públicas, em ações permanentes institucionalizadas.

Acerca da aplicação dos testes, Teixeira ressalta que a sistematização não significa "uniformização, mas, desenvolvimento de diferenciações, fundadas nas características dos grupos dos alunos" (TEIXEIRA, 1935, p.171). Segundo ele, os testes de contagem, não obedeciam nenhum critério de análise do aluno, em relação à permanência na escola (quantas vezes havia repetido o mesmo ano), a idade e ao nível de inteligência. Para a Diretoria Geral e Serviço de Classificação e Promoção, era suficiente aferir individualmente, as diferenças dos alunos em relação ao aprendizado. Com a classificação e análise diferenciada dos alunos, algumas mudanças foram feitas por Teixeira no Distrito Federal:

> Os novos programas do Distrito Federal incluíram mais que o programa convencional das escolas tradicionais e insistiram especialmente em atividades ou projetos. A escola passou a ensinar a fazer, de modo mais perfeito, o que, em quaisquer circunstâncias, terá de ser feito. Para um tal tipo de escola dificilmente haverá criança pouco inteligente. Todas são capazes. Isso será muito mais fácil do que insistir, ainda na escola primária, em uma diferenciação que só deverá aparecer no nível secundário, quando os caracteres individuais se acentuarem definitivamente (TEIXEIRA, 1935, p.173).

Teixeira apresenta uma série de classificações posteriores dos alunos e explica que a intenção seria de reclassificar o aluno e oferecer a ele, melhores condições para o aprendizado, de acordo com suas dificuldades e limitações, tendo o aluno como unidade de ensino. Teixeira ressalta que depois de avaliados, haveria uma distribuição de alunos por sala, obedecendo ao tamanho físico da escola, para uma distribuição de salas de aula mais homogêneas, no sentido social, humano, visando ao aproveitamento e velocidade de aprendizado.

Mas Teixeira não perde de vista que tudo isso valoriza o trabalho do professor:

> Nunca será demais repetir que todo esse serviço não vai substituir ou diminuir a dependência em que êxito do ensino se acha do professor e da sua atuação em classe. O professor é realizador maior da obra educacional. Uma boa classificação e uma distribuição melhor dos alunos nada mais visam que tornar integralmente possível a tarefa do mestre, dificílima nas condições presentes no sistema escolar, pela falta quase absoluta de estudos e informações sobre seus alunos (TEIXEIRA, 1935, p.181).

Teixeira destaca, ao final desse tópico, que apesar dos esforços, em três anos, o Distrito Federal ainda está longe de ser uma organização eficiente e adequada, em relação à escola elementar. Ele pontua que, apesar do entusiasmo, renovação, abnegação e senso de objetividade, apresentados nesta obra, nada disso é suficiente para se fazer uma boa escola. Ele comemora as conquistas alcançadas até o momento, mas assume uma postura bem realista:

> (...) até agora o que está conquistado é muito e pouco. É muito pelo que representou de esforço e trabalho e pelo que vai assegurar de progresso. E é pouco pelo que resta ainda fazer (...) agora é que começa a progredir o sistema escolar do Distrito Federal (TEIXEIRA, 1935, p. 181).

Teixeira reitera que, as reformas empreendidas trouxeram para as escolas elementares uma nova estrutura, não sendo mais apenas um "instrumento de seleção: "uma escola seletiva, mas variada e flexível como exigem as escolas populares para todos" (TEIXEIRA, 1935, p.183).

3.2.3 Sobre escola elementar: a constante atualização e a formação de professores

Teixeira inicia relatando que o problema da renovação escolar, se apresentou perante a escola pública carioca depois de certo preparo vivo, mas prudente, realizado pela administração Carneiro Leão, sob uma forma impetuosa na administração de Fernando Azevedo. Teixeira relata que, foi neste período que as escolas públicas entraram em uma fase de deslumbramento, diante das modificações trazidas pelas renovações. A reforma legislativa decretada criou uma atmosfera propícia à renovação. Em 1931, Teixeira nos conta que, acendeu as esperanças da continuação dos esforços já revolucionários que caracterizavam, em matéria educativa, a administração que foi suspensa em fins de 1930. Nesta época, Teixeira foi chamado para dirigir o sistema público de Educação do Rio de Janeiro, na ocasião de sua posse, escreveu um discurso que elogiava a diretoria de Instrução do Distrito Federal, pelas transformações da escola, pela

inteligência e ação, na pessoa de Fernando Azevedo e Carneiro Leão. Teixeira, nesse discurso, se refere ao Brasil como um país jovem e de pequenas tradições educativa, denomina a mudança na escola como uma obra radical de renovação. Ele elogiou a trajetória de Fernando Azevedo e Carneiro Leão e utilizou expressões como “campanha inteligente e lúcida” e “sistema escolar de linhas harmoniosas e robustas”. (TEIXEIRA, 1935, p.192). Para Teixeira, a reforma de 1928 foi uma “(...) obra audaciosa, (...) que rasga perspectivas para o futuro” e “lança alicerces de uma nova política Educacional” (TEIXEIRA, 1935, p.192).

Teixeira em seu discurso relata que, o Rio de Janeiro após a preparação do caminho, recebeu essa obra com uma consciência educacional dinâmica e moderna, restando agora à adaptação e a realização.

> A obra que temos que realizar aqui, portanto, é obra anônima de todos nós, que nós devemos esquecer nós mesmos para tornar a nossa colaboração mais solidária e mais fiel. (...) o diretor do serviço educacional é, agora, o seu mais modesto operário. O mestre é quem realiza a obra de educação. O diretor é simples servidor do mestre. Toda a administração não tem outro fim que o de dispor as condições de êxito para a obra, que é só do mestre: *educar*. (TEIXEIRA, 1935, p.193).

Teixeira demonstra entusiasmo, mas, em contrapartida, se mostra consciente da fase de renovação pedagógica que ia enfrentar. Relata que era necessária a disciplina da análise, da medida e do controle, sem diminuir as convicções. Aponta que, por mais tentativas que houvesse, não seria possível alinhar a obra da mesma forma em todas as unidades, devido às condições materiais e a um sistema complexo de escolas.

O método escolhido por Teixeira era o de experimentação gradual das soluções e de obediência rigorosa às condições locais. Teixeira relata o posicionamento dos reacionários e inovadores, diante de sua gestão e salienta que a coligação de duas críticas é sintomática. Teixeira relata que, no momento de realização, quando já tinham sido feitas as modificações necessárias nas escolas elementares, novamente sua gestão sofreu críticas, denominadas por ele “improcedentes”. O que ocorria era que as realizações eram feitas de forma diferente, obedecendo às características e às condições materiais e pessoais diferenciadas das escolas. É intrigante que o trabalho de classificação e diferenciação das escolas, que foi realizado em um primeiro momento, tenha trazido problemas à Teixeira.

Segundo ele, era exatamente o primeiro passo para a reconstrução das instituições escolares, denominado por ele um processo laborioso e complexo, que não iria se conquistar da noite para o dia. Teixeira ilustra como funciona parte desse processo e suas particularidades:

> Considerar todas as escolas em condições de uma imediata e idêntica transformação, propô-la, e dizer pouco depois que essa transformação, possível em uma dezena delas, havia sido realizada em todas, seria, como dissemos, não só cômodo, mas agradável à vaidade do administrador. (...) A profunda desigualdade e falta de uniformidade das escolas públicas foi à primeira revelação que surgiu desses inquéritos e conduziu toda a nossa reconstrução escolar. (...) Temos assim programas desiguais para situações desiguais. (...) O administrador escolar não é livre no traçar de seus planos, como o artista é na execução impetuosa de seus desenhos (...) (TEIXEIRA, 1935, p.197).

Teixeira relata que todas as críticas oficiais ao sistema escolar e várias outras medidas visavam, sobretudo, despertar nos professores, desde as propostas renovadoras de 1927, uma visão rigorosa em relação aos esforços e resultados que seriam obtidos. Em 1933, Teixeira afirma que houve um empenho na qualidade de organização e processos de ensino, além de uma ampliação nas facilidades de acesso à educação, aumentando o número de matrículas em sete mil crianças em relação ao ano anterior. O melhor dessa ampliação na educação, conforme Teixeira foi autonomia e a adesão dos professores:

> (...) todo o magistério empenhado no trabalho de reorganização escolar, tendo sido resultado de um esforço comum as fórmulas quase uniformes de exame aplicadas no fim do primeiro semestre, já completamente uniformes no fim do ano escolar. (...) o ensino se fazia por si, isto é, professores isoladamente, sem auxilio nem direção (TEIXEIRA, 1935, p.199).

Em relação às conquistas da educação, Teixeira apresenta que após a compreensão do problema de administrar o ensino público, e aparelhado para esse fim, “(...) fixamos para o ano de 1934 um largo problema de expansão escolar” (TEIXEIRA, 1935, p.200). Nos preparativos para implantação das ideias da escola progressiva, Teixeira tinha o magistério como seu primeiro foco, na tentativa de formação no Brasil, dos mestres para a escola progressiva.

Teixeira utiliza vários termos que expressam sintonia com idéias de Dewey, colocando em prática no Brasil as influências trazidas pela América, “escola renovada”, “continuação refletida e consciente”, “reconstrução escolar” (TEIXEIRA, 1935 p.200). Ele salienta que, os cursos voltados para as diretorias de escola, visavam a formar pontos de vista e elaborar técnicas necessárias para a condução do movimento. E, por último, o curso regular de dois anos para orientadoras de ensino elementar, iniciado no segundo semestre de 1934, era voltado para

preparação de assistentes técnicos pedagogicamente competentes para dirigir, dentro da própria classe, a transformação de métodos indispensável ao aperfeiçoamento constante da escola progressiva.

Teixeira salienta a importância do mestre “respeitar a personalidade infantil” e “expandir e irradiar a obra escolar até a comunidade” (TEIXEIRA, 1935, p.201). Para ele, a comunidade deve ser encorajada, estimulada e premiada. Teixeira reitera a importância dos elementos que irão complementar, renovar e enriquecer a escola, como o ensino de música, desenho, artes industriais, educação física, recreação e jogos, segundo Teixeira, esses elementos estão em “(...) profunda consonância com os melhores princípios e diretrizes da escola progressiva” (TEIXEIRA, 1935, p.201).

Teixeira pondera sobre a importância de ações continuadas, de longo prazo e de cunho permanente no desenvolvimento da educação brasileira. Ele relata que, nenhum dos recursos de que podia lançar mão para prosseguir a obra de 1928, foram abandonados e que os mesmos foram essenciais para a implantação do “espírito da escola progressiva”.

Para Teixeira, os elementos da escola progressiva, como os jogos e a recreação, educam o aluno para a vida:

> (...) a educação de hábitos de recreação e jogos vai, igualmente, influir em hábitos da comunidade (...). A obra de arte na escola está, assim, a oferecer a primeira legítima oportunidade para associar profundamente a escola à cultura nacional. Graças a esses aspectos do seu programa, a escola vai deixando de ser instituição isolada e medíocre de outros tempos, para se tornar um centro de caráter próprio, com perfeita individualização cultural e artística (TEIXEIRA, 1935, p.203).

Para finalizar este tópico, Teixeira apresenta duas iniciativas que foram levadas a efeito: os centros de professores e as escolas experimentais. Ele relata que os centros de professores, constituíam espaços destinados ao debate e à troca de experiências entre os docentes, bem como incentivo a círculos de estudos coletivos e aperfeiçoamento do mestre. As escolas experimentais, segundo Teixeira, eram escolas laboratórios, destinadas aos ensaios em condições livres e favoráveis de técnicas da escola renovada. Teixeira enfatiza que, os resultados satisfatórios apresentados nas escolas do Distrito Federal, constituem “focos de irradiação do melhor espírito profissional do mestre moderno e se tornaram, insensivelmente, centros de estudos da criança carioca e um repositório de experiências verificadas sobre as possibilidades e os recursos dos métodos ensaiados” (TEIXEIRA, 1935, p.204).

Sobre a preparação do professor primário, Teixeira relembra que era realizada nas escolas secundárias, "(...) em que se introduziam para aquele fim especial, cursos de pedagogia e de psicologia e uma prática nominal de ensino". (TEIXEIRA, 1935, p.205). Para Teixeira, é necessária uma formação diferenciada, de acordo com os níveis que o professor irá atuar em um sistema escolar. Afinal, a "(...) primeira necessidade desse preparo profissional está na diferenciação dos programas, de acordo com os diversos tipos de graus de professores que precisa de um sistema escolar" (TEIXEIRA, 1935, p.205). A formação do mestre obedeceria ao seguinte critério:

> A formação diferenciada do mestre para os graus chamados primários de ensino (1°, 2°e 3° anos) e do mestre para os graus chamados intermediários (4° e 5° anos), se impõe não somente como uma necessidade da organização escolar diversa em um e outro período, como ainda pela mudança psicológica e de desenvolvimento físico dos outros. (TEIXEIRA, 1935, p.206)

Além da formação diferenciada, Teixeira reitera que é necessária a formação específica para os professores de música, desenho, artes industriais, domésticas, educação física e saúde. Teixeira cita exemplos como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, de cidades em que a organização da escola de educação, representa concretização de idéias e aspirações que fortalecem a consciência dos educadores. É interessante notar, pela abordagem sobre a docência, como a experiência que Teixeira tem no Distrito Federal, é coerente com o escolanovismo. A escola elementar de Teixeira combinava letras, números, trabalho e arte.

Teixeira apresenta a Escola de Educação do Rio de Janeiro (DF), organizada e baseada em experiências e critérios que se equilibram em tendências científicas da Alemanha, práticas da França e da Inglaterra e tendências ecléticas dos Estados Unidos. Teixeira tinha preocupação constante com a formação docente e, de modo particular, com a capacidade de ensino, com o ensino em si: "será ensinar uma ciência aplicada, como a engenharia ou a medicina, ou será uma arte, como a música ou a pintura?" (TEIXEIRA, 1935, p.208). Teixeira esclarece que, o objetivo não é que o professor se torne uma pessoa dada às pesquisas científicas, "(...) mas queremos, sobretudo, que ele saiba melhor e mais seguramente como executar o programa da escola primária, tão difícil, na sua simplicidade, de ser realmente ensinado" (TEIXEIRA, 1935, p.211).

No tocante ao "preparo de moças e moços para o trabalho", Teixeira menciona sobre as expectativas em torno da Escola de Educação, "(...) deve sempre prevalecer o espírito de

humildade e de reverência, propício ao despertar dos longos devotamentos de que precisa o magistério" (TEIXEIRA, 1935, p.211). Ele define que, a Escola de Educação do Rio de Janeiro, busca conciliar as tendências alemã, que define o ensino como uma ciência aplicada, e a francesa, que define o ensino como uma arte: "A Escola de Educação não tem, assim, outra pretensão senão a de ser uma escola profissional, em que se preparam mestres, fazendo-os aprender e praticar diretamente as matérias que irão ensinar" (TEIXEIRA, 1935, p.210).

Segundo Teixeira, está a se erguer sobre essa Escola de Educação um centro de pesquisas educacionais, que constituirá em um dos focos de irradiação nacional das ciências da educação. É notável a atenção, o entusiasmo e o otimismo com que Teixeira via as reformas, as inovações e os experimentos educacionais realizados no Distrito Federal. A capital da república tinha que ser exemplar e exercer a condição de vitrine de exposição e circulação de ideias, projetos e práticas.

3.2.4 Sobre educação secundária, técnica e de extensão

Questão importante a ser mencionada é que, na época em que Teixeira estava no comando da Educação no Distrito Federal, o Brasil convivia com uma disputa envolvendo industriais, homens de governo e intelectuais da educação. Era uma disputa em torno das relações entre educação e trabalho, entre ensino regular e ensino profissional, ensino técnico e propedêutico. Essa disputa culminou em 1942 na criação do SENAI, o embrião do sistema S e dos cursos técnicos nas escolas federais. O primeiro ficaria sob tutela da Confederação Nacional da Indústria, as escolas técnicas com o Ministério da Educação e Saúde Pública. Teixeira estava envolvido nessa disputa, embora não estivesse no Ministério de Capanema, onde estavam os signatários Lourenço Filho e Francisco Montojos, ele era protagonista nas disputas nacionais pela relevância de suas intervenções e pela centralidade do Distrito Federal.

A crítica de Teixeira era contundente: "transplantado da Europa, (...) o Brasil mantinha um dualismo essencial em suas iniciativas educacionais. Havia uma educação para o povo (...) uma educação para o trabalho, e uma educação para a elite, que seria a educação para a cultura." (TEIXEIRA, 1935, p. 213).

Em relação a ensino técnico e ensino secundário, o relato que Teixeira faz, enfatiza dois pontos básicos: a docência, incluindo aí a seleção de vocações, formação, a sistematização da profissão e da carreira e elevação dos salários; e a reforma do sistema, de modo a tornar o ensino secundário destinado a todos e não apenas aos filhos das elites. Em sua reforma do ensino secundário, Teixeira criava o ensino técnico secundário.

Um fato bastante curioso é que ao apresentar a proposta da escola técnica secundária, Teixeira menciona o protagonismo de Joaquim Faria Góes Filho, na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Góes Filho era baiano, tinha idade próxima à de Teixeira, estudou na mesma escola secundária que Teixeira, era, tal qual Teixeira, formado em Ciências Jurídicas e Sociais e cursaram mestrado na mesma universidade: a Columbia, nos EUA. Em 1935, Teixeira, em condição de mal-estar, pediu demissão do cargo de secretário e quem o substitui é Góes Filho, que encaminhará de modo oposto ao de Teixeira a reforma do ensino secundário.

Teixeira inicia a discussão sobre educação secundária e técnica, separando as iniciativas educacionais no Brasil pelo público a ser atingido: educação para o povo relacionada ao trabalho e educação para as elites relacionada à cultura, a dualidade se resumia em escolas primárias destinadas ao povo e escolas secundárias e superiores destinadas às elites. Teixeira menciona o reduzido prestígio social das escolas primárias e das profissionais: por melhores que fossem não eram prestigiadas. Já as escolas secundárias e superiores sempre gozavam de prestígio social.

Teixeira faz uma série de considerações acerca desta dualidade, apontando interesses políticos e sociais como condicionante permanência bem como aponta que a conciliação entre pensamento e ação, ciência e indústria, é fator de união e pacificação de objetivos, devendo refletir também na educação. Para Teixeira, faltava foco no educando, os interesses educacionais oprimiam as necessidades dos alunos:

> À medida que a legislação de ensino for menos opressiva e menos limitadora, ela se desenvolverá com maior e mais rica flexibilidade, no sentido de oferecer aos seus educandos o ambiente e a cultura científica, aplicação técnica, realização industrial e formação artística e social indispensável ao homem brasileiro e moderno (TEIXEIRA, 1935, p.215).

Teixeira cita o trabalho expressivo apresentado pelo Superintendente de Educação Secundária, Dr. Faria Góes e reitera que o referido trabalho documenta o alcance das medidas propostas. Para Faria Góes, o progresso dos aparelhos de educação está diretamente ligado às

oportunidades oferecidas ao pessoal que neles serve, neste sentido, é necessário oferecer a essas pessoas “vantagens econômicas e morais capazes não só de atrair elementos selecionados, como de estimular constantes esforços no sentido de maior rendimento do serviço” (TEIXEIRA, 1935, p.216). Teixeira ressalta que, no pensamento de Faria Góes, o bom desempenho do professor está atrelado às condições estimuladoras, à vocação e à formação técnica.

Góes Filho, com essas medidas, traçava os primeiros passos para uma situação melhor ao professorado secundário das escolas da prefeitura. Por meio delas, foi iniciada a contratação de professores por meio de concurso público e instaurada nas escolas provas de eficiência e aptidão, destinadas aos professores. Após essas providências, Segundo Teixeira, Góes Filho reitera outras questões e exigências relacionadas aos docentes, como:

> (...) a exigência de habilitação em curso oficial de professores secundários em escolas técnicas e em nível superior; (...) homogeneização do corpo de professores das escolas técnicas secundárias, uniformizando-lhes as mesmas possibilidades de progresso; (...) elevação bastante sensível dos estipêndios desses professores; (...) Instituição de um sistema de encorajamento pessoal (...) a cada professor fica assegurado o poder de melhorar a sua própria situação. (...) condições que dependem não somente dos esforços e do desejo de cada um, de assiduidade, de aperfeiçoamento cultural e técnico de ensino, propriamente dito. (TEIXEIRA, 1935, p.220).

Teixeira relata que no plano de unificação dos quadros do magistério, a situação dos mestres e contramestres era algo que merecia atenção especial, segundo ele, havia a ausência de um sistema que assentasse o seu progresso e também falta de estímulo para o aperfeiçoamento. Além da situação dos mestres e contramestres, Teixeira aponta outro problema, que seria a divisão entre dos professores do ensino técnico e os mestres, cada um agindo em direção distinta, sem entendimento e compreensão recíproca. Teixeira reitera a necessidade de elevar a categoria do mestre de ofício à categoria de docente, para Teixeira, o papel do mestre e contramestre, que está com os alunos nas oficinas das escolas secundários técnicas, deve ser equivalente ao papel do educador de classe, ou seja, do professor em geral, assegurado ao mestre e contramestre o mesmo sistema de estímulo, de prêmios e de deveres.

> (...) a unificação dos quadros do ensino secundário representou uma das medidas de maior alcance quanto à reorganização da antiga escola profissional na instituição de educação secundária flexível e variada que o Distrito Federal está criando para a juventude (TEIXEIRA, 1935, p.223).

Com empecilhos materiais e de legislação federal, Teixeira relata que no Brasil, as escolas de educação secundária, foram lançadas com objetivos e interesses voltados ao

adolescente, oferecendo cursos de extensão e aperfeiçoamento, no turno da noite, indicando vitalidade e força. Para Teixeira, “a escola secundária técnica é uma verdadeira escola nova secundária, em íntima e essencial conexão com a escola elementar e os seus largos e humanos objetivos educacionais” (TEIXEIRA, 1935, p.224). Segundo Teixeira, o professorado do Distrito Federal, graças a algumas medidas adotadas pela administração, operou uma “regeneração do ensino secundário”, que oferece ao país uma “escola moderna e eficiente”, que forma “verdadeiros cidadãos de uma democracia do trabalho” (TEIXEIRA, 1935, p.224).

A proposta de escolas técnicas secundárias comportava currículos flexíveis, diversidade curricular, facilidade de transferência e “regime de promoção pouco rígido”. Cada escola poderia ter um “secundário geral”, um “secundário industrial”, um “secundário artístico e musical” e outros que viessem a ser criados. Já os cursos estavam organizados em dois ciclos sendo o primeiro, de dois anos, comum a todos os cursos e o segundo, três anos específico a cada curso. Mas, mesmo na parte específica de cada curso eram obrigatórias: português, francês, inglês, geografia e história, ciências, desenho, modelagem, música, educação física e matemática.

3.2.5 Sobre o financiamento da escola pública

No tocante ao financiamento da educação pública, Teixeira herdou da democracia liberal apropriada nos EUA, a dosagem entre intervenção do Estado e participação civil. No tocante ao Estado, Teixeira insistia na fixação de referências orçamentárias mínimas e permanentes e integração de novos recursos. Teixeira faz referências aos valores de 10 a 20 por cento das receitas da União e dos Estados e Municípios, fixados na Constituição para o custeio da educação pública. Entretanto, salienta que, especificamente no Distrito Federal, não houve ampliação de recursos para novas obras da educação pública, além de não existir um recurso destinado à sua manutenção.

Sobre a participação das famílias na vida escolar, Teixeira é enfático:

> Nenhum sistema escolar se pode organizar se o povo não tiver visão social suficientemente larga e ampla, para perceber que a escola é, por excelência, o instrumento da conquista e defesa de seus direitos essenciais. Só pela escola se pode fazer uma democracia (TEIXEIRA, 1935, p.229).

Teixeira atribui à escola um ambiente seguro e confiável. Ele se refere à escola como um espaço de “conforto”, “direção”, “estudo”, “sociabilidade”, “preparo para a vida” (TEIXEIRA, 1935, p.229), Segundo Teixeira, a perspectiva democrática consiste em “proporcionar a todos os homens que nascem no solo livre do Brasil iguais oportunidades de triunfo e êxito na vida” (TEIXEIRA, 1935, p.229). Segundo ele, a aristocracia baseada na desigualdade de oportunidades, construía uma armadura social sob um regime de privilégios de família e de casta, que ao longo do tempo vem se destruindo. Teixeira chama a atenção para a importância da escola pública nesse fato: a escola pública, “é o instrumento específico da ideia democrática” (TEIXEIRA, 1935, p. 229). Teixeira usa um termo intrigante “insinceridade democrática” e o aponta como um erro que necessita ser reparado.

Sobre escola e democracia ele é enfático:

> No dia em que aceitamos a ideia de democracia e de república, faltamos, com efeito, a mais elementar sinceridade intelectual (...) acreditamos, porém, que democracia se fazia por decretos e leis. E arrastamos, por mais de 40 anos, uma grande ideia por todas as humilhações de uma mistificação inominável. Temos que retornar ao princípio para corrigir o erro do princípio. Só existirá uma democracia no Brasil, no dia em que se montar no país a máquina que prepara para as democracias. Essa máquina é a da escola pública (grifos nossos) (TEIXEIRA, 1935, p.230).

É relevante salientar que, quando Teixeira fala da criação da “máquina que prepara para as democracias” e a denomina de “escola pública”, ele não se refere às escolas públicas existentes, que ele mesmo caracteriza como “sem prédios, sem asseio, sem higiene e sem mestres devidamente preparados, sem eficiente e sem resultados” (TEIXEIRA, 1935, p.230). Teixeira se refere a uma escola pública diferente e usa um termo um tanto curioso: “menina dos olhos dos verdadeiros olhos de todas as democracias” (TEIXEIRA, 1935, p.230) e ainda adjetiva as escolas públicas dos sonhos como “rica, eficiente, destinada a preparar o brasileiro para vencer e servir com eficiência dentro do país” (TEIXEIRA, 1935, p.230).

Para Teixeira, a implantação da máquina da democracia exigia “mudar a orientação a respeito dos orçamentos de ensino”. Para ele, era necessário que o poder público demonstre o “(...) primado do serviço educacional sobre qualquer outro serviço e organizar, definitivamente, as bases para a manutenção” (TEIXEIRA, 1935, p.231).

Teixeira salienta que a escola, antes “prática e econômica”, hoje se encontra “alfabetizante e cívica”, “com objetivo consciente de preparar para ganhar a vida” (TEIXEIRA, 1935, p.233). Teixeira utiliza caracterizações importantes para descrever a escola pública:

> A escola, de início aparelho aristocrático para aperfeiçoar e ilustrar os que tinham dinheiro e tempo para freqüentá-la, passou a ser aparelho de nivelamento político e econômico, destinado a preparar homens para produzirem automaticamente; e agora visa ambiciosamente, torna-se o aparelho de equalização das oportunidades econômicas e sociais de cada indivíduo (...) a escola não está a serviço de nenhuma classe (...), mas a serviço do indivíduo, procurando, graças ao processo de educação, habilitá-lo a participar da vida na medida e proporção dos seus valores intrínsecos (TEIXEIRA, 1935, p.233).

Teixeira salienta nas últimas páginas deste tópico o que seria o papel da escola numa sociedade orientada para a integração democrática:

> (...) para muitos a escola é, apenas, o instrumento de iniciação alfabética (...) para outros, a escola é o instrumento de preparar homens para as ocupações industriais, (...) para poucos, ainda, dos que dirigem a sociedade, mas <u>para todos que sofrem de limitações sociais e econômicas, a escola deve ser o instrumento de formação econômica e social do homem, para a livre expansão de valores individuais</u> (grifos nossos) (TEIXEIRA, 1935, p.234).

Sobre esse papel social da escola, Teixeira salienta a disputa entre, de um lado, a Escola Nova e, de outro lado, a escola tradicional. De um lado há um grande problema social e político, que abrange o progresso dos métodos de ensino e nos traz conceitos intrigantes com relação à democracia e com relação ao individualismo:

> (...) a crise moderna de democracia não é uma crise de excesso de democracia, mas, de falta de democracia, a crise de individualismo não é uma crise de excesso de individualismo, mas, de falta de individualismo. (TEIXEIRA, 1935, p.234).

Para Teixeira, era preciso obter das exigências e intimações do presente referências para a preparação e prevenção consciente do amanhã: a escola é o grande instrumento para correção dos males, é o instrumento para atingir uma sociedade justa e equilibrada. Para Teixeira, os recursos destinados à escola, não são suficientemente adequados, porque a escola é vista como "instrumento de ilustração" ou como "instrumento de formação de elites" quando verdadeiramente deveria ser vista como "instrumento de distribuição justa e equitativa dos homens" (TEIXEIRA, 1935, p.235).

3.2.6 Sobre estrutura física e aparelhamento das escolas

Além das questões relativas à docência, à organização dos sistemas escolares e ao ensino, Teixeira tinha preocupação especial com os prédios escolares e com o aparelhamento das unidades escolares.

Teixeira critica o fato de nunca ter havido no Distrito Federal, uma política diretora e planos uniformes para os prédios escolares, o resultado dessa ausência é o seu progresso desigual fragmentário e anárquico. O ideal, segundo Teixeira, é que o plano de distribuição e o plano do edifício, tenham eficiência com menos gasto. A questão posta por Teixeira é que no Rio de Janeiro, os prédios municipais eram alugados e não eram adequados às instalações de escolas, tendo em vista que a maioria era de antigas residências particulares.

Teixeira considerava que na sociedade urbana, industrial e de massas, na sociedade republicana e democrática, a escola, essa agência especial, tinha que ter legitimidade e visibilidade e isso passava pelo padrão arquitetônico dos prédios: era preciso parecer escola.

A questão, segundo Teixeira, é que a partir do século XIX, com a civilização industrial, a realidade diferente, fez emergir o problema de "educar para todos os indivíduos e para a participação em uma civilização altamente intelectual e técnica". (TEIXEIRA, 1935, p.238). Para Teixeira, essa nova realidade trouxe a necessidade de um sistema de ensino organizado e planejado, de "educação em massa" e de "distribuição racional da população pelas ocupações" (TEIXEIRA, 1935, p.238). Para suprir as necessidades, é necessário o plano de edificações escolares.

Com relação à estrutura física e às condições dos prédios, Teixeira relata que sob sua gestão no Distrito Federal, foi feito um levantamento em relação à metragem, iluminação, isolamento, aeração e outras particularidades. Além da questão física da construção dos prédios, Teixeira também chama a atenção para a precariedade dos equipamentos e instalações de bibliotecas, auditórios, administração, asseio e outros serviços.

Teixeira elenca duas medidas que foram tomadas na resolução deste problema: um plano geral das edificações escolares e a execução de um programa anual de construções, a ser mantido durante dez anos. Ele explica que, na primeira medida, eram identificadas as áreas onde poderiam subordinar a localização das escolas, de acordo com a facilidade do transporte. Em sequência e prosseguimento à segunda medida, Teixeira relata que o plano de construções, foi dividido em dois períodos, o primeiro até 1838, que atenderá a população escolar atual e o segundo em 1942, onde deverá ser continuado o programa de construções. Teixeira reitera que

houve a construção do parque escolar do Distrito Federal, no primeiro período e no segundo período a expansão e "escolas nucleares e parque escolares, sendo a criança obrigada a freqüentar regularmente as duas instalações" (TEIXEIRA, 1935, p.243).

Teixeira apresenta como funcionará a escola em relação ao turno e ao ensino ofertado:

> O sistema escolar funcionará em dois turnos, para cada criança. (...) Daqui por diante será diferente: no primeiro turno a criança receberá, em prédio adequado e econômico, o ensino propriamente dito; no seguindo receberá, em um parque-escola aparelhado e desenvolvido, a sua educação propriamente social, a educação física, a educação musical, a educação sanitária, a assistência alimentar e o uso em bibliotecas infantis e juvenis (TEIXEIRA, 1935, p.244).

Teixeira apresenta neste tópico, a estrutura física da construção das novas escolas e realiza uma descrição detalhada, das salas e das funções de cada uma delas, é possível visualizar na mente, efetuando a leitura da descrição de Teixeira, como seriam essas escolas. Alguns critérios importantes são citados por Teixeira, como condições na construção dessas escolas, a metragem do terreno, a base de economia a qual a escola será construída, possuindo só o necessário para o desenvolvimento dos alunos, o tipo de instrução que a escola oferece e a estratégia de localização para garantir o acesso a toda a população e condições adequadas de instalação. Realizando a leitura deste tópico, fica visível que Teixeira era um idealizador responsável, que ponderava as condições e os recursos, ele não sonhava utopicamente, havia uma responsabilidade social e cidadã em suas ideologias. Teixeira faz uma descrição milimétrica do número de salas comuns, de oficinas, auditórios, bibliotecas, salas de músicas, jogos, recreação, salas de ciências com viveiro, ciências sociais, salas para leitura, literatura, desenho, artes industriais e ginásio.

Os prédios em construção obedecem a cinco tipos principais, sendo denominados neste tópico por Teixeira como: o primeiro chamado mínimo, que compreende duas salas de aula e uma sala de oficinas e se destina aos centros de população escolar altamente reduzida; o segundo chamado nuclear, que compreende doze salas comuns de classe e corresponde à escola assim chamada escola classe, que se deve completar com o parque escolar; o terceiro dispõe de doze salas comuns de classe e quatro salas especiais para auditório, música, recreação, jogos, ciências e ciências sociais; o quarto se desdobra em seis salas especiais e é construído para atender à organização escolar *Platoon* com o mínimo de facilidades para o programa respectivo; o quinto tipo é um prédio com todas as instalações para o funcionamento regular e perfeitamente adequado do sistema *Platoon*, possui doze salas especiais, distribuídas em pares

para cada especialidade, amplo ginásio,e todas as demais dependências para uma escola de grandes proporções.

O fato é que com as construções de novos prédios e novos modelos escolares, houve um crescimento considerável no número de escolas e número de atendimento aos alunos em pouco período de tempo:

> No período de 1934-1935 foram construídos, em condições de material e de projeto, tão modernos e econômicos quanto possível, 25 prédios escolares. (...) em 1932, havia no sistema escolar do Distrito Federal apenas 250 salas de aula em condições a serem conservadas, e que os novos prédios elevaram esse número a 561, isto é, mais de 125% de aumento (TEIXEIRA, 1935, p.246).

Teixeira finaliza de forma filosófica e pondera sobre a estrutura física das escolas, ele cita e comenta a fala de um escritor francês:

> Um escritor francês dizia-nos, outro dia, em uma conferência, que o homem do povo desejava que as idéias tivessem pés e asas, pés para se apoiarem no imediato cotidiano da vida e asas que lhes permitissem acalentar os grandes sentimentos e aspirações que seus corações singelos obrigam, a despeito dos desmentidos violentos do momento. A comparação se aplica ao caso dos prédios escolares. Não desejamos palácios luxuosos, mas construções econômicas e nítidas que apóiem, com uma simples e forte base física, a obra educacional entrevista pelos que alimentam os ideais de uma reconstrução da própria vida pela escola (TEIXEIRA, 1935, p.248).

Teixeira critica a ideia de que se educa em qualquer lugar, de qualquer forma e denomina essa ideia como “sobrevivências inevitáveis da mentalidade de paternalismo, filantropia e proteção aos pobres” (TEIXEIRA, 1935, p.247).

4 ARTIGOS, ENTREVISTAS, TEXTOS PARA PALESTRAS, CARTAS E OUTROS TEXTOS ESCRITOS POR ANÍSIO TEIXEIRA NO PERÍODO DE 1929 A 1951

Preâmbulo

Este capítulo contém a apresentação e análise de escritos avulsos de Anísio Teixeira do período de 1929 a 1951. Entre os escritos estão um texto para palestra realizada na Bahia em 1931 sobre Escola Nova. Trata-se da defesa da Escola Nova e de suas relações com a ciência, o progresso, a sociedade industrial e a democracia. Outros textos são duas entrevistas, sendo uma em forma de artigo jornalístico, que Anísio Teixeira concedeu a jornais do Distrito Federal, à época o Rio de Janeiro. Nessas entrevistas, Teixeira responde a perguntas oriundas de agências e agentes conservadores e adversários da república, da democracia e da escola nova. Nelas também é relevante a defesa que Teixeira faz da laicidade da educação e das reformas em curso. Em uma entrevista, em forma de artigo, Teixeira manifesta sua decepção com o modo como a constituinte de 1934 tratou a educação. A principal crítica é a ausência de avanços na constituição de um sistema nacional de educação. Nesse conjunto de escritos estão também algumas cartas de Teixeira. Uma delas é a carta de demissão da Secretaria de Educação do Distrito Federal, endereçada ao então prefeito Pedro Ernesto. A carta é importante para o entendimento dos conflitos e disputas da época, bem como dos motivos da demissão. O último texto focaliza uma fonte secundária, um artigo no qual Warde (2003) analisa as cartas trocadas entre Lourenço Filho e Anísio Teixeira nos três primeiros meses do ano de 1935. Na ocasião Lourenço Filho estava nos EUA em viagem pedagógica, acompanhado de Delgado Filho e Carneiro Leão.

4.1 A palestra sobre escola nova em 1931

O Texto “Por que a Escola Nova?”, escrito por Anísio Teixeira, foi publicado no Boletim n. 01 da Associação Bahiana (sic) de Educação em Salvador, no ano de 1930, p.1-30. O Texto foi dividido em onze tópicos com os seguintes títulos: “motivos sociais da renovação escolar – natureza da civilização moderna”; “tendências da civilização do nosso tempo”; “a escola e a sociedade”; “a escola tradicional e seus pressupostos”; “a indispensável renovação escolar”; “motivos pedagógicos da renovação escolar – a nova concepção de aprendizagem”; “as leis de aprendizagem”; “a escola nova”; “a escola de vida e de experiência”; “alunos ativos”;

e “os mestres da nova escola”. Trata-se de um texto típico de intervenção e que, certamente, foi elaborado como roteiro para palestras, voltadas para os profissionais que atuavam na educação no estado da Bahia. Em 1931, fazia dois anos que Teixeira havia regressado de sua segunda estadia nos EUA, após cursar mestrado na Universidade da Colúmbia. A rigor, é o primeiro texto que Teixeira publica no Brasil após seu contato com os escolanovistas anglo-americanos. Além de ser um texto de intervenção, este é também um texto no qual Anísio Teixeira faz circular no Brasil, as ideias que ele apropriara nos EUA como resultado da convivência com John Dewey. Trata-se de um texto em defesa da renovação escolar, que circulou um ano antes do lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932.

Teixeira, primeiramente, de forma provocativa, questiona o leitor sobre os hábitos de vida: vivemos hoje como viviam os nossos antepassados? Obviamente a resposta é negativa. Como ilustração, Teixeira cita a construção de uma miniatura da cidade de São Paulo de 1840 e descreve algumas características físicas de suas casas, igrejas e conventos. Comparando a cidade de São Paulo de 1840 com a de 1930, Teixeira atribui suas mudanças ao progresso e aproveita para questionar o que representaria na imaginação popular esse “progresso”. Em sua resposta, Teixeira enfatiza: “é nele que se resume o caráter da civilização do nosso tempo”, “a transformação material do mundo” (TEIXEIRA, 1930, p.03), as mudanças ocorridas na cidade em relação às casas, ao transporte, às ruas, à diversão, à luz, à água, aos jornais e às publicações. Materialmente, Teixeira atribui esse progresso à “aplicação da ciência à civilização humana”: o progresso é filho das invenções e da máquina. Além da questão material, Teixeira salienta a mudança de mentalidade que a ciência trouxe consigo: “tudo está a mudar a se transformar”, “constrói e reconstrói seu ambiente”, “armar e desarmar de toda uma civilização” (TEIXEIRA, 1930 p.03). Teixeira se refere a uma transformação moral e social, a novos costumes, hábitos e responsabilidades. Junto desse progresso, segundo ele, surge pontos que exigem profunda redefinição no conceito da escola tradicional: “Precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os problemas”; “temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisível”. (TEIXEIRA, 1930, p.04).

No segundo tópico, “Tendências da civilização do nosso tempo”, Teixeira delineia as linhas gerais por onde a nossa evolução está se processando. Como primeira tendência, ele aponta a nova atitude espiritual do homem. Ele compara a atitude, antes permeada por “submissão, medo e desconfiança”, com a nova tendência marcada por “otimismo, segurança e coragem diante da vida”. Para Teixeira, “o método experimental reivindicou a eficácia do

pensamento humano" (TEIXEIRA, 1930, p.04). Teixeira atribui ao método científico à responsabilidade de trazer consigo o senso de segurança e de responsabilidade. Para ele, graças a esse método "podemos construir a civilização progressiva", "ganhamos o governo da natureza e dos elementos e podemos ordená-los para maior benefício do homem" (TEIXEIRA, 1930, p.05). Ele salienta que a grande diferença na mentalidade do homem, está em saber que pode mudar as coisas. Ao homem antigo, Teixeira atribui um crédito: "eles sofreram mais do que nós e por isso tudo lhes deve ser perdoado". Já ao homem da atualidade "está refazendo a vida, para a sua maior tranquilidade, seu maior bem estar, sua maior dignidade e a sua maior felicidade" (TEIXEIRA, 1930, p.05).

Como segunda tendência, Teixeira apresenta o industrialismo e o relaciona como segundo grande diretor da vida moderna, como a nova visão intelectual do homem, também filho da ciência e da sua aplicação à vida. A indústria, segundo Teixeira, favorece a exploração dos recursos materiais do planeta e articula e integra a vida inteira. Ele cita a comunicação e o transporte, que coloca "todo o mundo em comunicação material e espiritual" (TEIXEIRA, 1930, p.06).

Teixeira aborda outros efeitos que a indústria vem causando como os de retirar a família de suas antigas funções econômicas, mudar seus locais de diversão, além da superespecialização do trabalho. Para ele, com todas essas desintegrações de unidades, como o trabalho, o lar, a cidade e a própria nação, são gerados vários problemas que exigem das pessoas mais liberdade, inteligência, compreensão, para que não fiquem em uma "interdependência mecânica e degradante". Para Teixeira, todos esses desafios são "problemas para a educação responder" (TEIXEIRA, 1930, p.06).

A terceira tendência apontada por Teixeira é a tendência democrática. Para ele, democracia é esse modo de vida social em que, "cada indivíduo conta como uma pessoa". Ele relata que de todas as correntes modernas, essa é a que mais se distancia da ciência, o "respeito pelos homens ou democracia". Para Teixeira, "democracia é acima de tudo um modo de vida, uma expressão ética da vida", não há satisfação para uma vida social que "negue essencialmente a democracia" (TEIXEIRA, 1930, p.07). Ele apresenta dois deveres que se desprendem dessa tendência moderna e reflete profundamente na educação: "o homem deve ser capaz economicamente e individualmente e o homem deve se sentir responsável pelo bem social". "Personalidade e cooperação são os dois pólos dessa nova formação humana, que a democracia exige" (TEIXEIRA, 1930, p.07).

O tópico “A escola e a sociedade”, Teixeira inicia atribuindo a fase de movimento e transformação contínua do indivíduo, ao desenvolvimento da ciência e à sua aplicação na vida humana. No entanto, reitera que as mudanças não eram somente materiais, mas, também de sua visão sobre a vida. Sobre isso ele menciona que a noção atual de liberdade é “(...) essa capacidade de se orientar exclusivamente por uma autoridade interna, nenhuma autoridade exterior é hoje aceita” (TEIXEIRA, 1930, p.07). Quanto à civilização, Teixeira enfatiza: “(...) estamos a criar uma civilização, essencialmente dinâmica, onde o progresso material promete tudo vir a mudar” (TEIXEIRA, 1930, p.07). A formação estática da escola tradicional, segundo Teixeira, não pode formar esse novo homem “com hábitos de adaptabilidade e ajustamento”, a escola tradicional não conhece, “a progressão geométrica com que a vida está a mudar, desde que se abriu o ciclo das invenções”. Teixeira faz um comparativo entre indivíduo formado pela escola renovada e pela escola tradicional:

> Nós podemos perceber a nova finalidade da escola, quando refletimos que ela deve hoje preparar cada homem para ser um indivíduo que pense, se dirija, por si, em uma ordem social, intelectual e industrial eminentemente complexa e mutável. Antes a escola suplementava com algumas informações dogmáticas em educação que o lar e a comunidade ministravam ao indivíduo, em uma ordem, por assim dizer, estática das coisas. Toda educação consistia a seguir e obedecer. (TEIXEIRA, 1930, p.07).

Para Teixeira, o novo homem necessita de qualidades de liderança, de modo, a saber, guiar a própria vida com “(...) mais inteligência, mais agilidade, mais hospitalidade para o novo imprevisto” (TEIXEIRA, 1930, p.07). Para Teixeira, nada melhor do que as profundas modificações sociais, pelas quais estamos passando, para justificar a necessidade de se transformar a velha escola tradicional em uma escola de educação integral.

Na introdução do tópico “A escola tradicional e seus pressupostos”, Teixeira salienta que a escola é uma réplica da sociedade à qual ela serve. Portanto, a “sociedade velha”, a qual a “escola tradicional” servia, está desaparecendo e, em seu lugar, surgindo uma “nova ordem das coisas, pelo novo espírito de nossa civilização” (TEIXEIRA, 1930, p.08). Teixeira sintetiza os quatro pressupostos da escola tradicional:

I) Tendo por base que a educação se fazia no lar e na vida da comunidade, a escola tradicional oferecia instrumentos fundamentais da cultura: ler, escrever, contar e informações de fatos de natureza livresca.

II) Define uma ordem estática para o mundo e prepara a criança para cumprir seu papel quando adulta, que seria o mesmo de seus pais.

III) O controle das escolas e suas funções eram exercidos por seus credos religiosos e patrióticos, era a forma de manter a tranquilidade e o dogmatismo intransigente em seu ensino, as atitudes morais, sociais e religiosas.

IV) As escolas supunham que o futuro das crianças era perfeitamente conhecido, portanto, não tinham mais que ensinar certas técnicas e certos fatos e modos de proceder, para o preparo da fase adulta.

Teixeira reitera o que significava a escola tradicional: na verdade era um programa de lições que deviam ser decoradas pelo aluno e que o professor as tomava posteriormente. Ele faz uma breve descrição de como era o aprendizado do aluno e de como funcionava a escola tradicional:

> Todas as noções, mesmo pedagógicas, relativas à escola velha se prendem a esses pressupostos: Estudo – é o modo de aprender uma lição. Aprender significa aceitar e fixar na memória ou no hábito um fato ou de uma habilidade. Ensinar, simplesmente uma doutrinação daqueles fatos e conceitos. O ciclo era simples: professor prelecionava, marcava a seguir a lição e tomava-a no dia seguinte. Os livros eram feitos adrede, em lições. Os programas determinavam o período para se vencerem tais e tais lições. Exames, que verificavam se os livros ficaram aprendidos, condicionavam as promoções. O aluno bom era o mais dócil a essa disciplina, aquele que melhor se adaptava a esse processo livresco de se preparar para o futuro. (TEIXEIRA, 1930, p.08).

O tópico “A indispensável renovação escolar” é iniciado, com o relato de que a escola simplesmente suplementar e preparatória era inadequada para a situação em que já se encontrava a sociedade. Como um dos fatores, Teixeira aponta o fato da família e o lar não cumprirem seu papel de formação da criança, com eficiência e integração. Segundo ele, a educação que deveria ser dada às crianças pela família e pela comunidade, foi transferida para a escola. A escola, com responsabilidades redobradas, requer para essa reorganização, trazer a vida dentro de si: “a escola deve vir a ser um lugar aonde a criança venha viver plenamente e integralmente”, “ganhar hábitos morais e sociais”, “ter uma vida feliz e integrada” (TEIXEIRA, 1930, p.09).

Diante de um cenário em que a escola, além da responsabilidade com o aprendizado relacionado às disciplinas (matérias que compõe o componente curricular) é levada a outra formação, “preparar a criança para ser boa, serviçal, operosa, tolerante e forte”, Teixeira faz um questionamento: como atingir esse objetivo por meio de uma escola tradicional que ensina o

aluno por meio de lições? Segundo ele, "(...) só uma situação real de vida pode fazer com que a criança aprenda atitudes sociais indispensáveis à vida moderna". (TEIXEIRA, 1930, p.09).

Teixeira apresenta quais seriam as necessidades de formação para essa nova criança, de acordo com as novas responsabilidades da escola:

> (...) aparelhar a criança para ter uma atitude crítica de inteligência: para saber julgar e pesar as coisas, com hospitalidade, mas sem credulidade excessiva; para saber discernir na formidável complexidade da integração industrial moderna as tendências dominadoras, discernimento que lhe habituará a não perder a sua individualidade e ater consciência do que vai passando sobre ela pelo mundo afora: e ainda, para sentir, com lúcida objetividade, a interdependência geral do planeta e a necessidade de conciliar o nacionalismo com a concepção mais vigorosa da unidade econômica e social de todo o mundo (TEIXEIRA, 1930, p.09).

Teixeira apresenta como seria a construção do espírito democrático moderno dessa criança. Primeiro relata que, a escola deve prover a prática da democracia: "democracia para o mestre e democracia para o aluno"; oferecer ao mestre e aos alunos "direção própria e de participação nas responsabilidades de sua vida comum". (TEIXEIRA, 1930, p.10). Em segundo lugar, Teixeira salienta que a democracia é a ética social do homem moderno, que deve oferecer à criança, o sentido de independência e direção, que permita viver com os outros com a máxima tolerância, sem perder a personalidade. Tendo em vista que a escola, não oferecerá soluções prontas à nossa juventude, Teixeira salienta que é importante dar a criança, método e juízo, para que lute e solucione seus problemas, com responsabilidade social. Ele reitera que, precisamos de homens conscientes, informados e capazes de resolverem seus próprios problemas. Teixeira classifica como enormes as responsabilidades da escola:

> (...) educar em vez de instruir, formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto e desconhecido em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensinar a viver com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente, e com maior felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares (TEIXEIRA, 1930, p.10).

No intitulado "Motivos pedagógicos da renovação escolar", Teixeira traz à tona as exigências novas, que uma ordem social faz sobre a escola. Não há dúvidas, para ele: se a civilização passou por transformação material e espiritual, nada mais adequado que a escola acompanhe esse avanço. Teixeira atenta para uma visão mais aguda do ato de aprender e salienta a importância da prática para o aprendizado:

> (...) ganhar um modo de agir, aquisição de uma determinada habilidade, um ato é sempre uma reação a uma situação em que nos encontramos não se aprende por simples absorção. Uma habilidade, uma ideia, uma emoção, uma atitude, um ideal, aprendemo-lo do mesmo modo, fixando certa reação em nosso organismo a certa coisa. Não aprendi uma ideia quando sei formular, mas, quando fiz de tal modo minha, que ela passa a fazer parte do meu organismo e exigir de mim, quais automaticamente, uma reação ou série de reações especiais. Logo não se aprende aquilo que não se pratica. Aprender é um processo ativo de reagir a certas coisas, selecionar as reações apropriadas e fixá-las depois em nosso organismo. Não se aprende por simples absorção. (TEIXEIRA, 1930, P.11).

No tópico “As leis da aprendizagem”, Teixeira faz abordagens acerca das interpretações gerais do ato de aprender.

> A primeira fonte de aprendizagem está nas necessidades físicas, intelectuais ou morais do nosso organismo. (...) são dependentes do ambiente social, dos hábitos, das atitudes e das informações que tem o indivíduo que aprende. (...) o ato de aprender depende profundamente de uma situação real de experiência, onde possamos praticar tal qual na vida. (...) Para aprender uma ideia, eu posso preparar mesmo na escola tradicional um ambiente eficaz (...) e praticar com a criança até que ela aprenda (TEIXEIRA, 1930, p.12).

Teixeira complementa relatando que, para ensinar uma criança a ser boa e praticar a bondade, esta deve encontrar na escola um ambiente social favorável, que a permita viver plenamente:

> Nova tecnologia que obriga a renovar a escola em um centro onde se prepara para viver. Não aprendemos tudo o que praticamos, mas aquilo que nos dá prazer ou satisfação. Teixeira relaciona esse prazer com a intenção do indivíduo em aprender, que tirará proveito até dos erros para atingir o objetivo de aprender. (TEIXEIRA, 1930, p.11).

Outra abordagem de Teixeira sobre o aprendizado é relacionada ao propósito ou intento do aluno: “O interesse do aluno irá facilitar o aprendizado”. Outro aspecto abordado por Teixeira, dentro das leis da aprendizagem, é que nunca se aprende uma coisa só: no ato de aprender, existem outras coisas associadas ou concomitantes e que tornam o ato de aprender sumamente complexo. Teixeira afirma que, o que está associado ao aprendizado é mais importante do que o objeto de estudo principal. Ele associa o ensino da aritmética com atitudes como coragem e auto-estima e questiona, se a escola tradicional nunca percebeu a possibilidade de ensinar outras coisas, a partir do ensino tradicional das matérias. Teixeira reitera que o ensino na escola tradicional, definitivamente, estava inadequado e não servia para a concepção moderna de aprendizagem.

Teixeira inicia o tópico “A escola nova” com um questionamento: de que escolas precisamos nós? Ele cita conceitos de Kilpatrick e apresenta três sucintas sugestões para a renovação da escola:

> 1) Uma escola de vida e de experiência para que sejam possíveis as verdadeiras condições de aprender;
>
> 2) Uma escola onde os alunos são ativos, onde projetos formem a unidade típica do processo de aprendizagem. Só uma atividade querida e projetada pelos alunos pode fazer da vida escolar uma vida que eles sintam que vale a pena viver;
>
> 3) Uma escola onde os professores simpatizem com as crianças sabendo que só através da atividade progressiva dos alunos podem eles se educar, isto é, crescer, e que saibam ainda que crescer, é ganhar cada vez melhores e mais adequados meios de realizar a própria personalidade dentro do meio social onde o aluno vive. (TEIXEIRA, 1930, p.13).

Teixeira define a Escola Nova como o inverso da escola tradicional. Na escola nova, “a matéria é a própria vida, distribuída por centros de interesse ou projetos” e não por lições a serem decoradas. “O estudo é o esforço para resolver um problema ou executar um projeto” e não uma imposição do professor permeada de medo do aluno: “ensinar é guiar o aluno na sua atividade e dar-lhe os recursos que a experiência humana já obteve para lhe facilitar e economizar esforços” e não atitudes autoritárias sem a preocupação com o desenvolvimento da criança. (TEIXEIRA, 1930, p.13). Teixeira encerra relatando que já foram apresentados os motivos sociais e pedagógicos da renovação escolar, que será comentado a seguir as bases da escola nova, traçadas por Kilpatrick.

Baseado nos conceitos de Kilpatrick, no tópico “Escola de vida e de experiência”, Teixeira se apropria da frase de John Dewey e inicia: “(...) o fenômeno educativo é a reconstrução da experiência à luz das experiências passadas, para melhor e mais controle da situação” (DEWEY, apud TEIXEIRA 1930, p. 13). Diante dessa concepção, Teixeira enfatiza que o processo educativo se dá por uma “situação real da vida”, que “produz suas próprias consequências”. A grande questão é como utilizar de situações da vida, para ensinar as matérias da escola.

Teixeira apresenta logo um exemplo:

> Imaginemos que algumas crianças desejam fazer uma represa. Está ali uma atividade que é deles e que representa uma situação real da vida, porque eles, várias vezes, foram até esse pequeno rio e sempre cogitaram de ter ali um reservatório de água maior para que pudessem tomar banho, suponhamos. (...) os meninos vão buscar livros, examinam, averiguam, aprendem. Ali está como uma experiência já ganha da raça entra na atividade escolar. (TEIXEIRA, 1930, p.14).

Teixeira relata no tópico “alunos ativos”, que uma escola de experiência e de vida, espera por resultado que seus alunos sejam ativos: “uma escola nova de atividade e de trabalho”. Ele salienta a importância de alunos ativos escolherem suas atividades e, neste caso, a escola visa despertar o interesse do aluno, levando em conta que só se aprende aquilo que se entende o sentido. Teixeira utiliza do conceito de Claparéde, para ilustrar a questão do despertar da vontade do aluno em aprender: “É indispensável que as crianças não fazem tudo que querem, queiram tudo o que fazem” (CLAPARÉDE, apud TEIXEIRA, 1930, p.15).

Teixeira utiliza dos conceitos de Kilpatrick para relacionar o aprendizado dos alunos, ao sucesso no alcance de seus objetivos:

> Podemos resumir, com Kilpatrick: “tanto que um ativo interesse guie os alunos a se empenharem em empreendimentos adequados – nem muito difíceis nem muito fáceis – melhor probabilidade de sucesso haverá, com todos os bons efeitos que o sucesso traz; melhores serão as condições de aprendizagem total; e melhor será a organização escolar resultante” (KILPATRICK, apud TEIXEIRA, 1930, p.15).

Teixeira finaliza e salienta o quanto é importante a participação dos indivíduos nas atividades coletivas, criando condições de responsabilidade e prazer, que, segundo ele, “são indispensáveis para o crescimento educativo dos alunos e para a sua preparação para a participação na sociedade adulta” (TEIXEIRA, 1930, p.15).

Na introdução de “os mestres da nova escola”, Teixeira destaca que a escola sempre sofreu de aristocracia: dos mestres em relação aos administradores e das crianças em relação aos mestres. Na visão de Teixeira, a proposta da escola nova, é que os mestres e os alunos tenham independência: “mestres e alunos trabalharão em liberdade e a luz do que o filósofo e cientistas esclarecem sobre a profissão dos primeiros e o labor dos últimos” (TEIXEIRA, 1930, p.15). Teixeira defende uma relação de confiança mútua entre mestres e alunos, que o mestre “perca a ideia de soberania sobre o pensamento do seu discípulo” e “dê-lhe a oportunidade para pensar e julgar por si” (TEIXEIRA, 1930, p.15).

Quanto aos termos autonomia e anarquia, Teixeira salienta que é comum uma confusão entre o conceito deles, tendo em vista que a “(...) passamos por uma civilização baseada em uma autoridade externa”. A grande diferença, na Escola Nova, é que a civilização será “baseada na autoridade interna de cada um de nós” (TEIXEIRA, 1930, p.30). Nessa nova civilização, o que se deseja é uma “vida melhor e mais ampla”, conquistando “liberdade e felicidade” (TEIXEIRA, 1930, p. 15).

4.2 Entrevista ao jornal *A Nação*, do Distrito Federal

Em 1933, Anísio Teixeira estava a dois anos no comando da Educação no Distrito Federal e no ano anterior, em 1932, tinha vindo a público o Manifesto dos Pioneiros pela Escola Nova, do qual ele era signatário. No comando do Ministério da Educação e Saúde Pública do governo Vargas, Francisco Campos seria sucedido por Gustavo Capanema. Se a década de 1920 foi de experimentações nas unidades da federação, nos anos 1930, a escola pública e a educação profissional, entram na pauta federal e as reformas promulgadas no início da década de 1940 são pensadas, ainda que com lentidão. No ano de 1934, Gustavo Capanema criou uma comissão, cuja tarefa seria de reestruturar a educação profissional no país. Essa comissão, da qual participaram empresários da indústria e representantes dos ministérios do Trabalho e da Educação, atuou até início de 1942, quando Vargas criou o SENAI e as escolas técnicas federais. Era tempo de "Estado Novo" e os industrialistas ganhavam espaço no governo, forçando o retraimento do coronelismo e do agrarianismo latifundiário. Daí em diante, o Brasil intensificaria o ciclo de industrialização e de crescimento dos centros urbanos. Era tempo de disputas no território da educação pública e estava em questão a instituição de um sistema nacional de educação.

É nessa condição que, Anísio Teixeira, concede uma entrevista ao jornal *A Nação,* de linha conservadora herdada de sua fundação no período imperial sob incentivo do Visconde do Rio Branco. O conservadorismo do Jornal e o seu vínculo com o catolicismo aparecem estampados em diversas das perguntas feitas à Teixeira. Logo na primeira pergunta, *A Nação* conduz para a filosofia da educação e sua relação com uma filosofia de vida. Nas décadas iniciais do século XX havia no Brasil, em certas instituições e posturas intelectuais, um saudosismo monarquista e uma rejeição à república, à época muito identificada com os EUA. Exemplar dessa atitude é Eduardo Prado (2005), que escreveu em 1893 "A ilusão americana" onde defende a monarquia e critica a chegada da cultura republicana no Brasil.

No preâmbulo da entrevista, o jornal *A Nação,* faz a apresentação de Teixeira: ressalta o mestrado em Filosofia de Educação em Columbia e a condição de "discípulo" e tradutor de uma das obras de John Dewey. O jornal menciona os cargos já ocupados por Teixeira na educação pública: na Bahia, no Ministério da Educação e no Distrito Federal. É interessante como o jornal traz à tona a experiência de Teixeira, nas três esferas de ensino: municipal, estadual e federal. Em 1933, Anísio Teixeira tinha 33 anos de idade e era, portanto, ainda jovem.

Significativo é que o jornal destaca a experiência de Teixeira e não a sua juventude. Outro aspecto relevante é que Anísio Teixeira, não atuava no governo federal, mas as perguntas feitas a ele são sobre a educação nacional. *A Nação* via no precoce intelectual da educação, um porta voz das questões nacionais, isso dá uma medida da importância da gestão e das reformas que Anísio Teixeira fazia no Distrito Federal e da visibilidade que isso representava para o país.

A despeito de tudo isso, o jornal é ambíguo ao relativizar as respostas de Teixeira à entrevista:

> As suas opiniões representam (...) não apenas pontos de vista pessoais, mas o programa de uma das alas beligerantes da nossa pedagogia, neste momento oficializada pela presença de um dos proponentes à frente da Diretoria de Instrução Municipal da capital da República. (grifos nossos) (TEIXEIRA, 2007, p. 244)

As expressões grifadas demonstram o tradicional jornal *A Nação*, colocando Teixeira como um beligerante e como parte de uma ala, cujas posições estavam sendo oficializadas pela república. Significativa também é a ênfase que o jornal proporciona no vínculo de Teixeira com os EUA. *A Nação* tinha inspiração Europeia, heranças monarquistas e relações com o catolicismo. Tanto na visão do jornal, quanto no contexto político, na época não era um ato positivo, vincular algo ou alguém aos anglo-americanos. Teixeira também era católico, tinha formação jesuíta e era filho de coronel latifundiário e nada disso é revelado pelo jornal. Isso significa que os conservadores não tinham Anísio Teixeira como aliado. Os católicos e a Igreja Católica, com seus padres e bispos, eram protagonistas nas disputas educacionais da época e os EUA tinham identificação com o protestantismo.

Em 1934 Teixeira já não expressava mais qualquer identificação com o catolicismo e com a monarquia suas premissas aristocráticas. Interessante mencionar isso, porque tanto o catolicismo, quanto um saudosismo monárquico e até mesmo a recusa à escola única estiveram presentes no ideário de Teixeira, expresso em seu primeiro texto educacional de 1924 e no diário e relatório da viagem à Europa em 1925. Entre esse período inicial 1924 e final 1934, além da experiência na gestão da educação baiana, do Distrito Federal e do movimento escolanovista, a formação de Anísio Teixeira havia sido marcada por duas temporadas nos EUA e pelo mestrado na Colúmbia, com John Dewey.

A entrevista começa pela filosofia e Teixeira volta a destacar algumas “ideias-força” que ele se apropriou nos EUA, nos anos 1927 a 1929 e que as fez repercutir em diferentes

escritos desde sua volta. A primeira pergunta do jornal *A Nação*, conduzia Teixeira a uma identificação com a modernidade, representada pelos EUA e ele não se esquiva. A segunda pergunta leva Teixeira a mencionar a eventual difusão dessa filosofia de vida no Brasil e até mesmo a sua oficialização. Em parte, na resposta, Teixeira se esquiva e em parte ele é provocativo. A esquiva aparece na relação que ele faz com o Ocidente e não com os EUA: o mundo ocidental está em transformação sob o patrocínio da ciência e da democracia. A provocação está na afirmação de que, sob a democracia e a ciência, a mudança será permanente. Uma das questões da época, já era a da laicidade da educação. À época estava em pauta a constituição de um sistema nacional de ensino, o que dependia de legislação federal. A pergunta revela o interesse do jornal *A Nação*: "Deve o Estado impor uma filosofia educacional que seja modelada em sua filosofia política?" A última pergunta é mais reveladora ainda: "Pode o Estado permitir o ensino religioso nas escolas públicas?". (TEIXEIRA, 2007, p. 248)

A democracia como tendência ou como traço distintivo da era moderna, já havia sido identificado por Tocqueville (2005), 100 anos antes, o cientificismo já era enfatizado pelo positivismo no século XIX. Curioso é que Teixeira não cita nem Tocqueville e nem Comte ou Durkheim. É que foi nos EUA e não na Europa que Teixeira descobriu a democracia liberal, o experimentalismo do pragmatismo e o industrialismo proveniente da ciência: a era das máquinas.

O interessante, na entrevista, é o modo como Teixeira articula democracia, ciência e educação, em seus planos para a educação nacional. Anísio Teixeira, aos 33 anos, ainda que atuante no Distrito Federal tinha uma perspectiva nacional da educação. A relação entre educação e democracia, para Teixeira, é uma relação biunívoca e vital. A grande tarefa da educação brasileira era realização integral daquele ideal democrático: "(...) dar a cada indivíduo um lugar na sociedade, correspondente ao de suas capacidades naturais, sem qualquer restrição de ordem social, econômica ou de nascimento." (Grifos nossos). (TEIXEIRA, 2007, p. 245). Para isso, salienta Teixeira, era necessária a

> (...) organização de um sistema de educação livre, gratuito, que permita a qualquer indivíduo percorrê-lo do jardim de infância à universidade, só com a limitação de sua capacidade inata, e que dê a todos os indivíduos indispensável formação econômica e social que nos habilite a cooperar e a participar na civilização do País. (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

As expressões utilizadas por Teixeira (grifadas), ao contrário de designarem uma identificação com a justiça aristotélica contida em "A Política" (Aristóteles, 1991), revelam uma pedagogia centrada no indivíduo e em suas singularidades. Por outro lado, a ênfase no "ensino livre" é uma crítica à proteção estatal, às escolas da igreja e uma defesa da laicidade da educação pública. Teixeira é meritocrático, num contexto em que a meritocracia tinha como alvo a crítica À aristocracia e sua expressão na dualidade escolar. A meta do sistema escolar livre e gratuito era "(...) dar a cada indivíduo o lugar na sociedade a que o destinem os seus méritos e sua capacidade." (TEIXEIRA, 2007, p. 245)

4.3 Entrevista a *O Jornal*: críticas à constituição de 1934

O segundo anexo ao livro "Educação para a Democracia (...)" consta de uma entrevista que Anísio Teixeira concedeu a *O Jornal*, em 1934. Apesar de o documento estar catalogado como entrevista, foi publicado em forma de artigo jornalístico, em pouco mais de quatro páginas, escrito pelo próprio Anísio Teixeira.

O texto é uma crítica ao capítulo da educação na constituição federal, de 1934, e a crítica é em relação aos avanços esperados e não realizados, ao foco nos "problemas imediatos e locais" e nas definições precárias e até mesmo nas contradições presentes no capítulo da educação. No contexto do Estado Novo e do escolanovismo, os progressistas esperavam por avanços na formação de um sistema nacional de educação, que superasse a "duplicidade de governos" e subsistemas estanques, segregados e "sem nenhuma articulação". (TEIXEIRA, 2007, p.260).

No tocante às referências à Europa, Teixeira critica a imitação Europeia, ainda presente na precária e dual organização da educacional brasileira. Não havia articulação e nem continuidade voltadas para "(...) o progresso e a eficácia dos esforços acumulados pelos alunos" (TEIXEIRA, 2007, p. 252). Tudo isso dificultava organização de um sistema nacional de educação. "A organização era dual. Copiada, aliás, e mal, do figurino francês". (TEIXEIRA, 2007, p. 252). A crítica, vale ressaltar, não era ao sentido francês de um sistema público e gratuito de educação. No Brasil da época, "(...) nem a cultura popular se fazia prática, utilitária e complexa, nem a cultura da elite se fez desinteressada, severa e longa (...)" (TEIXEIRA, 2007, p. 252). Teixeira critica duplamente, a desorganização educacional do Brasil: a falta de

autonomia, expressa nas atitudes de copiar e de fazê-lo mal feito, ou seja, de fazê-lo abandonando o sentido fundamental do modelo copiado. Por outro lado, ao mencionar a importância da organização do sistema nacional de educação, particularmente de suas vantagens e virtudes, Teixeira utiliza palavras típicas do pragmatismo anglo-americano: progresso e eficácia.

Todavia, algo expressivo nesse artigo jornalístico é a crítica ao sistema dual. Dez anos antes, na inexperiência educacional de seus 24 anos de idade e em seu primeiro texto sobre educação, Anísio Teixeira criticou a ideia de escola única defendida pelo progressista Carneiro Leão. Em 1934, Teixeira faz o inverso e defende a organização de um sistema nacional de educação; um sistema contínuo e articulado, público e gratuito, um sistema popular de educação, compatível com as forças da modernidade: a ciência, a indústria e a democracia.

A articulação entre educação e democracia, essa premissa que Teixeira compreendeu e se apropriou em sua experiência teórica e empírica nos EUA, é também presente nesse texto jornalístico de 1934. Nele Teixeira faz defesa de um sistema nacional de educação, que não segregasse “formação da cultura popular” e “formação da elite nacional”, um sistema popular de educação.

Também é significativo no texto, o modo como Teixeira se revela um intelectual orgânico da educação brasileira. Além de ocupar o cargo de comando da educação no Distrito Federal, Anísio Teixeira expressava também ideias oriundas dos congressos da Associação Brasileira de Educação, da qual ele foi presidente. Ou seja, Teixeira estava tornando pública suas ideias como intelectual, articulador e gestor.

4.4 As cartas

Para exame das Cartas que Teixeira escreveu e recebeu, foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual Anísio Teixeira. Nessa fonte foram identificadas sete cartas: carta de Monteiro Lobato à Anísio Teixeira escrita em 12 de Abril de 1930; carta de Pedro Ernesto Batista a Anísio Teixeira escrita em 02 de dezembro de 1935; carta resposta que Anísio Teixeira enviou a Pedro Ernesto Batista em dezembro de 1935; cartas de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato, escritas em 1936 e em 1946 e sobre temas diversos. Há também cartas entre Anísio

Teixeira e Lourenço Filho, trocadas em boa parte, quando Lourenço Filho estava nos EUA em viagens pedagógicas. Em função do conteúdo, são descritas aqui a carta de demissão encaminhada ao prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista e as cartas entre Teixeira e seu amigo Lourenço Filho.

4.4.1 A carta de demissão da Secretaria de Educação do Distrito Federal

A carta é relevante porque expressa os conflitos políticos e as disputas educacionais da época, assim como, as concepções políticas e educacionais de Anísio Teixeira. A carta analisada foi escrita no Rio de Janeiro em dezembro de 1935 e está localizada no Centro de Processamento e Documentação (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas *(*FGV), no Arquivo Anísio Teixeira.[9]

Em 1935, após quatro anos à frente da educação pública no Distrito Federal, Anísio Teixeira formalizou junto ao prefeito Pedro Ernesto o seu pedido de demissão. Nos termos da narrativa, a carta foi entregue um dia após conversa pessoal entre o prefeito e Anísio Teixeira.

A demissão ocorreu um ano após as frustrações de Teixeira com o tratamento constitucional de 1934, dado à educação. Teixeira fez enfáticas críticas ao retardamento da organização de um sistema nacional de educação, à permanência anacrônica de um modelo dual e mal copiado da França e à falta de oportunidades para continuidade dos estudos pelos populares. Ademais, os anos 1930 foram intensos, tensos e repletos de disputas diversas, inclusive na educação. De modo particular, o ano da demissão de Teixeira era 1935, foi o ano da assim chamada "intentona comunista" no Brasil. Em 1932, foram os constitucionalistas e em 1935, foram os liderados por Luiz Carlos Prestes, que insurgiram contra a ordem política vigente. O fato é que a política, no Brasil, mais uma vez tornara-se violenta, beligerante.

Pelo que Teixeira menciona na carta, sua presença no comando da educação no Distrito Federal "(...) constituía embaraço político para o governo (...)" de Pedro Ernesto. A carta foi enviada um dia após conversa pessoal entre ambos.

> Pela conversa que tive, ontem, com vossa excelência, pude perceber que a minha permanência na Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal constituía

[9] ATC 32.03.15. Carta publicada em TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a Democracia.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p.33-35.

> embaraço político para o governo de Vossa Excelência (TEIXEIRA, [Carta] dezembro de 1935, Rio de Janeiro [para] BATISTA, P. E).

O embaraço político referido por Teixeira faz pensar nas circunstâncias de sua morte em 1971. Teixeira, em 1971, em plena ditadura civil-militar havia sido "detido para averiguações" e encontrava-se em dependências da Aeronáutica. Dois dias depois ele foi encontrado morto, no fosso de um elevador. A defesa da democracia e um sistema público de educação, gratuito e de boa qualidade, custaram a Teixeira o estigma de "comunista" e, por isso, ele certamente foi assassinado.

Em 1935, havia disputas e nelas estavam tanto integralistas como comunistas. As concepções sociais e escolares, do republicano liberal Anísio Teixeira, não se identificavam de modo algum com comunistas ou integralistas e ele menciona isso na carta:

> (...) não é possível aceitar (...) a minha exoneração sem a ressalva de que ela não envolve, de modo algum, a confissão, que se poderia supor implícita, de participação, por qualquer modo, nos últimos movimentos de insurreição ocorridos no país. Não sendo político e sim educador, sou, por doutrina, adverso a movimentos de violência, cuja eficiência contesto e sempre contestei. (TEIXEIRA, [Carta] dezembro de 1935, Rio de Janeiro [para] BATISTA, P. E)

Anísio Teixeira é bastante enfático em sua defesa, o que revela também a natureza das mensagens que ouvira de Pedro Ernesto.

> Toda a minha obra, de pensamento e de ação, aí está para ser examinada e investigada, exame e investigação que solicito, para que se lhe descubram outras tendências e outra significação, senão a de reconhecer que o progresso entre os homens provém de uma ação inteligente e enérgica, mas pacífica. Sou, por convicção, contrário a essa trágica confiança na violência que vem se espalhando no mundo, em virtude de um conflito de interesses que só pode ser resolvido, a meu ver, pela educação, no sentido largo do termo. Por isso mesmo, constrange-me, nesta hora, ver suspeitada a minha ação de educador e toda obra de esforço e de sacrifício realizada no Distrito Federal, obra que possuía a intenção profunda e permanente de indicar o rumo a seguir para se resolverem as tremendas perplexidades do momento histórico que vivemos. (Grifos nossos) (TEIXEIRA, [Carta] dezembro de 1935, Rio de Janeiro [para] BATISTA, P. E)

Progredir por educação e não por revolução, essa era a ideia de Teixeira: "(...) progredir por educação é exatamente o modo adequado de se evitarem as revoluções" (TEIXEIRA, [Carta] dezembro de 1935, Rio de Janeiro [para] BATISTA, P. E).

Em sua defesa Teixeira reafirma suas convicções democráticas, o que significava uma demarcação de fronteiras com as concepções aristocráticas do catolicismo, totalitárias dos integralistas e violentas dos comunistas: “Conservo, em meio de toda a confusão momentânea, as minhas convicções democráticas.” (TEIXEIRA, [Carta] dezembro de 1935, Rio de Janeiro [para] BATISTA, P. E).

O ambiente político tenso da época tornava o governo alvo de pressões e, certamente, eram tais pressões que faziam de sua presença no comando da educação um “embaraço” para Pedro Ernesto. Num país herdeiro das culturas escravocrata e coronelista, com forte influência do catolicismo na política e avesso à democracia e à integração social e política do povo, a defesa de um sistema de ensino público, gratuito e que, integrasse formação cultural e técnica e que possibilitasse a continuidade dos estudos para todos, era fácil de ser acusado de comunista. O trecho citado da carta demonstra essa associação que faziam entre o liberal Anísio Teixeira e o comunismo insurgente com as armas de Prestes. No trecho Teixeira se defende de uma acusação que certamente fora mencionado por Pedro Ernesto.

Com Anísio Teixeira, pode ter sido assim em 1935 e 1971. Todavia, não se deve descartar também, como elemento adicional de pressão a Pedro Ernesto pela saída de Anísio Teixeira, que o catolicismo e sua forte presença na educação dos filhos das elites brasileiras viam com maus olhos a sua identificação com a anglo-americanidade e com John Dewey.

4.4.2 As cartas entre Anísio Teixeira e Lourenço Filho:

Na década de 1930, as viagens aos EUA, realizadas por intelectuais brasileiros ligados à educação, parece ter aumentado significativamente em relação às décadas anteriores. Essa ocorrência é resultante de diferentes condições, entre as quais, os caminhos abertos por Anísio Teixeira na década de 1920. Na década de 1930, a Universidade da Colúmbia também atraiu brasileiros para cursar mestrado nos EUA. Nessas viagens pedagógicas estão também incluídos importantes nomes que tinha relações com a educação profissional, entre eles, Joaquim Faria Góis Filho, Celso Suckow da Fonseca e Lourenço Filho. No tocante à educação profissional, essa aproximação com os EUA, resultava da chegada dos industrialistas brasileiros ao governo federal. Nos anos 1930, o Brasil iniciava um processo de industrialização e consequente crescimento demográfico urbano. Tudo isso colocava exigências relativas à constituição de um

sistema nacional de educação voltado para a formação do *homo* urbano e do trabalhador industrial e comercial.

No ano de 1935, Lourenço Filho, amigo de Anísio Teixeira e também integrante do escolanovismo, foi aos EUA em viagem pedagógica, acompanhado de Delgado Filho e Carneiro Leão. Nesse período, houve troca de cartas entre Anísio Teixeira e Lourenço Filho e nessas cartas, eles dialogam sobre a experiência de estar em solo anglo-americano e sobre a condição da educação e das escolas nos EUA. Essas cartas foram analisadas por Warde, que publicou, em 2003, um artigo que focaliza a formação do intelectual e renovadora de Lourenço Filho em relação à Anísio Teixeira, pela semelhança no pensamento e no modelo de intervir no campo educacional brasileiro. Assim, as considerações acerca do conteúdo dessas cartas são feitas aqui a partir da análise desenvolvida por Warde.

Na primeira parte do artigo, Warde analisa três cartas, sendo duas de Lourenço Filho e uma de Anísio Teixeira, escritas e trocadas, nos três primeiros meses do ano de 1935. O foco principal da primeira parte do artigo de Warde é a compreensão mental que Lourenço Filho realiza a respeito do modo de ver e pensar do povo anglo-americano e da educação escolar nos EUA.

Warde situa Lourenço Filho, como a pessoa que respondia pela direção do Instituto de Educação e mantinha diálogos com Anísio Teixeira, acerca dos padrões anglo-americanos de educação. Lourenço Filho era o chefe da missão de trabalho, encomendada pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Ministério da Educação e Saúde Pública. Na carta de Lourenço a Anísio Teixeira, ele reporta detalhadamente sua visão sobre as escolas e o sistema educacional dos EUA e demonstra familiaridade e sintonia com ideias de Anísio Teixeira, principalmente por julgar Teixeira entendedor dos assuntos tratados: “(...) não é arrogante, porque evoca do interlocutor saber equivalente.” (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003).

Lourenço Filho, em seu primeiro mês de trabalho em Nova York, permanece a maior parte do tempo na Universidade de Columbia “(...) em aulas, conversas técnicas, observações, *meetings* anuais do ensino elementar”. (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Lourenço filho relata a Anísio Teixeira, seu entendimento do momento atual anglo-americano e o caracteriza como “momento realmente interessante” (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Para Lourenço Filho, havia “espíritos agitados no debate” (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Uma das questões

salientadas por Lourenço Filho a Anísio Teixeira era referente à perspectiva de controle estatal da educação: (...) “a julgar pelos jornais e pela conversas”, cresce e se impõe a ideia de “(...) controle estadual, ao menos em relação às taxas, para mais equitativa distribuição de fundos”. (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Mas Lourenço Filho salienta também que, das “(...) teorias da educação à prática, há ainda uma longa distância, na maioria das escolas”. (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003).

Lourenço relata à Teixeira sobre a formação de professores para além do aprendizado técnico. Sobre isso, Lourenço Filho relaciona tal proposta com as ideias de Anísio Teixeira: “(...) idéia muito sua, aliás, sempre preocupado com esse problema” (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Em certo ponto da carta, Lourenço Filho se refere ao amigo Anísio e não mais ao Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, onde faz algumas colocações e alguns questionamentos pessoais.

> Você me disse que eu viria a ter algumas *decepções* aqui. Lembra-se? Por ora, ainda não. Mas a maioria de meus pontos de vista se tem confirmado. A admiração por certos aspectos da vida intelectual, da amplitude da vida educacional é a mesma. A verificação da desigualdade do preparo dos professores, mesmo universitários, alguns dos quais espíritos perfeitamente primários, não me espanta (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003).

Lourenço filho se refere aos professores primários, relata que não teve uma impressão excepcional deles e questiona a Teixeira: “sempre foi assim?”. Lourenço Filho chama a atenção para a miséria e para o número de pedintes nas ruas em torno do hotel e da Universidade de Colúmbia. Novamente, Lourenço Filho em seu diálogo com Teixeira, se refere a ele como amigo e relata sobre a sua percepção sobre o modo anglo-americano de lidar com situações adversas:

> A América passa pelo grande teste, meu caro Anísio. Recebe-o com otimismo e se esforça para resolvê-lo por meios inteligentes. Mas a crise não está passada. Refletindo sobre tudo o que vejo e o que leio (sou um grande ledor dos jornais e revistas) ganho confiança em nós e em nossa gente... Quanto a certos aspectos sociais e do pensamento, verifico que você é *menos americano* do que eu próprio o supunha. Na Columbia, verifico que há alguns professores com a mesma disposição de espírito. Havemos de conversar... (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003).

A segunda carta Lourenço Filho enviou a Anísio Teixeira em 18 de fevereiro de 1935, de Washington, já tendo passado por Baltimore e Filadélfia. Na “Divisão de Pesquisa *and Results*”, Lourenço Filho relata que conversou de forma proveitosa com “notáveis técnicos”

(FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003), que estariam em pé de igualdade na luta pela educação. Em outro trecho da carta Lourenço Filho faz referência aos ensinamentos adquiridos por Teixeira nos EUA:

> De tudo, por ora, a não ser em pequenos detalhes, a conclusão é que o trabalho que aí vamos fazendo sob a sua direção, é um trabalho em que se pode ter confiança. Sua carta reafirmou a impressão de que você, ao contrário do que se pensa, sabe guardar a atitude objetiva para julgar a América, e que você com os conhecimentos aqui colhidos, tem sabido criar algo de seu, interpretando o meio social tão diverso em que vivemos. (FILHO, L. [Carta] 18 fevereiro de 1935, apud. WARDE, 2003)

À época, como já mencionado, Teixeira era o secretário da Educação no Distrito Federal e responsável por implementar reformas que tinha repercussão nacional: era tempo de experimentações escolanovistas.

Anísio Teixeira não respondeu de imediato às duas cartas que recebeu de Lourenço Filho, o que gerou questionamento e cobrança por parte dele. Anísio Teixeira quando solicitou a visita de Lourenço Filho à América, não elaborou itinerário e nem fez recomendações, fato que Anísio Teixeira justifica em sua carta resposta escrita em 28 de fevereiro de 1935. Na carta resposta, Anísio Teixeira relata que não queria interpor suas impressões às que Lourenço Filho teria por conta própria. Anísio queria dele, seus próprios julgamentos e avaliações. Para os questionamentos que surgiram, Anísio Teixeira responde e pondera de forma firme e esclarecedora. Quanto às escolas em Nova York, diz que nunca visitara nenhuma, embora lá permanecesse por dez meses. Anísio Teixeira justifica que, a obra de renovação escolar consciente e integrada, tem ocorrido mais ao Centro e Oeste dos Estados Unidos, apenas em alguns estados.

Anísio Teixeira traça dura críticas à Kendel, Rugg, Russel; usa adjetivos como “europeístas”, “crítico”, “maligno”, “estreito”, “profundo puritano”. Quanto a Counts, Anísio Teixeira o conceitua como “um pouco de ar crítico em mar alto”. (TEIXEIRA A. [Carta] 18 fevereiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Counts, Dewey e Kilpatrick são referidos na carta como “revolucionários em plena América” (TEIXEIRA A. [Carta] 18 fevereiro de 1935, apud. WARDE, 2003). Para Anísio Teixeira, os revolucionários têm o “pensamento da fronteira”, que o absorveu no período em que ele esteve nos Estados Unidos.

Warde, ao analisar as cartas trocadas entre Lourenço Filho e Anísio Teixeira, pondera o que é necessário para traçar o itinerário de formação de Lourenço Filho. Warde faz uma referência ao julgamento de Teixeira e as suas preferências nas escolas americanas:

> Na sua carta, Anísio Teixeira mescla críticas duras e ressalvas cautelosas; confessa desinteresse pelo que lhe parecia velho nas escolas dos Estados Unidos; um velho tão dominante lá como no Brasil; separa o joio do trigo ao reafirmar sua admiração por Dewey e Kilpatrick que, acrescidos de Counts, seriam os únicos pensadores "absolutamente revolucionários em plena América", "pensadores de fronteira". (WARDE, 2003, p.134).

Para Lourenço Filho, a imagem pública de Anísio Teixeira não condizia à imagem do Anísio Teixeira em uma situação privada. Em sua carta de 18 de fevereiro, Lourenço Filho salienta: "(...) você, ao contrário do que se pensa, sabe guardar a atitude objetiva para julgar a América...". (FILHO, L. [Carta] 30 janeiro de 1935, apud. WARDE, 2003).

Warde aponta que quando Anísio Teixeira respondera as cartas de Lourenço Filho, concordara com ele acerca de que "(...) os avanços educacionais norte-americanos eram tão pontuais quanto os brasileiros". Segundo Warde, Anísio Teixeira compara de forma abrangente em grau de equiparidade, as obras que estavam sendo realizadas no Brasil, com as obras anglo-americanas. Anísio Teixeira coloca as condições dos dois locais como equivalentes, porém destaca as conquistas anglo-americanas e os recursos que eles dispõem.

Warde faz uma definição mediante as observações de Lourenço Filho do que seria ser americano e chega à conclusão de que, para ele:

> Ser americano" seria, assim, enfrentar de modo objetivo, direto, sem grandes volteios, os problemas postos. Como também, seria aceitar a filosofia de vida individualista, especializada, capitalista. Ainda, acreditar menos na filosofia dos filósofos e aceitar mais a filosofia de vida do homem comum. (WARDE, 2003, p.136).

É importante ressaltar, que o conceito de "ser americano" de Lourenço Filho, é diferente do conceito de Anísio Teixeira. Considerando a avaliação de Lourenço Filho, na sua vivência do cotidiano e da rotina das escolas, nos aspectos de formação e prática dos professores, dentre outras, a educação anglo-americana não o encantou. Warde reitera que Anísio Teixeira, avaliara a educação anglo-americana, menos a partir do que sabia do funcionamento das escolas e mais dos incitamentos intelectuais vindos de pensadores como Dewey, Kilpatrick e Counts. Warde pondera que devido às diferenças dos três pensadores que influenciaram a avaliação de Anísio

Teixeira foi possível considerar um manancial de argumentos, a favor da tradição democrática norte americana. Segundo Warde, não se trata somente de uma crítica da tradição democrática norte americana:

> (...) mas de retornar aos seus fundamentos nos quais estava inscrito o princípio de que para a democracia norte-americana não havia fronteiras intransponíveis; democracia nos Estados Unidos queria dizer a prática de sempre alargar e levar mais longe as fronteiras sociais (sobre o lugar das "fronteiras sociais" na filosofia social de John Dewey, cf. dentre outros Mills, 1966). (WARDE, 2003, p.137).

Warde faz considerações sobre escritos de Anísio Teixeira, até meados dos anos de 1930, os quais identificam as influências de Dewey, Kilpatrick e Count.

> Os escritos de Anísio até meados dos anos de 1930 indicam, tal como ele mesmo declarou por muitas vezes, que sua escolha filosófica havia recaído com toda a força em John Dewey, que funcionou para Anísio como um instrumento de aglutinação de diversas tendências do pensamento social; serviu também para guiá-lo na leitura da tradição democrática norte-americana e no entendimento da escola pública como alicerce daquela tradição. O fato de ter lido Dewey pelo filtro de Kilpatrick contribuiu consideravelmente para dissolver as zonas de impermeabilidade entre as tendências de pensamento norte-americanas com as quais entrou em contato. (WARDE, 2003, p.138).

Warde salienta a falta de posicionamento na carta resposta de Anísio Teixeira a Lourenço Filho, em relação a alguns de seus questionamentos. Segundo Warde, os pensadores os quais Anísio Teixeira se propôs a estudar, quando esteve em Nova York o instigaram. Considerando as escolas visitadas por Anísio Teixeira em 1927, Warde afirma que é importante ressaltar que se tratava de escolas com padrões renovadores consolidados, diferentes da Horace Mann visitada e questionada por Lourenço Filho.

Quanto às referências ao relatório de viagem de Anísio Teixeira - *Aspectos Americanos de Educação, de 1928* - Lourenço Filho ressalta na carta que é um instrumento de aferição e confirmação do pensamento de Teixeira, no que diz respeito às observações da educação anglo-americana. Warde pondera sobre os EUA serem o único país, no qual, Anísio Teixeira visualizou a paisagem não traumática da teoria à prática da educação.

Nesse contexto, Warde descreve o Anísio Teixeira daquela época.

> Crença de cristão-novo no poder prático de teorias cientificamente orientadas; empatia imediata e irrestrita pela "teoria da educação" de John Dewey na qual teria encontrado o vetor espiritual capaz de fazer face e de derivar positivamente apelos desenfreados da materialidade moderna – problema com o qual estivera inteiramente

> envolvido em sua viagem à Europa, em 1925 (cf. Warde, 2002b, 2002e). (...) tinha olhos argutos e ouvidos refinados para pensar o pensamento; mas não formatados pela prática, pela experiência, pelo treino ou pelo experimento pedagógico. (Apud Warde, 2003, p.139).

Warde enfatiza que, o roteiro de viagem de Anísio Teixeira aos Estados Unidos em 1927, pode ser chamado de um "guia para dirigentes educacionais" (WARDE, 2002b, 2002e), tendo em vista que, as visitas às escolas focalizaram "casos exemplares" de experiências com bons resultados. Para Warde, foi uma oportunidade desperdiçada, já que a Horace Mann poderia ser um caso de como as práticas pedagógicas sedimentadas, resistiam à pressão direta e imediata dos professores do Teachers College, desde os mais até os menos "revolucionários".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o mencionado na introdução e em diferentes passagens dos capítulos, a questão de pesquisa que deu origem a esta dissertação, teve como ponto de ancoragem a dissertação de Silva (2016), cujo título é *Representações sobre Europa e América e suas escolas: comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925–1927).*

Silva (2016) pesquisou as representações do jovem inspetor Anísio Teixeira, sobre Europa e EUA e suas escolas tendo como referência os assim chamados "escritos americanos e europeus" da década de 1920. Na definição de Silva (2016), tais "escritos americanos e europeus" são constituídos por diários de bordo, súmulas teóricas, relatos e notas pessoais que foram elaborados por Anísio Teixeira, durante ou após as viagens que ele realizou em 1925 (Europa) e 1927 e 1928-9 (EUA). Entre os propósitos investigativos de Silva (2016) estavam comparar as duas representações contidas nos escritos e, ao mesmo tempo, verificar que influências tais experiências internacionais, exerceram na inclinação definitiva do jovem Anísio Teixeira pela educação pública, já que quando ele saíra do Brasil ainda era indeciso e em seu horizonte de expectativas, que figuravam entre a vida religiosa (herança da formação em escolas jesuítas), a carreira jurídica (resultado de sua formação em Ciências Jurídicas e Sociais) ou a carreira política (expectativas do pai).

Em suas considerações finais, Silva (2016) faz, entre outras, duas constatações. A primeira é referente ao resultado das comparações entre as representações que o jovem Teixeira elaborou sobre os dois mundos e suas escolas. Nos "escritos europeus", pouco volumosos relativamente aos "escritos americanos", Teixeira deu mais ênfase aos aspectos naturais, sociais e culturais do que aos aspectos educacionais. Em outros termos, Teixeira dedicou bem mais ao relato de suas impressões sobre as paisagens naturais e urbanas e às instituições e costumes europeus do que ao relato de suas impressões sobre a educação e as escolas do velho mundo. Já em relação aos "escritos americanos" Silva (2016), constatou uma situação inversa, isto é, dedicação quase total às questões da educação escolar (teóricas e práticas) e quase nenhuma anotação sobre o povo anglo-americano e suas instituições, culturas e hábitos. A segunda constatação de Silva (2016) foi referente ao impacto da experiência do jovem Teixeira nos EUA e sua inclinação pela educação. Sobre isso, Silva (2016) afirmou que, a experiência anglo-americana proporcionou ao jovem Teixeira uma representação tão positiva sobre a educação, que não seria exagero afirmar que veio dos EUA e das concepções teóricas de John Dewey e

outros renovadores, a inspiração que conduziu Teixeira a inclinar-se definitivamente pela educação pública.

Na sequência das descobertas realizadas por Silva (2016) e também das novas trilhas abertas por sua investigação, a questão de pesquisa que propus e que deu origem à minha dissertação foi referente às repercussões das viagens realizadas à Europa (1925) e aos EUA (1927 e 1929) nos escritos posteriores de Anísio Teixeira. Assim, o que se investigou é como as experiências de viagens internacionais repercutiram nas elaborações escritas de Anísio Teixeira do período de 1929 a 1951. Enfim tratava-se de saber: quais as possíveis leituras da anglo-americanidade nos discursos (1929-51) de Anísio Teixeira e como seus sentidos relacionam-se com sociedade e educação? Em outros termos, quais as elaborações que revelam apropriações da anglo-americanidade no pensamento de Anísio Teixeira no Brasil?

A questão elaborada no projeto da pesquisa foi proveniente de leituras exploratórias realizadas dos escritos anisianos do período de 1929 a 1951. As explorações inspiravam a hipótese de que, nesses escritos, Anísio Teixeira iria fazer o que não fez nos escritos da década de 1920, ou seja, elaborar uma interpretação da civilização anglo-americana e fazer circular no Brasil as ideias pedagógicas de John Dewey e outros pensadores educacionais do novo mundo.

Realizadas as investigações e feita exposição dos resultados, ao longo dos quatro capítulos da dissertação, duas conclusões podem ser sintetizadas. A primeira é referente ao preenchimento da lacuna identificada por Silva (2016) nos “escritos americanos” da década de 1920, referente à ausência de uma descrição, de uma interpretação e até mesmo de um posicionamento de Anísio Teixeira sobre a civilização anglo-americana. Como ficou demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, o primeiro livro publicado por Anísio Teixeira no Brasil, cinco anos após seu retorno, é uma consistente elaboração - descritiva e analítica - sobre a civilização anglo-americana. Ao fazê-la Anísio Teixeira não apenas identifica os EUA como uma civilização, mas compara-a com a civilização Europeia e classifica-a como uma “civilização nova”. No livro “Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos”, Anísio Teixeira não elabora uma definição conceitual sobre o significado de civilização, entretanto, a quantidade de vezes que o substantivo é empregado, não deixa margem para dúvidas de que, Teixeira tinha plena convicção sobre o sentido empregado. A interpretação de Teixeira sobre os EUA, fundamentada na sua experiência pessoal da década de 1920, era de que se tratava de uma novidade consistente. Uma novidade que articulava espírito científico, abertura para novas experiências, pragmatismo, indústria e democracia liberal. Uma novidade

capaz de articular democracia política e democracia social, individualismo e integração social, ciência, indústria e progresso social. Anísio Teixeira não era um intérprete apressado dessa nova civilização e nem agia como um "estrangeiro com olhar superficial". Para ele, a civilização anglo-americana, era um acontecimento que tinha "forças sociais em conflito" e que "tinha limitações", mas era acontecimento consistente e acumulado progressivamente ao longo de séculos de história. Era um acontecimento de referência para as demais nações do mundo.

A segunda conclusão, que pode ser aqui sintetizada, é referente às apropriações de Anísio Teixeira, sobre as referências pedagógicas produzidas pela nova civilização e de sua imediata circulação no Brasil, por meio de seus escritos e intervenções. Warde (2003), tal qual mencionado no capítulo quatro, em análise às correspondências trocadas entre Anísio Teixeira e Lourenço Filho, salienta que, as apropriações de Teixeira sobre a educação anglo-americana, havia sido mais de natureza teórica, resultantes da leitura da obra de John Dewey. A referência de Warde foi fundamentada nas observações que Lourenço Filho fizera ao seu amigo Teixeira, sobre certa precariedade que ele encontrava nas escolas anglo-americanas e nas dificuldades que lá eram enfrentadas na renovação escolar.

Interessante salientar que, o primeiro texto que Anísio Teixeira publica no Brasil, após seu retorno, é um texto de intervenção, certamente escrito como referência para palestras junto à profissionais da educação: um texto em defesa da Escola Nova. Posterior a esse texto, Teixeira faz outras publicações, todas elas referentes à educação. Em todas as publicações do período estudado, Anísio Teixeira faz referências diretas às ideias dos reformadores anglo-americanos, mas em nenhuma publicação, ele se refere a exemplos práticos que observou nos EUA, isso parece legitimar a conclusão de Warde. Além disso, parece também confirmar que, Teixeira sabia das particularidades do Brasil, em relação aos EUA e que sua tarefa, não era a de importar modelos, mas de se inspirar nas concepções escolanovistas e de elaborar e implementar no Brasil, propostas compatíveis com a realidade nacional. De qualquer forma, a principal apropriação que Teixeira faz dos reformadores educacionais anglo-americanos é acerca da relação inextrincável entre educação pública de boa qualidade e democracia social.

Foi essa ênfase, na defesa da democracia e de uma escola para todos - escola pública, gratuita e laica - que custou a Anísio Teixeira, sua demissão da Secretaria da Educação do Distrito Federal em 1935 e sua surpreendente morte no fosso de um elevador em 1971, poucos dias após ser preso para "averiguações", por agentes da ditadura civil-militar que se apossara do poder em 1964.

6 REFERÊNCIAS

ARISTÓTOLES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

AZEVEDO, Fernando; et al (org). **Anísio Teixeira**: pensamento e ação. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1960. 326p.

AZEVEDO, Fernando; et al. O manifesta dos pioneiros da Educação Nova (1932). **Revista HISTEDBR**, on-line, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006.

BAGLEY, William C. Early career, teachers college: 1874-1946. **State University.com**, s.d. Disponível em: < http://education.stateuniversity.com/pages/1780/Bagley-William-C-1874-1946.html >. Acesso em: 14 ago. 2018.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política AZ**, 11. ed. Brasília: Editora:UNB, 1983. Vol. 1, 1358p. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 07 ago. 2018.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

BUYSE, Omer. **Methodos americanos de educação geral e technica**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1927. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135019>. Acesso em: 08 fev. 2017.

CARDOSO, Silmara de Fátima. **Viajar é inventar o futuro:** narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatórios de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925–1927). 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARVALHO, Darlene Olinda Costa de. **Educação escolar e americanismo em escritos de 1927 e 1934 de Anísio Teixeira**. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica)– Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CLAPARED, Eduard. Biografia. **Brasil Escola on line**, São Paulo, s.d. Disponível em: < https://brasilescola.uol.com.br/biografia/edouard-claparede.htm>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FEAZÃO, Dilva. **William James**: filósofo e psicólogo norte-americano: biografia. Ebiografia, fev. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/william_james/>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

MINGNOT, Ana Crystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (orgs). **Viagens pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2007.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Massangana. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PEDROSA, José Geraldo**.** O americanismo e trabalho em Monteiro Lobato. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 4., 2011, Curitiba. **Anais**... Curitiba: UTFPR, 2011. Disponível em: < http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt016-americanismoe.pdf >. Acesso em: 08 fev. 2017.

PRADO, Eduardo. **A ilusão americana.** 6ed. São Paulo: Alfa Omega, 2001.

SILVA, Maxwel Ferreira. **Indústria, trabalho e ensino profissional nos discursos (1918-42) de Roberto Cochrane Simonsen:** os sentidos do americanismo. 2015. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica)– Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Reisla Suelen de Oliveira. **Representações sobre Europa e América e suas escolas:** comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925–1927). 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica)– Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

TEIXEIRA Anísio, **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. 2d. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA Anísio, **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1934.

TEIXEIRA Anísio, **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TEIXEIRA, Anísio. Anotações de viagem aos Estados Unidos. In: NUNES, Clarice (Org.). **Aspectos americanos de educação e anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. ATC 32.03.15: carta. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. 2d. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Autonomia para educação na Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.11, n.29, p.89-104, jul./ago. 1947.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Pedro Ernesto Batista, Rio de Janeiro, dezembro 1935**. Localizada no Centro de Processamento de Documentos (CPDOC) / Fundação Getúlio Vargas (FGV). 3f. Pedido de demissão da Educação Pública do Distrito Federal. Dezembro de 1935.

TEIXEIRA, Anísio. Discurso de posse do Director Geral de Instrucção Pública. **Boletim de Educação Pública**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p.75-76, jan./jun. 1932.

TEIXEIRA, Anísio. Entrevista concedida por Anísio Teixeira ao jornal A NAÇÃO, em 04/03/1933. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Entrevista concedida por Anísio Teixeira ao O JORNAL, em 08/06/1934. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **O manifesto dos pioneiros da educação nova**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.65, n.150, maio/ago. 1984. p.407-425.

TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". **Boletim da Associação Bahiana de Educação**. Salvador, n. 1, p.2-30, 1930.

TEIXEIRA, Anísio. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário. **Boletim de Educação Pública.** Rio de Janeiro, v.2, n.1/2, p. 110-117, jan./jun. 1932.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América:** lei e costumes: de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Livro I.

WARDE, Mirian Jorge, O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 3, n. 5, jan/jun. 2003. 43p.

APÊNDICE A: Fontes da pesquisa

TEIXEIRA Anísio, **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. 2d. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA Anísio, **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1934.

TEIXEIRA Anísio, **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TEIXEIRA, Anísio. Anotações de viagem aos Estados Unidos. In: NUNES, Clarice (Org.). **Aspectos americanos de educação e anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. ATC 32.03.15: carta. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. 2d. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Autonomia para educação na Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.11, n.29, p.89-104, jul./ago. 1947.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Pedro Ernesto Batista, Rio de Janeiro, dezembro 1935**. Localizada no Centro de Processamento de Documentos (CPDOC) / Fundação Getúlio Vargas (FGV). 3f. Pedido de demissão da Educação Pública do Distrito Federal. Dezembro de 1935.

TEIXEIRA, Anísio. Discurso de posse do Director Geral de Instrucção Pública. **Boletim de Educação Pública**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p.75-76, jan./jun. 1932.

TEIXEIRA, Anísio. Entrevista concedida por Anísio Teixeira ao jornal A NAÇÃO, em 04/03/1933. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Entrevista concedida por Anísio Teixeira ao O JORNAL, em 08/06/1934. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". **Boletim da Associação Bahiana de Educação**. Salvador, n. 1, p.2-30, 1930.

TEIXEIRA, Anísio. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário. **Boletim de Educação Pública.** Rio de Janeiro, v.2, n.1/2, p. 110-117, jan./jun. 1932.

WARDE, Mirian Jorge, O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 3, n. 5, jan/jun. 2003. 43p.